ORIGEM E HISTÓRIA
DA DOUTRINA DE
PUNIÇÃO SEM FIM

POR

THOMAS B. THAYER.

Prove todas as coisas • retenha o que é bom. - Paulo.

NOVA EDIÇÃO AMPLIADA.

BOSTON:
EDITORA UNIVERSALISTA.

1881.

PREFÁCIO.

Este pequeno trabalho foi escrito com o propósito de fornecer um esboço do argumento pelo qual é mostrado que a doutrina da Punição Infinita *não* é de origem divina, mas rastreável diretamente a uma fonte pagã.

Não pretende ser uma discussão filosófica ou crítica detalhada do assunto, como o tamanho do livro mostra; mas apenas como uma apresentação popular do método de prova e dos principais fatos e autoridades em que o argumento se baseia.

Aqueles que têm tempo e as fontes de informação à disposição, podem entrar em uma investigação mais completa por si mesmos. Para tal este trabalho não foi projetado; mas para aqueles que, não tendo a oportunidade, nem os livros necessários para um exame completo e crítico da questão, desejam uma breve exposição dos fatos e argumentos em que se baseia a afirmação de que a doutrina dos tormentos sem fim é de origem pagã.

Isso explicará a ausência de muitas coisas que o leitor poderia justamente esperar encontrar aqui e que legitimamente reivindicam lugar em uma obra que leva o título desta.

O assunto tratado é de grande importância e diz respeito igualmente à pureza da doutrina cristã e à felicidade e virtude dos que crêem. É a cada dia atraindo mais e mais atenção de mentes sérias e ponderadas. E por todos os lados, e em igrejas de todas as denominações, há crescente investigação sobre os fundamentos da doutrina, e dúvidas crescentes sobre sua origem e autoridade divinas. É possível que as páginas a seguir ajudem a responder algumas das perguntas que surgem desse estado de espírito e a mostrar como uma doutrina, completamente pagã em origem e caráter, veio a ser adotada pela igreja cristã.

A venda da primeira edição de quase dois mil exemplares no espaço de três ou quatro meses, sem nenhuma forma de propaganda, me encorajou a acreditar que a obra atende a uma necessidade real e

será útil à causa da Verdade. Na preparação da presente edição fiz acréscimos consideráveis; e, creio, melhorias também, na esperança de torná-la mais valiosa e mais útil. Dois capítulos e duas seções inteiras foram adicionados, e os capítulos três, quatro e seis foram grandemente ampliados, e o argumento ilustrado e fortalecido por novos fatos e autoridades.

Ainda assim, o livro está longe de ser o que eu gostaria, ou o que poderia ser feito, se o tempo e todos os meios de investigação estivessem à disposição. No entanto, tal como é, eu o envio para fazer a obra que for possível; acreditando que, no conflito de opiniões somente a verdade é imortal e alegremente confiante, portanto, que, finalmente, todo erro e todo mal perecerão.

Desde que o acima foi escrito, este trabalho passou por várias grandes edições. A presente edição conta com depoimentos adicionais que fortalecem o argumento em suas diversas vertentes. A maioria delas, com exceção das

pertencentes aos Capítulos III. e IX., que estão inseridos no corpo do texto, são reunidos em um único capítulo ao final do livro; e para facilitar a referência, foram acrescentadas notas aos capítulos e seções a que pertencem individualmente.

Boston, janeiro de 1871.

CONTEÚDO.

CAPÍTULO I.

O PERÍODO ANTES DA LEI.

CAPÍTULO II.

O PERÍODO NA LEI.

A INTRODUÇÃO DA DOUTRINA NA IGREJA CRISTÃ.

CAPÍTULO VII.

A DOUTRINA CRIA UM ESPÍRITO CRUEL E VINGATIVO ILUSTRADO NA HISTÓRIA.

CAPÍTULO VIII.

A INFLUÊNCIA MORAL COMPARATIVA DA CRENÇA E DESCRENÇA NA PUNIÇÃO SEM FIM — CONTRASTE HISTÓRICO.

CAPÍTULO IX.

A INFLUÊNCIA DA DOUTRINA NA FELICIDADE DE SEUS CRENTES — ILUSTRADA EM SUAS PRÓPRIAS CONFISSÕES.

CAPÍTULO X.

SEÇÃO X.5
ADIÇÕES AO CAP. VI. A INTRODUÇÃO DA DOUTRINA NA IGREJA CRISTÃ.

SEÇÃO X.6
ADIÇÕES AO CAP. VIII. A INFLUÊNCIA MORAL COMPARATIVA DA CRENÇA E DESCRENÇA NA PUNIÇÃO SEM FIM. CONTRASTE HISTÓRICO.

* * *

ORIGEM E HISTÓRIA
DA DOUTRINA DE
PUNIÇÃO SEM FIM

CAPÍTULO I.

O PERÍODO ANTES DA LEI.

As duas posições seguintes serão admitidas sem questionamento, acredito, por todos os cristãos.

1º. Se a doutrina do castigo sem fim for, como afirmado por seus crentes, absoluta e indispensavelmente necessária para a preservação da virtude e para perfeita obediência às leis de Deus; se esta é a influência salutar e salvadora da doutrina, então constitui uma das razões mais fortes possíveis para ela ser revelada ao homem no período mais antigo da história do mundo.

2º. Se a punição sem fim é verdadeira, é terrivelmente verdadeira para todos aqueles que estão em perigo; e se for verdade, toda a humanidade está em perigo - onde se encontra outra poderosa razão pela qual deveria ter sido divulgado da maneira mais clara, na própria manhã da criação! [012] Da forma mais clara: não deveria ter ficado na dúvida e na obscuridade, pelo uso de termos

indefinidos; mas deveria ter sido proclamado em linguagem que nenhum homem poderia entender mal, se quisesse. Em vez de haver a possibilidade de um erro em uma questão de momento tão vasto e terrível, deveria ter sido gravado por um milagre especial em cada alma que Deus enviou ao mundo.

Vamos, então, investigar se temos tal revelação da doutrina. Quando Deus criou Adão e Eva e os colocou no jardim do Éden, anunciou-lhes alguma lei para sua observância, acrescentando-lhe a penalidade em questão? Certamente a justiça exigia, se ele os tivesse forçado a estar sujeitos a esse terrível perigo, que ele expusesse diante deles a lei e sua punição da maneira mais específica. Ele fez isso? Onde está o registro disso? Leia diligentemente o primeiro e o segundo capítulos de Gênesis e veja se algo desse tipo está registrado ali, em conexão com a criação do homem.

No capítulo 2:15-17, temos esta declaração: "E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o

lavrar e guardar. E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo. De toda árvore do jardim podes comer livremente; [013] mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás."

Este é o único registro que temos sobre o assunto; mas não há lei moral aqui, que seja declarada como a futura regra de vida para eles e para toda a sua posteridade. Eles são simplesmente ordenados a não comer da árvore proibida. Agora, quer isso seja entendido em sentido literal ou alegórico, não podemos supor que tenhamos aqui o anúncio formal de uma lei divina, que exigia a obediência de toda a humanidade sob pena de tormento sem fim. Certamente não podemos acreditar que Deus abriria o grande drama de nossa vida nesta terra, envolvendo consequências tão infinitas, em linguagem tão breve e duvidosa, e com tão pouca especificação onde tanto era necessário.

No que diz respeito à pena por desobedecer ao mandamento, encontramos alguma afirmação que possa ser confundida com uma punição sem fim? Deus diz: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás"; mas isso está muito longe de dizer: "depois da morte do corpo, você será submetido aos tormentos de um inferno sem fim".

Dizem-nos, com certeza, que isso significa "morte temporal, morte espiritual e morte eterna"; mas onde está a prova disso? Uma doutrina tão terrível não deve ser assumida, mas demonstrada por evidências inquestionáveis. [014] Quem pode acreditar que Deus revelaria uma punição tão terrível em linguagem tão facilmente incompreendida - pela única palavra "morrer", um termo empregado em uma variedade de sentidos, capaz de uma latitude tão ampla de uso?

Algum pai terreno, se a salvação imortal de seus filhos estivesse em jogo, teria sido tão descuidado com seu discurso? Ele teria escolhido uma linguagem tão sujeita a erros? Ele não preferiria ter anunciado a

terrível verdade em palavras que não admitiriam nenhuma dúvida possível? Além disso, se os terrores dessa punição são tão eficazes na prevenção da transgressão, esse foi outro motivo para uma declaração específica das consequências da desobediência. Se o argumento sobre esse ponto for bom, uma ameaça clara e aberta de infortúnio sem fim no próprio portão do Éden, quando eles entraram, poderia tê-los afastado da árvore proibida e salvado a eles e à nossa raça dos terríveis males que se seguiram. a introdução do pecado no mundo.

Mas vamos nos voltar agora para o registro de sua transgressão, e de alguns outros exemplos, onde, se a doutrina é de origem e autoridade divinas, podemos certamente esperar encontrá-la anunciada, e o peso de sua terrível maldição lançada sobre as vítimas culpadas.

1. A primeira transgressão. Gên 3:1-16. Como este é o começo da triste tragédia do mal, [015] podemos procurar alguma revelação distinta da doutrina em questão,

se for de Deus; no entanto, nenhuma palavra é dita em referência a ela, nem há qualquer ameaça de punição que possa ser confundida com ela!

A serpente é amaldiçoada e a terra é amaldiçoada; mas o homem e a mulher não! E observe cuidadosamente todas as palavras da sentença, e embora seja feita menção de males a serem suportados nesta vida, nem a mais distante alusão é feita a qualquer mal ou punição além desta vida. Agora, se a doutrina do tormento interminável após a morte é verdadeira, como podemos explicar isso? É possível que Deus seja tão cuidadoso em mencionar todos os males menores e omita totalmente toda menção aos terríveis problemas que não terão fim?

Quem pode acreditar que um legislador e governante justo lidaria assim com seu povo? E de todas as coisas, quem pode acreditar que o Pai divino trataria assim traiçoeiramente com seus próprios filhos?

Mas quão diferente é o caso, quando chegamos à doutrina de uma presente retribuição pelo pecado. Logo no início,

Deus adverte nossos primeiros pais contra a transgressão, e nos termos mais positivos declara a Adão: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás. Não está claro o suficiente? No mesmo dia da transgressão eles morrerão, ou sofrerão o castigo de seus pecados, e isso claramente, além de qualquer dúvida. E essa garantia de Deus foi cumprida? Com toda certeza; [016] pois assim que pecaram, a retribuição começou e eles morreram para a paz e alegria da inocência. O dia da transgressão era o dia do julgamento. Eles descobriram que o salário do pecado era a morte, ou, em outras palavras, a miséria, o medo, a angústia e todas as terríveis consequências do erro. E que seu caso pode ser proveitoso sua posteridade, uma declaração cuidadosa das tristes conseqüências da transgressão é feita e registrada como um aviso para as gerações futuras.

2. Caim; ou o assassinato de Abel Gênesis 4:1-16. Aqui temos um exemplo do maior de todos os crimes, assassinato -

o assassinato de um irmão! Certamente podemos agora esperar que a doutrina da punição sem fim seja revelada; e parece que, se for verdade, não há como evitar mencioná-la. Esta foi a primeira ocorrência deste terrível crime, e, Caim exposto à terrível penalidade, esta era a hora de espalhar o trovão de seus terrores através do mundo, como um aviso para todas as gerações vindouras! Isso deve ter sido feito, se for verdade; e, no entanto, em todo o relato, não temos uma única palavra sobre o assunto, nem a menor indicação de que tal punição foi ameaçada.

Todo o registro é o seguinte: “E o Senhor disse a Caim: A voz do sangue de teu irmão clama a mim desde a terra! E agora tu és amaldiçoado da terra, que abriu sua boca para receber o sangue de teu irmão de tua mão. Quando tu cultivares o solo, doravante não te cederá sua força; um fugitivo e um vagabundo tu serás na terra." [017] Quando tu cultivares o solo doravante, ele não te cederá sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra”.

Isso é tudo o que temos em termos de punição ou ameaça; e há algo aqui que se pareça com tormentos sem fim além desta vida? qualquer coisa que sugira a idéia de tal julgamento? Nada mesmo ; o homem culpado é amaldiçoado da terra, que deve recusar os frutos dela para sua cultura, e é expulso como um vagabundo; e isso é tudo.

E é evidente que Caim não entendia as ameaças de julgamento como implicando sofrimento sem fim, pois seus medos estão todos confinados à terra - o medo da vingança, de ser morto e os horrores da vida de um pária e um vagabundo. "E Caim disse ao Senhor: Meu castigo é maior do que posso suportar. Eis que hoje me expulsaste da face da terra; e de tua face me esconderei; e serei um fugitivo e um vagabundo na terra; e acontecerá que todo aquele que me encontrar me matará". Estes são todos os males dos quais Caim faz menção; e em vista deles ele exclama: "Meu castigo é maior do que posso suportar".

Agora, colocamos a questão, pode ser o castigo, além das punições aqui nomeadas. Caim deveria ser submetido a tormentos intermináveis após a morte, e ainda ser deixado totalmente ignorante do terrível destino que o esperava? [018] E se o culpado e miserável pensou que o castigo anunciado era maior do que ele poderia suportar, o que ele teria dito, se, além disso, houvesse ameaças de agonias de um inferno sem fim?

E é possível acreditar, se esse fosse o propósito de Deus, que ele ficaria totalmente calado em relação a isso? Seria correto ficar calado, se o terrível destino de Caim pudesse ter servido como um aviso e uma restrição para todos os que viessem depois dele?

Mas novamente ; é dito no versículo 15: "Portanto, qualquer que matar Caim, a vingança será sete vezes maior." Se o tormento infinito e sem fim é o castigo de Caim, como pode sete vezes mais do que isso ser infligido a outro? No entanto, assim está escrito e, portanto, ou a punição de Caim não foi uma desgraça

sem fim, ou pode haver algo como uma desgraça sem fim sete vezes maior!

3. O dilúvio ou a destruição do velho mundo. Gênesis 6:8. Aqui temos um dos exemplos mais notáveis de maldade e julgamento registrados na Bíblia; e se algo for dito sobre o assunto de punição sem fim, podemos procurá-lo aqui com a certeza de encontrá-lo. A descrição da extrema maldade das pessoas que foram destruídas no dilúvio pode ser vista nos versículos 6, 11 e 13, do capítulo 6. O coração foi dado ao mal, e "somente o mal continuamente; " "a terra se encheu com violência, e toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra.” [019] Aqui, então, era precisamente o tempo, aqui as circunstâncias, que requeriam a revelação e a pregação do castigo sem fim, se, como afirmado, sua influência é restritiva e salvívica. Esta foi a ocasião, melhor do que todas as outras, para tornar conhecido, que, por meio de seu poder aterrador e subjugador, as pessoas depravadas e corrompidas podem ser convertidas de seus pecados, e o mundo

assim salvo dos horrores esmagadores do dilúvio.

E ainda aqui, também, nenhuma palavra é dita sobre o assunto em todo o relato. Noé, que era "um pregador da justiça", não era um pregador do castigo sem fim. Nenhuma menção é feita de ele ter murmurado uma sílaba em referência a isso; nem há uma única linha no registro desse evento, mostrando que Deus ameaçou isso ou que foi feita qualquer tentativa de restringir ou reformar o povo por meio de sua influência. Se a doutrina exerce a influência favorável a ela atribuída, Deus fez tudo o que poderia ter feito para reformá-los e salvá-los?

Mas novamente ; no relato de seu julgamento, somos informados de que eles foram destruídos pelo dilúvio da face da terra, tudo o que respirava; e com isso o registro fecha. — 6:11-17; 7:10-24. Agora, se, como afirmado, eles não foram apenas destruídos pelo dilúvio, mas depois foram submetidos às torturas do mundo de infortúnio incessante, não é estranho que nenhuma menção seja feita a isso - nem

mesmo uma alusão a isso? [020] É possível que tudo o mais seja cuidadosamente relacionado, até a altura das águas acima das montanhas, e o número de dias que elas prevaleceram, e ainda que os tormentos infinitos e indescritíveis do inferno, a parte mais terrível do julgamento, e o mais importante para o mundo e para nós, ser totalmente omitido, e isso sem uma palavra de explicação?

4. Destruição de Sodoma e Gomorra. Gênesis 18, 19. Aqui temos outro exemplo de notável maldade e de terrível julgamento. No entanto, examinando, não encontramos nenhum aviso dado aos sodomitas de um fogo sem fim, ao qual a alma seria submetida, após o fogo pelo qual o corpo deveria perecer. A extrema maldade do povo é apresentada com poder gráfico, na cena descrita no capítulo 18:23-33; e parece uma ocasião apropriada para uma revelação de punição sem fim, se for verdade; pois tais, se houver, certamente devem ser suas vítimas. Mas, se nos voltarmos para o

registro, capítulo 19:24,25, descobriremos que não contém nenhum indício do assunto, nem no sentido de advertir os sodomitas, nem da história para restringir futuros transgressores. Se for verdade, como essa omissão pode ser explicada em harmonia com os reconhecidos princípios de justiça, para não falar da misericórdia?

O que diríamos de um governante que deveria publicar uma lei, apondo-lhe a pena de dez açoites para cada transgressão; [021] e então, tendo infligido isso, deve proceder para queimar o ofensor em fogo lento, até que ele afunde sob a tortura e morra? E o que deveríamos pensar se, com diabólica engenhosidade, ele planejasse manter cada uma de suas vítimas vivas por um ano inteiro, por dez anos, a fim de que a lenta tortura pudesse ser prolongada nesse tempo; e tudo isso mantido em segredo quando a lei foi publicada, e a pena trivial de dez açoites declarada como punição?

No entanto, este é precisamente o estado do caso no julgamento em análise, se os

sodomitas fossem enviados a tormentos sem fim.

A dificuldade não é removida por referência a Judas 7. Pois, em primeiro lugar, a expressão "sofrendo a vingança do fogo eterno" não estabelece o ponto de sofrimento sem fim, - fogo "eterno" e fogo sem fim sendo duas coisas , bastante distintas entre si. A palavra original significa simplesmente tempo indefinido (aiônios). Em segundo lugar, diz-se, eles são "apresentados como um EXEMPLO, sofrendo a vingança", etc. Agora, o próprio argumento é baseado no fato de que a história da queda de Sodoma não fornece um exemplo de tormento sem fim, uma vez que nem uma palavra é dita sobre o assunto por Moisés, do começo ao fim de seu relato! Onde, então, está o exemplo?

Admitindo que a interpretação comum de Judas seja correta, ela está envolta em uma dificuldade inextricável: [022] **1º.** Afirma uma falsidade, uma vez que os sodomitas não foram apresentados como um exemplo de punição sem fim no mundo

invisível, pois nenhum registro disso é dado por Moisés, ou pelos profetas, ou por qualquer escritor sagrado. **2º.** Como é que toda menção ao assunto deveria ter sido omitida até a época de Judas, e então introduzida, como é claramente, incidentalmente, a título de ilustração? Se existe algum poder restritivo no exemplo, por que ele foi escondido do mundo por mais de dois mil anos? Por que o terrível destino que os esperava não foi revelado às vítimas em primeiro lugar? Isso poderia tê-los salvado. Por que o historiador sagrado não explicitou isso, para que os milhões que viveram e pereceram entre o evento e a época de Judas pudessem ter o benefício do exemplo? Se ele foi inspirado, ele não sabia disso? e se sim, por que ele ficou em silêncio?

Mas, como exemplo do julgamento divino sobre os ímpios aqui, neste mundo, visível para todas as futuras gerações de homens, a destruição de Sodoma foi digna de nota especial, e exatamente ao ponto do argumento de Judas. E é sob esta luz que

é vista por alguns dos mais bem informados comentaristas ortodoxos.

Benson, em sua nota sobre o lugar, diz: "Por sofrerem a punição do fogo eterno, São Judas não quis dizer que aquelas pessoas perversas estavam então, e sempre estariam, queimando no fogo do inferno. [023] Pois ele sugere que o que eles sofreram foi exposto à *opinião pública* e apareceu a todos como um exemplo do desagrado de Deus contra o vício. Aquele fogo que consumiu Sodoma, etc., pode ser chamado de eterno, pois queimou até que tivesse totalmente os consumiu, além da possibilidade de serem habitados ou reconstruídos".

As observações de Whitby são semelhantes: "Diz-se que eles sofrem a vingança do fogo eterno, não porque suas almas sejam atualmente punidas no fogo do inferno, mas porque eles e suas cidades pereceram por aquele fogo do céu, que trouxe uma destruição perpétua e irreparável sobre eles. Também não há nada mais comum e familiar nas Escrituras do que representar uma

visitação completa e irreparável, cujos efeitos e sinais ainda devem permanecer, pela palavra *aionios*, que aqui traduzimos com *eterna*.

Gilpin diz: "O apóstolo não pode estar querendo dizer punições futuras, porque ele as menciona como algo que deveria ser um exemplo visível para todos." E outros com o mesmo efeito; - veja as seleções de Paige no local.

E assim podemos seguir a investigação em relação a cada caso de grande maldade, ou de grandes crimes; [024] e devemos encontrar uma declaração específica, em todos os casos, dos julgamentos infligidos na terra, até o artigo da morte, mas o mesmo silêncio maravilhoso em relação ao julgamento adicional de tormento sem fim após a morte. Temos relatos dos Construtores de Babel, dos irmãos de José, da destruição do Faraó e seu exército. A esposa de Ló, etc., mas nenhuma palavra em qualquer um desses julgamentos relacionados à angústia sem fim - nem uma palavra de qualquer julgamento após a morte. Se

esses pecadores foram entregues, depois de sofrerem as punições registradas na Bíblia, a punições infinitamente maiores a serem perpetuadas sem fim, então a ocultação mais estudada foi propositadamente mantida em relação ao assunto pelos escritores das Escrituras, ou então eles foram tão totalmente ignorantes de todo o assunto como nós.

Mas nenhuma razão concebível pode ser imaginada para ocultar esse tremendo fato, se fosse um fato, mas todas as razões para revelá-lo e afirmá-lo a todo o mundo. Se eles soubessem ou acreditassem em algo desse tipo, não poderiam ter ficado calados. A única inferência possível é que as pessoas antes da Lei certamente não sabiam nada sobre a doutrina dos tormentos sem fim após a morte. Se for verdade, não foi revelado no longo período de dois mil e quinhentos anos, desde a criação até a entrega da Lei no Monte Sinai. É impossível acreditar que, se fosse verdade, Deus teria mantido seus filhos no escuro durante todo esse tempo; que nenhum indício disso, nenhuma alusão a

isso, teria encontrado lugar em Sua revelação aos Patriarcas; que Ele nunca teria ameaçado nada que beirasse isso, [025] em casos de extrema maldade como o de Caim, os habitantes de Sodoma e os habitantes corruptos do velho mundo.

A conclusão justa e inevitável, então, é que, por vinte e cinco séculos, Deus não teve nenhum desígnio ou pensamento de infligir um mal tão terrível quanto uma punição sem fim a Seus filhos. E, portanto, se o encontrarmos revelado em qualquer porção subseqüente da Bíblia, ficará evidente que é um propósito que Ele formou a partir ou depois do período patriarcal; que não fazia parte de Seu plano original do mundo, mas algo que Ele incorporou a ele depois.

O próximo passo, portanto, nesta investigação, é fazer o exame dos registros da Lei, a fim de verificar se temos ali alguma revelação da doutrina.

CAPÍTULO II.

O PERÍODO NA LEI.

Atualmente é amplamente conhecido e admitido, pelos crentes na doutrina da punição sem fim, que ela não é revelada nem reconhecida pela Lei de Moisés. Os fatos a esse respeito são tão palpáveis e conclusivos para todo estudante diligente da Bíblia, que seria difícil negar que a dispensação mosaica é totalmente uma dispensação de recompensas e punições *terrenas*; que suas retribuições seguem prontamente os passos da transgressão. Tanto os registros da Lei quanto a história do povo judeu por um período de mil e quinhentos anos mostram isso com uma clareza e plenitude além de qualquer dúvida, como veremos a seguir.

SEÇÃO II.1

ARGUMENTO DA PRÓPRIA LEI E DA HISTÓRIA DOS JUDEUS.

Vamos primeiro examinar a notável declaração da questão contida em

Deuteronômio 28. O espaço me permite citar apenas alguns versículos, mas eu sinceramente solicito ao leitor, [027] antes de prosseguir, que pegue a Bíblia e examine cuidadosamente o capítulo inteiro, o que é extremamente importante para nossa investigação.

"Acontecerá que, se não ouvires a voz do Senhor teu Deus, para teres cuidado de cumprir todos os seus mandamentos e estatutos que hoje te ordeno, todas estas maldições virão sobre ti e te alcançarão: Maldito serás na cidade, e maldito serás no campo; maldita será a tua cesta e o teu celeiro; maldito será o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, o aumento do teu gado e o rebanhos das tuas ovelhas. Maldito serás ao entrares, e maldito serás ao saires. O Senhor enviará sobre ti maldições, vexame e repreensão em tudo o que puseres a mão para fazer.... Ele ferir-te-á com tuberculose e com febre, com crestamento e bolor; e o Senhor fará com que a peste se apegue a ti, até que te consuma de sobre a terra a qual passas a possuí-la.

"Além disso, todas estas maldições virão sobre ti, e te perseguirão até que sejas destruído; porque não deste ouvidos à voz do Senhor teu Deus, para guardares os seus mandamentos e os seus estatutos, que te ordenou. Senhor teu Deus com alegria e alegria de coração, pela abundância de [028] todas as coisas, portanto servirás aos teus inimigos que o Senhor enviará contra ti, com fome e com sede e com nudez e em falta de tudo. E o teu inimigo te sitiará em todas as portas, até que caiam os teus altos e fortes muros, em que confiavas. Gerarás filhos e filhas, mas não os desfrutarás, porque irão para o cativeiro. E serás por pasmo, por provérbio e por fábula entre todas as nações a que o Senhor te conduzirá".

Agora aqui, neste importante documento, estabelecemos detalhadamente, e com toda variedade de especificações, os julgamentos e punições com os quais Deus ameaça visitar os judeus por suas transgressões de suas leis; mas nenhuma palavra é proferida a respeito das punições de um inferno sem fim após a

morte. Todos os males que cairão sobre eles são de caráter temporal, apenas os que podem ser infligidos a eles enquanto estão no corpo, enquanto estão na terra: pragas e doenças, morcego no gado e mofo em suas vinhas e grãos; gafanhotos nos campos e pomares; fome, sede e nudez; maldições na cidade e no campo, maldições em casa e no exterior; a desolação de seu país por seus inimigos, exílio e cativeiro.

Estas são as únicas penalidades anexadas à Lei de Moisés das quais temos alguma informação; e elas foram totalmente cumpridas nas cabeças das pessoas ofensoras e rebeldes. [029] "Ao longo de sua história, existe um sistema de estrita justiça retributiva, da qual o Deus de Jacó é o administrador. No âmbito dessa dispensação peculiar, a virtude encontrou sua recompensa e o vício sua punição, com uma regularidade que foi ao mesmo tempo infalível e notória. A nação é apresentada a nós sob atitudes muito diferentes; sob juízes, sob reis, na paz e na guerra, vitoriosa e

vencida, próspera e aflita, em casa e no exterior, livre e em cativeiro; mas qualquer que seja a situação ou período em que vemos sua história, deparamo-nos imediatamente com o princípio em questão".

Isso é estritamente verdade. Toda a história do povo judeu como nação e como indivíduos, de geração em geração, mostra com que exatidão as ameaças da lei foram cumpridas nos julgamentos. Quando eram obedientes, o Senhor os prosperava e os recompensava com estações frutíferas, com crescente riqueza e poder, e os tornava superiores a seus inimigos. Mas quando eles eram rebeldes e perversos, seguiam-se adversidades, derrotas, cativeiro e todas as calamidades físicas ameaçadas na Lei.

Mas durante todo esse tempo não temos uma sílaba de um infortúnio sem fim que deve ser adicionado a todos os outros infortúnios. Em nenhum caso de rebelião contra Deus, nem quando sua corrupção e idolatria estavam no mais alto alcance do crime e da blasfêmia, [030] os

encontramos ameaçados com os tormentos de um inferno além da vida atual.

Agora, se eles realmente tiveram esse fim, se eles foram realmente lançados neste inferno eterno, é a coisa mais inexplicável, no governo de Deus, que Ele faça isso sem uma nota de advertência às vítimas; e, ao mesmo tempo, não deixe uma linha ou palavra de seu terrível destino registrado, como um aviso para potenciais futuros transgressores!

Mas vamos agora olhar para um ou dois casos de crime individual, onde podemos justamente esperar encontrar alguma declaração aberta da doutrina, se verdadeira.

1. O caso de Abimeleque. Juízes 9.

"Temos sua ofensa declarada nos versículos 5 e 6: "E Abimeleque foi à casa de seu pai em Ofra, e matou seus irmãos, os filhos de Jerubaal, sendo setenta pessoas, sobre uma pedra .... E todos os homens de Siquém se reuniram na casa de Milo, e foram e fizeram Abimeleque rei."

Aqui está o pecado, e é horrível o suficiente. Nada pode superar este sacrifício sangrento no altar da ambição. De uma só vez, setenta assassinatos, e as vítimas seus próprios irmãos, osso de seu osso, carne de sua carne; e através deste mar de sangue familiar, ele caminhou até o trono! Certamente, se alguma vez houve um pecador da tonalidade "da escuridão das trevas", este Abimeleque era o homem; [031] e se o poço flamejante da angústia sem fim não é uma ficção, mas um fato solene, agora ouviremos algo sobre isso no sentido de recompensar o pecado desse miserável culpado.

Bem, aqui está o registro: "E Abimeleque veio à torre e lutou contra ela, e uma certa mulher lançou um pedaço de pedra de mó sobre a cabeça de Abimeleque e quebrou-lhe o crânio. Então ele chamou apressadamente o jovem, seu escudeiro, e disse-lhe: Desembainha a tua espada e mata-me, para que não se diga de mim, uma mulher o matou. E seu jovem o traspassou, e ele morreu. . . . Assim Deus pagou a maldade de Abimeleque, o que ele

fez a seu pai, matando seus setenta irmãos; e todo o mal dos homens de Siquém Deus colocou sobre suas cabeças. Juízes 9, versículos 52-57; também 46-49.

Este é todo o registro do julgamento; mas, como vemos, nem uma palavra de punição sem fim. O homem cruel e sanguinário é seguido pelo mal, pela rebelião de seus antigos amigos, que o fizeram rei; e finalmente, depois de muitas lutas, ele é morto em batalha, e os homens de Siquém são queimados vivos em suas fortalezas. E aí termina o relato, com apenas esta breve declaração: "Assim Deus pagou a maldade de Abimeleque", etc. É claro que, se foi assim, ou da maneira estabelecida, não pode ser que ele seja recompensado por uma angústia sem fim. [032] A recompensa é completa, é um evento passado da terra e, portanto, não pode ser em um mundo futuro, perpetuado por toda a eternidade.

E dos homens de Siquém é afirmado que Deus recaiu sobre suas cabeças *"todo o mal"* que eles haviam feito. Passado o tempo novamente - então e ali ele os

recompensou; e não por uma parte, mas por todas as suas más ações. Nas palavras do Bispo Patrick, "Deus, o Juiz de todos, puniu Abimeleque e os homens de Siquém de acordo com seus merecimentos, e fez deles instrumentos de destruição um do outro; e é notável que essa punição os alcançou rapidamente, em menos de de quatro anos após o crime ter sido cometido".

Até agora, então, não temos nenhuma revelação da doutrina que estamos estudando, mas apenas a imposição das punições temporais da Lei. Mas mais um exemplo, de outro tipo.

2. Aitofel, o Suicídio. 2 Sam. 17. Na maldade e morte deste homem, temos um caso de grande importância. Ele era muito ruim, sem princípios e homem cruel; e, como diz o Dr. Clarke, "morreu uma morte despreparada e amaldiçoada". Ele impôs mãos violentas sobre si mesmo, e isso também no meio de sua maldade! De tais pessoas, o leitor sabe bem o que dizem os crentes em punição sem fim: "Não há esperança para eles - eles morrem em

pecado, sem arrependimento - seu último ato é um crime, para o qual não pode haver punição neste vida - não há mudança após a morte; [033] portanto, eles devem afundar nos tormentos sem fim do inferno."

Sendo este o caso, certamente ouviremos falar dele agora. Se for verdade, e devemos ter alguma revelação sobre isso sob a Lei, chegamos finalmente à própria ocasião que o chamará. A condenação do suicida culpado será clara e distintamente anunciada como uma advertência a todos os que tentarem seguir seus passos. Passemos então ao registo:

"E, vendo Aitofel que o seu conselho não era seguido, selou o seu jumento, levantou-se e voltou para casa, para a sua casa, para a sua cidade, e pôs a sua casa em ordem, *e enforcou-se, e morreu, e foi enterrado no sepulcro de seu pai.* 2Sam 17:23.

Isso é tudo - cada palavra! Nem uma sílaba sobre ele ter sido enviado para um local de tortura perpétua após sua morte. Dizem-nos que ele se enforcou, morreu e

foi enterrado; e aí o historiador sagrado o deixa, sem uma palavra de comentário. Agora, se alguma vez existiu um homem capaz de cair no poço dos tormentos, se existe tal lugar, este perverso suicídio foi o homem; e é possível que, sendo esse o seu destino, o escritor divino o teria ou poderia ter ignorado em silêncio?

O escritor teria o cuidado de citar assuntos sem importância, que ele selou seu asno, colocou sua casa em ordem, foi enterrado no sepulcro de seu pai, etc., [034] e não proferir uma palavra sequer em relação ao assunto terrível dos tormentos intermináveis além do enterro e da sepultura? Quem pode acreditar nisso sem uma acusação contra a justiça e a misericórdia de Deus para com todas as gerações vindouras?

Até onde vimos, a própria Lei em sua declaração de penalidades, a história da nação dos judeus e os casos mais notáveis de crime sob a Lei, mantém um profundo silêncio sobre o assunto em questão. Nem uma palavra, nem a mais obscura alusão à doutrina da punição sem fim, é

encontrada em qualquer um dos registros divinos de transgressões ou julgamentos.

SEÇÃO II.2

O TESTEMUNHO DE CRÍTICOS E TEÓLOGOS ORTODOXOS.

O propósito desta seção é confirmar o argumento da seção anterior chamando como testemunhas alguns dos estudiosos e teólogos mais eruditos e imparciais da escola ortodoxa, eles próprios crentes no dogma de um inferno sem fim, mas confessando que não é ensinado na Lei de Moisés, nem no Antigo Testamento.

1. MILMAN. " A sanção sobre a qual a Lei hebraica foi fundada é extraordinária. O legislador (Moisés) mantém um profundo silêncio sobre esse artigo fundamental, se não de política, pelo menos de legislação religiosa - recompensas e punições em outra vida. [035] Ele substituiu por castigos temporais e bênçãos temporais. À violação da lei seguem-se inevitavelmente colheitas

arruinadas, fome, pestilência, derrota, cativeiro; à sua observância, abundância, saúde, fertilidade, vitória, independência. Quão maravilhosamente os acontecimentos confirmaram a previsão do legislador inspirado Como invariavelmente a apostasia leva à adversidade - o arrependimento e a reforma à prosperidade!"

2. Bispo Warburton. "Na República Judaica, tanto as recompensas quanto as punições prometidas pelo Céu eram apenas temporais. Tais como saúde, vida longa, paz, fartura e domínio, etc. Doenças, morte prematura, guerra, fome, carência, sujeição e cativeiro, &c. E em nenhum lugar dos Institutos Mosaicos há a menor menção, ou qualquer sugestão inteligível, das recompensas e punições de outra vida.

"Quando Salomão restaurou a integridade da religião, ele dirigiu uma longa oração ao Deus de Israel, consistindo em uma petição solene pela continuação da *antiga aliança,* feita pelo ministério de Moisés. Ele dá uma relato

exato de todas as suas partes e explica em geral as sanções da Lei e da Religião Judaica. E aqui, como nos escritos de Moisés, não encontramos nada além de *recompensas e punições temporais*."

Warburton, e também Whateley, citado abaixo, sustentam que a doutrina de uma existência futura não é reconhecida no Antigo Testamento. [036] Nisso eles estão errados, como tentamos mostrar na quinta seção deste capítulo.

3. Arnauld. Este autor é citado por Warburton, que o chama de "um grande e brilhante ornamento da igreja galicana (católica)". Seu testemunho é o seguinte: "É o cúmulo da ignorância duvidar desta verdade, que é uma das mais comuns da Religião Cristã, e *que é atestado por todos os Pais* (N.Trad.), que as promessas do Antigo Testamento eram temporais e terrenas, e que os judeus adoravam a Deus apenas por bênçãos terrenas ('les biens charnels')."

(N.Trad.) *Pais ou Pais da Igreja:* Professores mais antigos da igreja cristã. Geralmente este termo

é usado para os professores pós-apostólicos mas anteriores ao ano 400 d.C, aproximadamente.

4. Paley. “Esta dispensação (mosaica) tratava de recompensas e punições temporais. No capítulo 28 de Deuteronômio você encontra Moisés, com prodigiosa solenidade, pronunciando as bênçãos e maldições que aguardavam os filhos de Israel sob a dispensação a que foram chamados. E você observará que essas bênçãos consistiam inteiramente em benefícios mundanos e essas maldições em punições mundanas".

5. Prof. Wines. ''Admite-se que Moisés não anexou às suas leis as alegrias prometidas e os terrores ameaçados da eternidade. O legislador hebreu foi impedido de anexar punições futuras como sanções às suas leis, por considerações decorrentes do caráter de sua missão, etc. “

6. Jahn. cujo excelente trabalho é um livro-texto no [037] Andover Theological Seminary, diz: "Não temos autoridade,

portanto, decididamente para dizer, que quaisquer outros motivos foram apresentados aos antigos hebreus para buscar o bem e evitar o mal, além daqueles que são derivados das recompensas e punições *desta* vida."

7. Prof. Mayer. do Seminário Teológico da Igreja Reformada Holandesa, na Pensilvânia, tem o seguinte em um recente volume de Sermons: "É evidente para o leitor atento que, tanto no livro de Jó quanto no Pentateuco, o julgamento divino de que se fala é sempre um julgamento que ocorre *nesta* vida; e as recompensas que são prometidas aos justos, e os castigos que são ameaçados aos ímpios, são apenas os que são concedidos *no presente estado de ser*. .... Nenhuma menção é feita em qualquer lugar, nos escritos de Moisés, de um julgamento no fim deste mundo. A ideia de que Deus é o juiz do mundo os permeia por toda parte; mas tem sempre relação com esta existência terrena."

8. Arcebispo Whateley. Depois de uma longa argumentação sobre o assunto, ele

diz: “Não é, então, a conclusão inevitável de que, *se* a doutrina da retribuição futura tivesse sido revelada, ou qualquer conhecimento tradicional dela confirmado, deveríamos tê-la encontrado explicitamente declarado? , e ainda mais frequentemente repetido do que as sanções temporais da Lei? E quando, em vez de algo assim, [038] colocamos diante de nós alguns textos dispersos, que, afirma-se, aludem ou implicam essa doutrina pode ser necessário examinar se eles são interpretados corretamente? Certamente é uma resposta suficiente, dizer que, se Moisés tivesse a intenção de inculcar tal doutrina, ele teria declarado claramente e se debruçado sobre ela em quase todas as páginas. Nem é fácil conceber como qualquer homem de inteligência comum, e não cego pelo devotado apego a uma hipótese, pode examinar atentamente os livros da Lei, abundantes como eles são com descrições tão copiosas das recompensas e punições temporais que sancionam essa Lei, e com tais advertências sérias baseadas nessa

sanção, e ainda pode levar-se a acreditar seriamente que a doutrina de um estado de retribuição após a morte, que não pode ser contestada, é sequer mencionada, embora ligeiramente, em mais do que algumas passagens, formadas uma parte da Revelação Mosaica”. (n01)

(n01) *História dos Judeus* de Milman, vol. i. 117 ; e *The Divine Legation of Moses* de Warburton, vol. iii. 1, 2, 10ª ed. Lon.; *Obras* de Paley, vol. V. 110, Sermão xiii.: *Comentários* de Wine sobre as Leis dos Antigos Hebreus, p. 276; *Arqueologia* de Jahn p. 398; *Essays on some of the Peculiarities of the Christian Religion,Whateley*, p. 44, 2ª ed. O mesmo argumento é repetido em suas *Revelações Escriturísticas sobre um Estado Futuro*, pp. 18, 19, Amer. ed. Para outras autoridades ver cap, x., seção. i.

Tal é o testemunho desses eruditos, todos eles crentes na doutrina do futuro castigo sem fim, mas compelidos por seu conhecimento superior [039] a confessar que a doutrina não é revelada, ou aludida por Moisés, nem de qualquer forma colocada como o motivo para obedecer às

leis que promulgou como servo de Deus. Nada além do mais forte conjunto de fatos, nada além da absoluta impossibilidade de encontrar qualquer vestígio disso nas instituições da antiga dispensação, poderia ter induzido esses homens a tomar uma posição tão fatal para a verdade dessa doutrina; fazer reconhecimentos que tornem para sempre impossível estabelecer a doutrina em harmonia com a justiça e honra divinas.

Mas as declarações desses homens e a verdade de nosso argumento são ambas confirmadas por uma autoridade ainda maior. Na epístola aos Hebreus, o próprio autor inspirado dá este testemunho positivo e final à questão, a saber, que sob a Lei, "toda transgressão e desobediência RECEBEU uma justa retribuição". Heb. 2:2.

Isso deve resolver a questão para sempre; pois, se cada transgressão realmente *recebeu* seu justo castigo, então o castigo sem fim não pode ser verdadeiro; ou, se verdadeira, esta

declaração é um grande erro ou uma deturpação deliberada.

Realmente não vejo como evitar a força decisiva dessa passagem aberta e inequívoca. O autor da epístola aos Hebreus certamente sabia o que estava escrevendo e não poderia ter cometido nenhum erro na expressão de seus pensamentos. Se, então, as palavras significam o que expressam, - se o texto é uma verdadeira declaração de fatos, [040] e cada transgressão realmente recebeu uma justa recompensa ou retribuição - como é possível afirmar que qualquer uma dessas transgressões será punida novamente com tormentos sem fim, sem acusar Deus da mais monstruosa injustiça e crueldade?

Parece que nenhuma mente honesta, nenhum crente sincero na autoridade da palavra de Deus poderia apelar de um testemunho tão positivo e inconfundível como este. Não há espaço para comentários ou críticas. Na presença de uma testemunha tão irrepreensível, a questão é reduzida à sua forma mais

simples: abandonar o argumento bíblico ou abandonar a doutrina da punição sem fim.

Porém não queremos silenciar por mera autoridade, mas convencer. A declaração de Hebreus 2:2 é apoiada e ilustrada por todo o curso da história bíblica; e determine qual ofensa você deseja, seja nacional ou individual, seja ofensa de sacerdote, rei, profeta ou camponês, e descobrirá que cada ocorrência de desobediência foi prontamente recebida com sua justa recompensa. E é um estudo muito instrutivo e moralmente proveitoso seguir os vestígios desta presente retribuição, conforme aparecem no Antigo Testamento; e com esta visão eu dou o seguinte resumo condensado, tirado de um trabalho intitulado, "Um Sistema de Retribuição Temporal indicado a partir das Escrituras e da Observação"; escrito de forma bastante singular, e com inconsistência surpriendente, [041] por um ministro presbiteriano, que acredita em uma retribuição futura:

"O povo escolhido, em sua passagem pelo deserto, pecou com frequência e provocou a ira de seu Deus. Eles são punidos pela fome e pela sede, o fogo jorrou das entranhas da terra e consumiu alguns dos infratores, uma praga desceu sobre eles, serpentes ardentes invadiram seu acampamento e picaram grande número de pessoas, sua jornada foi prolongada em uma cansativa peregrinação por quarenta anos em um deserto árido e, finalmente, havia apenas dois de toda aquela geração que tiveram permissão para entrar na terra da promessa. Moisés e Aarão, os dois líderes do exército, embora fiéis em geral, mas tendo pecado, um por raiva e o outro por tolerar o povo em sua idolatria, não têm permissão para pisar em Canaã Os filhos de Eli desonram o ofício do sacerdócio por seus atos profanos; uma sentença do alto é pronunciada contra eles, e eles são mortos enquanto carregavam a arca na batalha contra os filisteus. Balaão luta contra Israel a despeito de Deus ordenar o contrário, e em troca de sua perversidade

é morto em batalha. Toda a carreira de Saul dá testemunho de um sistema de retribuição temporal. Ao longo de seu reinado, ele foi culpado de contínuas infrações da lei daquele Deus que lhe dera o cetro e, portanto, foi visitado com reveses frequentes; [042] suas paixões desenfreadas descontrolaram sua mente e o sujeitaram a períodos de loucura e frenesi; sua vida é envenenada com ciúme, medo e remorso e, finalmente, quando ele recusou a repreensão e persistiu no pecado, ele morre por suas próprias mãos no campo de batalha. Davi, o homem segundo o coração de Deus, é culpado das pesadas ofensas de adultério e assassinato; ele é *expressamente* punido com a morte da criança, e houve uma série de infortúnios desde essa época até o final de seu reinado, que foram enviados como castigos adicionais de seus crimes sombrios. Joabe é culpado de atos de violência desenfreada e derramamento de sangue. A prosperidade o acompanha durante todo o reinado de Davi, mas sob Salomão seu pecado o descobre, e aquele

que "derramou o sangue da guerra em paz" é, por sua vez, morto pela espada. Salomão leva longe demais a indulgência dada aos monarcas israelitas de uma pluralidade de esposas. Sua sabedoria o elevou acima de sua má influência durante o vigor de sua vida, mas em seus anos de declínio suas esposas se tornaram uma armadilha para ele, seduzindo-o a adotar suas práticas idólatras e deixando uma dúvida considerável se o sábio rei realmente morreu na fé de seus pais. Jeroboão encorajou seu povo na adoração de ídolos e, em conseqüência, o favor do Senhor se afastou dele, de sua casa e de seu reino. Acabe e Jezabel favoreceram os falsos profetas, insultaram os profetas do Senhor, praticaram opressão, fraude e crueldade, e são notavelmente punidos por suas ofensas obscuras; [043] Acabe é morto em batalha, e Jezabel é lançada de sua janela e devorada pelos cães. Os príncipes e o povo em geral, tendo se afastado gravemente da lei do Senhor por muitas gerações, são levados ao cativeiro na Babilônia, onde durante setenta anos

suportam todos os amargos males do exílio, escravidão e opressão. Nabucodonosor insulta a majestade do céu com seu orgulho, ambição e impiedade. Ele é derrubado de seu alto lugar, e aquele que aspirou ser igual a Jeová é rebaixado à condição do pior entre os homens, sendo condenado durante sete anos a pastar com os animais do campo, a se alimentar com eles no mesmo comedouro, e para repartir com eles as mesmas cavernas. Belsazar, esquecido das advertências e julgamentos que se abateram sobre seu avô, exibe a mesma arrogância presunçosa, combinada com libertinagem e palavrões. A vingança desce sobre ele na hora de seu mais elevado orgulho e exaltação. Enquanto ele se sentava no meio de seus nobres e capitães, em embriaguez, sacrilégio e licenciosidade, uma mão espectral é vista por ele para escrever sua condenação em caracteres místicos na parede, a sentença é interpretada a ele pelo profeta do Senhor , e naquela mesma noite sua cidade foi tomada e saqueada, ele mesmo

foi morto e seu reino foi dado a outro. Hamã alimenta um ciúme mortal contra o justo Mordecai, [044] e leva seu ódio a ponto de erguer uma forca na qual ele se propõe a pendurar o objeto de sua inimizade. Seus planos sombrios são descobertos e se voltam contra ele mesmo, e ele e seus filhos são enforcados na forca que ele havia preparado para o outro."

Assim, vemos quão perfeitamente os fatos ilustram a declaração do autor de Hebreus, que sob a lei "toda transgressão e desobediência *recebeu* uma justa retribuição". Isso necessariamente exclui a idéia de uma futura retribuição sem fim; bem como o fato importante, já citado, de que através de todo esse longo e variado registro de pecado e suas punições, nenhuma menção é feita, nem a menor sugestão inteligível dada, de tal coisa. Não podemos, portanto, supor que seja verdade, sem uma violação extraordinária, por parte de Deus, de todo princípio de honra, justiça e misericórdia.

SEÇÃO II.3

ARGUMENTO DA PALAVRA “*SHEOL*”, OU A DOUTRINA DO INFERNO NO ANTIGO TESTAMENTO.

A palavra Inferno, no Antigo Testamento, é sempre uma tradução da palavra hebraica *Sheol*, que ocorre sessenta e quatro vezes, e é traduzida como "inferno" trinta e duas vezes, "sepultura" vinte e nove vezes, e "abismo (ou poço, ‘pit’)" três vezes. (N.Trad.)

(N.Trad.) O autor provavelmente está se referindo à tradução da Bíblia para o inglês denominada “King James”. Na tradução para o português de João Ferreira de Almeida edição de 1911, *sheol* é traduzido com “abismo”, pelo menos, no Salmo 88:4. Inferno e sepultura são as traduções mais comuns. (Sheol, שאול, Strong H7585)

1. Ao examinar as Escrituras Hebraicas, descobriremos que seu significado raíz ou primário é: O lugar ou estado dos mortos. [045]

Os seguintes são exemplos: "Fareis descer minhas cãs com tristeza à sepultura (*sheol*)." Gn 42:38. "com choro hei de descer ao meu filho até à sepultura (sheol)." Gn 37: 35. "Quem dera tu me escondesses na sepultura! (*sheol*)" Jó 14:18. "Minha vida se aproxima da sepultura (*sheol*)." Salmos 88:3. "Na sepultura (*sheol*), quem te agradecerá?" Salmos 6:5. "Os nossos ossos estão espalhados à boca da sepultura (*sheol*)." Salmos 141:7. "Não há obra, nem desígnio, nem conhecimento, nem sabedoria na sepultura (*sheol*) para onde vais" Eclesiastes 9:10. "Se eu subir sobe ao céu, tu estás lá: se eu fizer a minha cama no inferno (*sheol*), eis que tu estás lá. "Sl 139:8. " O inferno (*sheol*) debaixo se turbou por ti, para te sair ao encontro na tua vinda:... ", etc. Isaías 14:9-15.

Essas passagens mostram o uso hebraico da palavra *sheol,* que é o original da palavra "sepultura" e "inferno" em todos os exemplos citados. É claro que aqui não há referência a um lugar de tormento sem fim após a morte. O patriarca dificilmente

diria: "Eu descerei a um inferno sem fim para o luto de meu filho." Ele não acreditava que seu filho estivesse em tal lugar. Jó provavelmente não oraria a Deus para se esconder ele em um lugar de tormento sem fim, a fim de ser libertado de seus problemas.

Se o leitor substituir a palavra "inferno" no lugar de "sepultura" em todas essas passagens, [046] ele estará no caminho da compreensão da doutrina bíblica sobre esse assunto.

2. Mas há também um sentido figurado para a palavra *sheol* , que é frequentemente encontrado nas Escrituras posteriores do Antigo Testamento. Usado neste sentido, representa *um estado de degradação ou calamidade, decorrente de qualquer causa, seja infortúnio, pecado ou julgamento de Deus.*

Esta é uma transição fácil e natural. O estado ou o local dos mortos era considerado solene e sombrio e, portanto, a palavra sheol, o nome deste lugar, passou a ser aplicada a qualquer estado

ou condição sombria ou miserável. As seguintes passagens são exemplos: "As tristezas do inferno me cercaram; as ciladas da morte me impediram". Salmo 17: 4-6. Este foi um evento passado e, portanto, o inferno deve ter sido deste lado da morte. Salomão, falando de uma criança, diz: "Tu o espancarás e livrarás a sua alma do inferno;" isto é , da ruína e desgraça da desobediência. Provérbios 23:14. O Senhor diz a Israel, em referência às suas idolatrias: "Tu te rebaixaste até o inferno." Isaías 57:9. Isso, é claro, significa um estado de total degradação moral e maldade, já que a nação judaica como tal certamente nunca desceu a um inferno de desgraça incessante. Jonas diz: "Do ventre do inferno gritei, e tu me ouviste." Jonas 2:2. Aqui nós vemos o absurdo de supor que *sheol* ou inferno significa um lugar de punição após a morte. [047] O inferno, neste caso, era a barriga da baleia; ou melhor, a condição miserável e sofrida em que o profeta desobediente se encontrava "As dores do inferno se apoderou de mim:

encontrei angústia e tristeza ". Salmos 116: 3. No entanto, Davi era um homem vivo, todo esse tempo; aqui na terra. Então ele exclama novamente: "Grande é a tua misericórdia para comigo. Tu livraste a minha alma do inferno mais profundo." Salmos 86:18. Aqui o salmista estava no inferno mais baixo, e foi liberto dele, enquanto ele ainda estava no corpo, *antes* da morte . Claro que o inferno aqui não pode ser um lugar de punição sem fim *após* a morte.

Essas passagens ilustram suficientemente o uso figurado da palavra sheol, "inferno". Eles mostram claramente que foi empregado pelos judeus como um símbolo ou figura de extrema degradação ou sofrimento, sem referência à causa. E é a essa condição que o salmista se refere quando diz: "Os ímpios serão lançados no inferno, e todas as nações que se esquecem de Deus". Salmos. 9:17. Embora o Dr. Allen, presidente do Bowdoin College, pense que "a punição expressa aqui é cortar a vida, destruir a terra por

algum julgamento especial e remover para o lugar invisível dos mortos" (*sheol*) .

Fica claro, então, a partir dessas citações, que a palavra *sheol*, "inferno", não ajuda em nada a doutrina do futuro castigo sem fim como parte das [048] penalidades da Lei. Ela nunca é usada por Moisés ou pelos Profetas no sentido de um lugar de tormento após a morte; e de forma alguma entra em conflito com a afirmação já provada de que a Lei de Moisés trata inteiramente de recompensas e punições temporais.

Esta posição, também, desejo fortalecer pelo testemunho de críticos ortodoxos, homens de erudição e franqueza. Eles sabem e, portanto, eles falam.

1. Chapman. "O *Sheol*, em si considerado, não tem conexão com punições futuras." Citado por Balfour e First Inquiry.

2. Dr. Allen. Citado acima, diz: “O termo *sheol* não parece significar, com certeza, nada mais do que o estado dos mortos em sua morada profunda”.

3. Dr. Campbell. "Sheol significa o estado dos mortos sem levar em conta sua felicidade ou miséria."

4. Dr. Whitby. "Seol em todo o Antigo Testamento não significa o lugar de punição, ou apenas das almas dos homens maus, mas apenas a sepultura, ou o lugar da morte."

5. Dr. Muenscher. Este distinto autor de uma História Dogmática em alemão, diz: "As almas ou sombras dos mortos vagam no *sheol* o reino ou reino da morte, uma morada nas profundezas da terra. Para lá vão todos os homens, sem distinção e esperança sem volta. Lá cessa toda dor e angústia; lá reina um silêncio ininterrupto; [049] lá tudo é impotente e quieto;

6. Von Coelln. "*Sheol* é descrito como a casa designada para todos os viventes, que recebe em seu seio toda a humanidade, sem distinção de posição, riqueza ou caráter moral. É apenas no modo de morte, e não na condição após a morte, os bons são distinguidos acima dos maus. Os justos, por exemplo, morrem em paz e são gentilmente levados embora

antes do mau chegar; enquanto uma morte amarga quebra os ímpios como uma árvore. (n02)

(n02) Sou grato ao Dr. Sawyer por essas duas últimas autoridades, conforme citado por ele em Discussion on the Doctrine of Eternal Salvation, p. 36. Para testemunhas adicionais, ver cap. x., seç. ii.

Todas essas testemunhas testificam que *sheol*, ou *inferno*, no Antigo Testamento, não faz nenhuma referência a essa doutrina; que significa simplesmente o estado dos mortos, o mundo invisível, sem considerar sua bondade ou maldade, sua felicidade ou miséria. A doutrina do inferno do Antigo Testamento, portanto, não é a doutrina da punição sem fim. Não é revelado na Lei de Moisés. Não é revelado no Antigo Testamento. A tal resultado nossa investigação nos conduziu; e agora o que diremos disso?

SEÇÃO II.4

A APLICAÇÃO MORAL DOS ARGUMENTOS ANTERIORES.

Não há dúvida de que Moisés estava familiarizado com a doutrina dos futuros castigos sem fim. [050] Era a doutrina comum do Egito, como todos concordam, e "Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios". Atos 7:22. E, no entanto, conhecendo-a tão profundamente quanto se espera, ele nunca alude a ela sequer uma vez em todas as suas leis e penalidades, mas a rejeita totalmente de suas doutrinas e instituições. Ele não terá nada a ver com isso. Ele não apenas repudia as fábulas e superstições grosseiras dos egípcios em relação ao mundo futuro, mas toda a substância das punições futuras; e, por seu silêncio estudado, mostra que não tem fé em sua verdade ou utilidade. (n03)

(n03) *Ver cap. x., seção, i., Nota n80 deste livro.*

É possível imaginar uma prova mais conclusiva contra a origem divina da

doutrina? Se ele tivesse acreditado que era de Deus, se ele tivesse acreditado em tormentos sem fim como a condenação dos ímpios após a morte, e tivesse recebido isso como uma revelação do céu, ele poderia ter ignorado isso com o silêncio? Teria ele ousado ocultá-lo ou tratar um assunto tão terrível com tanto desprezo? E que motivo ele poderia ter para fazer isso?

Não consigo conceber uma evidência mais impressionante do fato de que a doutrina não é de Deus. Ele sabia de onde vinha o monstruoso dogma, e já tinha visto bastante do Egito, e não queria mais ter suas superstições cruéis; e assim ele expulsa isso, com suas idolatrias abomináveis, como coisas falsas e impuras. [051]

Mas, se a doutrina for verdadeira, há outra consideração de importância ainda maior. Se for verdade, e por quatro mil anos os ímpios têm mergulhado no abismo de fogo, como podemos limpar o caráter de Deus da acusação da mais cruel indiferença, da mais monstruosa injustiça?

O que pode ser dito em defesa de tal procedimento?

Veja bem. Ele resolve infligir torturas indescritíveis e intermináveis a seus filhos culpados; ele anexa isso como uma penalidade à sua lei; ele revela a lei, mas *esconde* cuidadosamente a terrível penalidade. Seus filhos nada sabem do terrível destino que os espera; eles são totalmente ignorantes do tremendo fato de que suas transgressões da lei envolvem esse resultado terrível, essa desgraça imortal e infinita, estendendo-se por uma duração sem fim.

E Deus, seu Pai, os vê avançando, ano após ano, era após era, e tropeçando com os olhos vendados no abismo negro da morte e tormento, e ainda assim não diz uma palavra de advertência, não dá a menor insinuação a ninguém. deles que eles estão chegando a tal condenação! Lá ele se senta no trono do universo, com os braços cruzados na consciência do poder, com os lábios selados em silêncio determinado. Ele sabe tudo, vê tudo; enquanto suas pobres vítimas estão

andando nas trevas, totalmente ignorantes do terrível risco que estão correndo e do propósito mortal do mal contra eles, que seu Criador encerrou em seu próprio coração.

Uma palavra dele pode quebrar o feitiço fatal; mas essa palavra não é falada. Seu braço, estendido por um momento, pode reverter a maré de ruína; mas permanece imóvel. Nenhum movimento seu, nenhum som ou olhar indica o menor interesse pela chocante tragédia que se passa sob seus olhos e da qual ele é o autor. Por quatro mil anos ele contemplou esta torrente de almas imortais derramando-se sobre o precipício do pecado no abismo sem fundo da condenação abaixo; e durante tudo isso permanece em silêncio - nunca fala com eles sobre seu terrível destino; nem busca, pelos terrores disso, salvar os vivos da condenação dos mortos!

Que raio de Deus é este? Que direito tem de reivindicar o nome de Pai? Que tipo de legislador é este, que publica a lei, mas mantém a pena escondida, um segredo, apenas para si mesmo? O que se diria de

um rei que promulgasse um código de leis, anexando a cada uma delas, como advertência aos malfeitores, a pena de morte; mas nunca tornar este fato conhecido pelo povo? E se todo transgressor fosse apreendido e submetido a uma morte horrível por tortura, e isso também mantido em segredo de seus amigos e parentes, e de todo o mundo?

No entanto, isso é precisamente o que Deus fez, como mostra nosso argumento, por quatro mil anos, [053] se a doutrina da punição sem fim for verdadeira! Mas mesmo isso não é o pior.

Suponha que um pai, enviando seu filho para uma parte distante do país, deve especificar cuidadosamente cada espinheiro, pedra afiada e local difícil ao longo da estrada, e instá-lo a evitá-los; mas escondesse dele, com o mesmo cuidado, o fato de que a estrada terminava em um precipício a trezentos metros de profundidade, em um terrível abismo de fogo e chamas vulcânicas - sabendo ao mesmo tempo que seu filho, se não fosse

avisado, certamente cairia nessa cratera e pereceria.

No entanto, este é exatamente o caminho que Deus seguiu com seus filhos. Ele estabeleceu cuidadosamente todas as penalidades menores, como fome, doença, campos destruídos e rebanhos arruinados, derrota e cativeiro, como os castigos de sua desobediência; mas ele escondeu cuidadosamente aquele julgamento maior além de todos esses, e em comparação com o qual todos esses mil vezes aumentados são menos do que o pó na balança.

Não, em casos particulares, ele até menciona a altura das águas, a saída de uma pomba, a queima de uma torre, um pedaço de mó, a sela de um jumento, todas as menores coisas, mas nenhuma palavra do grande ai de ais!

Não posso deixar de sentir, em vista desse argumento, quão apropriadas e convincentes são as palavras do autor do *"Conflito das Eras"*: [054]

"Deus fez a mente humana para ter convicções intuitivas decididas quanto ao

que é consistente com equidade e honra. Não devemos suprimi-las violentamente por teorias preconcebidas ou fatos presumidos. Se quaisquer ações alegadas de Deus entrarem em colisão com o natural e julgamentos intuitivos da mente humana sobre o que é honroso e correto nos pontos especificados, há melhor razão para questionar os fatos alegados, do que supor que sejam falsos aqueles princípios que Deus fez a mente humana intuitivamente reconhecer como verdadeiros. Além disso, temos autoridade divina para fazê-lo, visto que, em um debate com os judeus, envolvendo esses pontos, Deus não hesita em apelar para esses mesmos princípios, e em raciocinar em perfeita conformidade com suas decisões comuns e óbvias. :1-4, 19, 22, 25, 29 e 33:11, 17-20.''

Nada é mais verdadeiro do que isso. Deus nos deu convicções intuitivas quanto ao que é consistente com equidade e honra; e nunca houve um homem na terra, por mais pervertido ou cego por seu credo, que pudesse dizer, em sua alma,

que a conduta atribuída a Deus no argumento anterior, pela doutrina do castigo sem fim, é consistente com a equidade e a honra. E sendo este o caso, ele não tem o direito de dizer que Deus fará isso; ele não tem o direito de atribuir a seu Pai celestial ações que qualquer pai humano evitaria com horror e repulsa. [055]

Mas, se a doutrina for verdadeira, ainda há uma característica mais sombria no caso. A palavra de Deus não apenas silencia sobre esse ponto, mas virtualmente o nega ao afirmar o contrário. Tome as palavras de Paulo, já citadas, de que toda transgressão sob a lei foi na verdade recompensada com justiça. Então Davi afirma que Jeová "é um Deus que julga na terra". Salmos 58:11. E pelo Profeta Jeremias ele mesmo diz: “Eu sou o Senhor, que exercito a bondade, o juízo e a justiça na terra” (Jer. 9:24). Então, novamente, “Deus julga o justo, e Deus está zangado com o ímpio todos os dias” - isto é, todos os dias ele julga o justo e o ímpio, recompensando um e punindo o

outro. Salmos 7:11. Mais uma vez : Salomão diz: "Eis que o justo será recompensado na terra; muito mais o ímpio e o pecador.” Provérbios 11:31.

Agora, essas passagens, parte de uma multidão, estão em perfeita harmonia com a Lei e declaram um sistema de recompensas e punições temporais na terra. Suponha que futuras punições infinitas após a morte sejam verdadeiras; então Deus não apenas ocultou o fato, mas fez pior do que isso, anunciando positivamente que ele exerce julgamento na terra e que os justos e os ímpios são recompensados na terra! Se a punição sem fim após a morte é verdadeira, essas afirmações são falsas; mas se isso for verdade, então a punição sem fim é falsa. Ambos não podem ser verdadeiros; ambos não podem ser de Deus; [056] porque "é impossível que Deus minta." Heb. 6:18.

Somos compelidos, portanto, a procurar a origem dessa doutrina em outro lugar que não seja a mente de Deus. Uma coisa, em todo caso, é certa. Nenhum vestígio dela é encontrado no Antigo Testamento,

que é todo o registro escrito que temos da mente e propósito divinos no espaço de quatro mil anos. Os Patriarcas não sabiam nada disso. Moisés, que sabia disso, tendo aprendido no Egito, repudia com seu silêncio. A Lei não contém nenhum vestígio disso entre todas as suas penalidades e ameaças. As Lamentações de Jó, (n04), os Salmos de Davi, os Provérbios de Salomão, as Predições dos Profetas, não fazem nenhuma menção da coisa horrível.

(n04) É muito notável como o Livro de Jó se harmoniza perfeitamente com a Lei no que diz respeito a recompensas e punições após a morte. As perdas de Jó são compensadas em espécie, e suas virtudes e integridade são recompensadas com a aprovação divina, paz de espírito, honra e afeição de seus vizinhos; mas nem o menor indício de qualquer recompensa futura ou de qualquer punição futura para seus inimigos perversos. Certamente é muito misterioso, se a doutrina foi revelada no tempo de Jó, que esse notável drama moral a tenha ignorado completamente; especialmente

quando, se for verdade, teria caído tão admiravelmente no designio do autor.

Até agora, então, a doutrina não é divina em sua origem. Não é daquela "sabedoria do alto", que "é primeiro pura, depois pacífica, gentil, fácil de ser suplicada, cheia de misericórdia e bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia". Mas deve ter saído daquela sabedoria que o apóstolo diz ser "terrena, sensual, diabólica". Tiago 3:15-17. [057]

Claro, se a doutrina existiu durante o período da Lei, se a encontrarmos entre outras nações, contemporâneas aos judeus, a conclusão é certa - uma vez que não era de origem divina, deve ter sido de origem terrena; visto que não veio de Deus, deve ter tido sua fonte na sabedoria deste mundo, que é loucura para Deus. Para este ponto direcionaremos nossas investigações no capítulo seguinte; mas, antes de prosseguirmos com isso, daremos atenção, na próxima seção, a algumas objeções feitas contra os argumentos desses dois primeiros capítulos.

SEÇÃO II.5

OBJEÇÕES RESPONDIDAS.

Em uma revisão do argumento dos dois capítulos anteriores, a seguinte pergunta foi proposta ao autor: "Admitindo que seu argumento extraído do Antigo Testamento sustente sua posição em relação ao castigo sem fim, ele não se aplica com igual força contra o doutrina da felicidade infinita? Não se aplica com igual força contra toda a existência futura, seja ela qual for? [058]

Ao responder a isso, o último ramo da questão vem legitimamente primeiro:

"O argumento não é igualmente bom contra qualquer existência futura?"

Não ; pois embora as idéias de uma existência futura apresentadas nas primeiras Escrituras Hebraicas sejam certamente muito diferentes daquelas apresentadas no Evangelho, ainda assim seria igualmente além da verdade dizer

que eles não reconhecem nenhuma vida futura.

A própria palavra *sheol* transmite a idéia de existência, embora não dê nenhuma indicação de suas condições ou caráter. E, a fim de expor este ponto com clareza, o que sua grande importância parece exigir, citarei detalhadamente vários críticos ortodoxos ilustres, cujo testemunho ajudará tanto a confirmar os argumentos já apresentados quanto a responder à pergunta.

O Prof. Stuart diz: "*Sheol* designava o mundo dos mortos, a região das *umbrae* ou *fantasmas*. Era considerado como um vasto e amplo domínio ou região, da qual a sepultura era apenas uma parte, ou uma espécie de porta de entrada. Parece ter sido considerada como se estendendo profundamente na terra, até seus abismos mais baixos. Nesta região sem limites viveu e se mudou, às vezes, os *manes* (ou fantasmas) de amigos falecidos."

O bispo Lowth diz: "O submundo dos hebreus era algo particularmente grande e terrível. Era uma região imensa, um

vasto reino subterrâneo, envolvido em densas trevas, [059] cheio de vales profundos e fechados com portões fortes; e dela não havia possibilidade de escapar. Para lá, hostes inteiras de homens desceram de uma só vez; heróis e exércitos com seus troféus de vitória; reis e seu povo foram encontrados lá, onde eles tinham uma espécie de existência sombria como *manes* ou fantasmas, nem inteiramente espirituais, nem inteiramente materiais, engajados nos empregos de sua vida terrena, embora destituídos de força e substânca física”.

Herder diz, entre os primeiros hebreus "as almas dos que partiram eram consideradas impotentes como sombras, sem distinção de membros, como uma sopro sem nervos; tendo uma existência animada embora sombria, eles vagavam e esvoaçavam nos reinos dos mortos, no escuro mundo inferior, como seres sem membros e impotentes. Reis fantasmagóricos estavam sentados em tronos sombrios; reinos e estados estavam

lá, e exércitos de mortos, mas tudo estava sem voz e quieto."

Há uma ilustração perfeita disso no que é, talvez, o melhor poema da Bíblia. Isaías 14:3-23. Ele celebra a queda do rei da Babilônia e o representa como lançado no *inferno, sheol,* ou o *submundo dos espíritos,* e os antigos reis da terra, a quem ele destruiu, agora habitantes daquela região, como exultando sobre ele. Dou uma parte da tradução de Herder que o leitor pode comparar com a versão comum: [060]

“O reino fantasmagórico abaixo foi despertado para ti;
Moveu-se para te encontrar na tua chegada;
Despertou para ti as sombras fantasmagóricas,
Mesmo todos os poderosos da terra;
Isso os levantou de seus tronos.
Todos os reis das nações.
Todos te receberam bem e disseram.
Você também se tornou uma sombra como nós?
Você também foi feito como nós?

Derrubado até os mortos está o teu orgulho.
E baixo o som triunfal de tuas harpas.
O sofá debaixo de ti é o verme.
O molde da morte é a tua cobertura.

Como você caiu do céu.
Estrela Brilhante ! filho da aurora!
Como você é esmagado na terra.

Quem conquistou as nações! "

Esses testemunhos são suficientes para mostrar que os primeiros hebreus acreditavam em uma existência futura, embora suas visões do mundo dos que partiram e de sua condição lá fossem muito obscuras. Nas palavras do Dr. Barnes, "A visão parece ter sido a de que todos os mortos desceriam da sepultura para uma região onde existiriam apenas alguns raios de luz dispersos e onde todo o aspecto da habitação estava em forte contraste. com a alegre região da terra dos viventes." "Mesmo Jó não tinha expectativas tão alegres do estado futuro para animá-lo e apoiá-lo no tempo de provação." [061] (n05)

(n05) *Introdução a Jó*. As citações anteriores são de *Essay on Future Punishment*, de Stuart, p. 116 ; Palestras de Lowth sobre *Poesia Hebraica*, p. 347, e Nota à página 64, Edição de 1829; *Poesia hebraica* de Herder, vol. i.. *Diálogo* viii. Esta obra de Herder deve estar nas mãos de todo aquele que deseja compreender e desfrutar da leitura das porções poéticas das

Escrituras hebraicas. Está escrito em um estilo muito agradável e envolvente, e abunda em informações sobre o assunto tratado. (*The Spirt of Hebrew Poetry*, J. G. Helder, 1744 (em alemão) e 1833 (tradução))

É certo que os hebreus não tinham tanta fé a respeito da existência futura da alma, como os cristãos de hoje. Deus não revelou toda a verdade a eles e os instruiu naquele conhecimento que constituía a plenitude da bênção do Evangelho de Cristo. Se assim fosse, não haveria ocasião para a vinda do Salvador, para sua morte e ressurreição, nem espaço para a revelação cristã.

Foi reservado para o Evangelho trazer à tona a grande doutrina da vida imortal e sempre abençoada na plenitude de sua glória e valor. Vaga e imperfeitamente, os antigos patriarcas e seu povo enxergavam a terra além das brumas da morte. A Lei não acendeu nenhum farol no vale sombrio, cuja luz revelava o país da alma em toda a sua beleza. Este foi o ofício peculiar de Cristo e do Evangelho, como Paulo tão distintamente afirma, quando

fala da graça de Deus, [062] "manifestada pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo, que aboliu a morte e trouxe vida e imortalidade à luz (ou à luz plena) por meio do Evangelho." 2 Tm. 1:8-10.

Claro, se esta passagem tem algum sentido ou significado, a doutrina da vida e imortalidade não foi totalmente revelada aos judeus, suas condições e o caráter de sua bem-aventurança. O fato de uma vida futura lhes foi dado a conhecer; mas as declarações anteriores, baseadas nas Escrituras do Antigo Testamento, mostram até que ponto seus pontos de vista ficaram abaixo da doutrina clara e espiritual do Evangelho.

Como observa o Prof. Bush: "As informações contidas no Antigo Testamento sobre esse tema são comparativamente escuras e sombrias, mais parecidas com os vislumbres fracos e tenues do crepúsculo da manhã do que com o brilho sem nuvens do sol do meio-dia". Na mesma linha, o Prof. Stuart diz, os hebreus "não tinham aquelas noções distintas e definidas sobre este assunto,

que temos nos dias atuais. Nunca devemos esquecer que é a gloriosa preeminência do Evangelho ter trazido vida e imortalidade à luz. Os cristãos muitas vezes se esquecem disso enquanto raciocinam com base no Antigo Testamento." Novamente ele diz: “Estou longe de concordar com aqueles que pensam encontrar a natureza de um mundo futuro tão plena e claramente revelada no Antigo Testamento quanto no Novo. Mas estou igualmente longe daqueles que não o encontram de forma alguma insinuado lá. Ambas as posições são extremas." (n06) [063]

(n06) Ensaios exegéticos sobre punições futuras, p. 113 ; Bush sobre a Ressurreição, p. 93.

Esta é uma declaração justa do caso. A natureza da existência futura não é estabelecida, nem nos tempos patriarcais, nem nos tempos proféticos da antiga dispensação, tão plena e luminosamente quanto sob a nova dispensação da graça. Mas também é absurdo dizer que não há

indicações dessa grande verdade no Antigo Testamento. Quando é registrado que Abraão foi "reunido ao seu povo", devemos entender algo mais do que enterro com seus pais ou ancestrais; pois eles foram enterrados na Caldéia, e não em Canaã. Gn 15:15, 25:8. Então Jacó diz: "Eu descerei ao *Sheol* de luto, até meu filho; "embora ele suponha que seu corpo tenha sido dilacerado por animais selvagens. Gênesis 38:85. E em sua morte, diz o historiador, ele "cedeu o espírito e foi reunido ao seu povo; "embora ele não tenha sido enterrado com seu povo até sete semanas depois disso, Gênesis 49:33.

"Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" (Êxodo 3:6), é interpretado pelo Salvador como uma indicação da vida futura do espírito, visto que Deus é o Deus do vivos, e não dos mortos; e, portanto, esses patriarcas estavam vivos. Mat. 22:31, 32. [064] E sua declaração aos saduceus, de que eles erraram neste ponto, "não conhecendo as Escrituras", mostra que essas Escrituras

continham o conhecimento de uma vida futura.

Assim, a linguagem de Davi: "Não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu santo veja a corrupção" (Salmos 16:8-11), é explicada por Pedro como profética da ressurreição de Cristo; o que exige a ideia da crença de David em uma existência futura. Atos 2.

E então as várias instâncias de uma restauração milagrosa à vida, por Elias e Eliseu, devem ter sugerido o pensamento de uma existência da alma separada do corpo. O povo não supôs que esses homens de Deus criaram a alma de novo e a uniram ao corpo; mas apenas que eles o chamaram de volta, por assim dizer, o que obviamente implica sua existência contínua fora do corpo. Os casos referidos são o filho da viúva de Sarepta, 1 Reis 17:17-23; o filho da mulher sunamita, 2 Reis 4:33-36; e o que defunto que caiu no sepulcro de Eliseu e ressuscitou, 2 Reis 13:21.

Essas passagens, que podem ser grandemente multiplicadas, demonstram

o erro do Bispo Warburton e outros, que tentam mostrar que as Escrituras Hebraicas anteriores não contêm “nem mesmo a ideia de um estado futuro”. claro e satisfatório como a visão dada no Evangelho, ninguém pensaria em afirmar. [065] Evidentemente, há um crescimento a esse respeito, pois é fácil ver que a fé do salmista e dos profetas é muito mais completa e polida do que a de seus ancestrais. Deus instruiu a humanidade gradualmente, removendo a escuridão e acrescentando ao seu conhecimento pouco a pouco, até que finalmente Cristo tirou a doutrina da vida e da imortalidade de toda sombra e a apresentou ao mundo na luz clara e perfeita do Evangelho.

Nada é mais claro do que Deus opera no mundo moral e espiritual pelo mesmo método que governa sua ação no mundo físico ou material. Ele não faz um carvalho em um momento, mas começa com a bolota e a faz crescer ano após ano até a árvore perfeita. Assim, ele não ilumina o mundo de uma só vez, por milagre, mas o educa passo a passo, acrescentando

verdade a verdade, conhecimento a conhecimento, até que a obra esteja completa, e a terra, como um espelho, reflita a luz e a beleza, e bem-aventurança do céu.

Portanto, a Lei é representada como o mestre-escola para nos levar a Cristo, que deve terminar nossa educação na escola de Deus e nos instruir na glória perfeita de sua sabedoria e verdade, e na natureza e extensão de seu amor e salvação. .

O elemento principal deste argumento receberá maior elucidação no que se segue.

2. "Se o argumento contra a miséria sem fim, extraído do silêncio do Antigo Testamento, é sólido, não é igualmente bom contra a doutrina da salvação universal?" [066]

O que foi dito na resposta anterior, a respeito do método de instrução e revelação divina, tem igual força em relação a esta questão. Deus não revela toda a verdade de uma só vez, mas gradualmente; no entanto, em nenhum momento ele deixa o mundo totalmente no

escuro, sem qualquer raio de luz ou esperança.

Bem no princípio, quando a primeira transgressão obscureceu a beleza do Éden e destruiu a inocência e a felicidade de nossos primeiros pais, ouviu-se uma voz de misericórdia, e uma única estrela da promessa surgiu na escuridão da noite.

"E o Senhor Deus disse à serpente: Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; e esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar." Gn 3:14-16. Esta passagem é universalmente considerada como uma promessa do Messias, que, como a semente da mulher, deveria destruir o reino do mal, simbolizado pela serpente; ou, como Paulo expressa, "que tomou parte em carne e sangue, para que pela morte pudesse destruir aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo; e livrar aqueles que, pelo medo da morte, eram por toda a vida sujeitos à servidão". Heb. 2:14. [067]

Claro que não apareceu a Adão e Eva em toda a glória com a qual veio, em seu

cumprimento, ao próprio discípulo do Messias. Ainda o fato de uma promessa revelando a destruição final do mal, o esmagamento da cabeça da serpente, conforme relatado por Moisés, é suficiente para mostrar que esses infelizes transgressores não ficaram sem alguma esperança de que seu mal fosse superado pelo bem.

Sem dúvida, se a comunicação original de Deus para eles foi expressa na linguagem do historiador sagrado, ou em qualquer frase ou figura semelhante, a luz que caiu dela foi fraca e tenue; mas qualquer luz servia para protegê-los da escuridão total e do desespero. Eles não podiam aprender com a promessa, como está, quando, onde ou como o mal que introduziram no mundo seria removido e a inocência e a felicidade restauradas para eles e sua posteridade; mas, como Deus havia falado essas palavras de misericórdia, elas não podiam ser totalmente sem esperança.

Em Gênesis 5:24, somos informados de que "Enoque andava com Deus; e já não

existia; porque Deus o tomou". Falando deste evento, Paulo diz: “Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte; e não foi achado, porque Deus o trasladara; Heb. 11: 6. Aqui está claramente uma declaração da continuação da vida da alma após a remoção da terra. Não importa como interpretamos o sentido dessa tradução, o registro mostra que a idéia de uma existência futura não estava ausente das mentes dos homens naquele período. [068]

Se ficou entendido que Enoque não viu a morte, então, é claro, ele viveu depois de deixar a terra; e, embora nada seja dito diretamente sobre o caráter dessa vida, a expressão “Deus o levou” e o caráter peculiar de sua remoção da terra indicaria que a vida para a qual ele foi chamado não era menos desejável do que a da terra. Nenhum detalhe é dado, é verdade; nada é especificado quanto à natureza desta vida; mas o fato é deixado de forma a sombrear, ainda que vagamente, algo indicativo de esperança e expectativa de

uma relação nova e mais próxima com Deus.

Assim, a promessa a Abraão: "Em ti e em tua semente, todas as famílias e nações da terra serão abençoadas." Gn 12:3, 22:18; Atos 3:25; Gal. 3:8. Sem dúvida Abraão não compreendeu todo o espírito desta promessa; nem nós o compreenderiamos, de fato, se o apóstolo cristão não o tivesse interpretado para nós; mas, pela fé, ele viu no futuro distante o amanhecer de um dia cujo brilho iluminaria as nações e renovaria a beleza e as bênçãos do Éden. Como Adão e Eva, ele tinha a promessa de um grande bem vindouro, por meio de sua semente, a todos os humanos da terra, e ele se regozijou; mas a natureza da bênção, a forma em que viria, a direção espiritual e celestial dela, não foram revelados a ele. [069] Estas foram reservadas como anúncios especiais daquele que garantiu que na ressurreição somos iguais aos anjos e somos filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. Mat. 22; Lucas 21.

E quando o Pregador diz: "Então o pó voltará à terra, como era, e o espírito voltará a Deus que o deu" (Eclesiastes 12:7), a distinção entre o corpo e a alma é tão óbvia, que não há espaço para duvidar da crença do escritor em uma vida futura. E a afirmação de que o espírito retorna a Deus, embora dada sem nenhuma especificação quanto à sua felicidade futura, é certamente uma forte prova presuntiva de que ele estaria em um estado celestial. Se estar com Deus é indicativo de bem, então o espírito, retornando a Deus, pode ser justamente considerado como tendo alcançado o bem, e isso necessariamente um bem espiritual. Para além disso, o testemunho não vai; mas observe que a afirmação é genérica, e que todo bem que é predicado de uma alma é predicado de todas.

Isaías 25:6-8. “E o Senhor dos exércitos fará neste monte a todos os povos um convite de cevados, convite de vinhos puros, de tutanos gordos, e de vinhos puros, bem purificados. (v.7) E devorará neste monte a máscara do rosto, com que

todos os povos andam cobertos, e a cobertura com que todas as nações se cobrem. (v.8) Devorará também a morte com vitória, e assim enxugará o Senhor Jehovah as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do seu povo de toda a terra; porque o Senhor o disse. “ [070]

Paulo aplica isso à ressurreição: "Quando isto que é corruptível se revestir da incorrupção, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória." 1 Cor. 15:54.

Temos autoridade apostólica, então, para dizer que esta passagem do profeta evangélico, como Isaías foi chamado, é um prenúncio da grande doutrina da vida imortal e da bem-aventurança trazida à luz pelo Evangelho. Mas é uma questão se Isaías compreendeu a natureza exata da bênção ou o método de sua aplicação a "todos os povos e nações". Cheio do Espírito Santo, ele parece ter previsto a glória distante da nova era sob o Messias. Deus lhe permitiu, com visão ungida,

contemplar de longe a bênção universal que Cristo traria à humanidade; mas que ele viu a morte engolida pela vitória, com uma visão espiritual tão clara quanto a de Paulo, é improvável.

Mesmo os discípulos de Jesus não entenderam completamente o método da grande redenção, até depois da iluminação no dia de Pentecostes. E Pedro precisou ter a visão do lençol descido do céu, amarrado nas quatro pontas e dobrado novamente com todo o seu conteúdo, antes que ele pudesse ver que todos os povos, gentios e judeus, vêm de Deus, e por meio de Cristo voltarão a ele novamente, como seus filhos, e não como discípulos de Moisés. [071] Não podemos, portanto, razoavelmente supor que o plano do Evangelho de redenção e graça foi melhor compreendido pelo profeta hebreu (Isaías) do que pelo discípulo pessoal de Jesus (Pedro).

Ainda assim, é manifesto que houve crescimento de Adão a Isaías. Há um contraste marcante entre a promessa figurativa de que a cabeça da serpente

deveria ser ferida; e a linguagem exultante do profeta, para que todas as nações participem da festa que o Senhor deveria preparar, sob o Messias, no monte de sua santidade. A luz da verdade divina foi dispensada mais amplamente ao profeta (Isaías) do que ao patriarca (Adão).

Por mais obscura que a profecia possa ter parecido para as pessoas daquela época, ela parece clara o suficiente para nossas mentes. E, no entanto, se não tivéssemos o apóstolo inspirado como nosso intérprete, é bem provável que estivéssemos tão no escuro quanto os judeus, e teríamos confundido a natureza das bênçãos prometidas tão amplamente quanto eles. Devemos julgar a clareza dessas profecias para o povo daquele dia, não do ponto de vista cristão, mas do judaico; não pela plena luz de nosso meio-dia, mas pelo crepúsculo cinzento e sombrio de sua manhã.

Ainda assim, é certo que houve luz sobre essa questão, embora fraca, em todas as épocas desde o início. Deus nunca deixou

o mundo totalmente sob uma nuvem, no que diz respeito ao futuro. [072] Como vimos, a promessa da redenção, da destruição final do mal e do reino universal do bem, pode ser rastreada até a primeira transgressão.

Mas, supondo que não fosse assim - supondo que nenhuma indicação dessa grande verdade fosse encontrada no Antigo Testamento - isso não afetaria o argumento contra a punição sem fim. Pode ser perfeitamente consistente com a justiça e a misericórdia que um governante mantenha seu próprio conselho em relação a qualquer bem que pretenda conferir a seu povo; mas não se segue disso que seria igualmente consistente com a justiça e a misericórdia, ocultar deles qualquer grande mal que ele pretenda infligir, especialmente quando esse mal pode ser evitado por um aviso oportuno de sua parte, aviso esse, no entanto, ele se recusa a dar.

Um pai pode propor dar um esplêndido banquete a todos os seus filhos, mas nenhum princípio de honra será violado,

ele não será responsabilizado por nenhum mal para com eles, se não os informar do fato até o dia em que forem convidados. Mas se ele cavar um imenso fosso diante de sua porta e acender um fogo sulfuroso no fundo, e souber que seus filhos, quando chegassem, sendo noite, cairiam nele e morreriam, se ele não os avisasse disso, e nunca falasse sobre o fosso para eles, nem dê a eles o menor indício de seu perigo; isso seria honroso, justo e misericordioso? [073] Eles não teriam o direito de reclamar disso como uma maldade inédita?

E esta é uma declaração exata da diferença entre universalismo e punição sem fim, e dos princípios morais envolvidos no silêncio afirmado do Antigo Testamento. Ainda que a promessa aos nossos primeiros pais não tivesse sido dada, nem a Abraão; mesmo que o propósito de Deus de destruir o reino do pecado e restaurar todas as almas para si mesmo não tivesse sido mencionado aos patriarcas ou profetas; ainda assim, mostraria apenas que ele pretendia

melhor do que prometeu - que ele tem reservado para seus filhos maiores bênçãos do que jamais lhes deu motivos para esperar. E nisto certamente não há grande espaço para encontrar falhas da parte deles, nem para acusar sua bondade.

Mas, como mostramos, se ele escondeu deles seu propósito de desgraça sem fim contra aqueles que transgrediram suas leis, o caso é muito diferente, e um dano é causado além de qualquer cálculo, além da violação da justiça e da honra de sua parte. Ele é como o pai que cava a cova da morte no caminho de seus filhos e os vê caminhando direto para ela, sabendo que são totalmente ignorantes de seu perigo; e sabendo também que, se ele os tivesse avisado, eles teriam se afastado e ido por algum outro caminho. Para tal pai, terreno ou celestial, não há desculpa ou defesa possível.

[074]

CAPÍTULO III.

PUNIÇÃO INFINITA DE ORIGEM PAGÃ.

Nos capítulos anteriores, acompanhamos nosso assunto através dos períodos Patriarcal e da Lei, até o final do Antigo Testamento; e a investigação mostrou satisfatoriamente, acreditamos, que a doutrina do Castigo Infinito não é encontrada em lugar algum nas Escrituras Sagradas dos judeus.

Mas sabemos que o mundo pagão, durante grande parte desse período, estava de posse da doutrina e acreditava plenamente nela. É pertinente ao nosso assunto, portanto, investigar a crença deles e tentar determinar de que fonte eles a obtiveram. Pode ser, também, que o exame nos descubra a fonte de algumas de nossas doutrinas modernas sobre o assunto. De qualquer forma, mostrará que as superstições do passado e do presente, de pagãos e cristãos, não são muito distantes.

SEÇÃO III.1

DESCRIÇÃO DO INFERNO PAGÃO.

Entre os antigos pagãos, a crença em algum tipo de inferno era muito geral, se não universal. [075] Era conhecido por vários nomes, como Orcus, Erebus, Tartarus e Infernus ou Inferna, de onde vem nossa expressão "regiões infernais", etc. Os pontos de vista atuais a respeito eram diferentes em diferentes períodos e entre diferentes nações, de acordo com o grau de civilização e o gênio do povo. O que vou oferecer sobre este ponto dirá respeito principalmente aos romanos, gregos e egípcios.

1. Sua localização. Estaria tão abaixo da terra (ou tão fundo nela), quanto os céus estão acima dela. Hesíodo, o poeta grego, que viveu em 850 a.C, é muito preciso em sua afirmação, e diz que uma massa de ferro levaria nove dias caindo do céu à terra, e mais nove caindo da terra ao inferno. Assim dizem também Apolodoro, Virgílio e outros. (n07)

(n07) Um Catecismo Católico, revisado pelo London Athenaeum, tem as seguintes perguntas e respostas: "P. Onde está o inferno? A, Está no meio da terra. P. O inferno é muito grande? A. Não muito; pois os condenados jazem amontoados uns sobre os outros, como os tijolos em um forno de tijolos". Nossos irmãos protestantes não são tão precisos em localizar o lugar." "Inferno é em qualquer lugar onde Deus escolha tê-lo; ou que os pecadores escolham tê-lo; ou onde os demônios o façam. Ou pode estar em algum planeta, ou no espaço entre os planetas ou ele pode não estar em nem um lugar específico, ele pode estar em todo lugar exceto no céu. Inferno é miséria infinita, onde quer que miséria infinita é vivida, aí é inferno" Se, para produzir isso, é necessário colocar todos os homens maus em um poço , eles serão colocados lá; se não, eles podem ter mais espaço." – *O Observador* de Nova York. [076]

2. Os Habitantes. Alguma idéia dos nativos do país pode ser obtida a partir da seguinte descrição, tirada da Eneida de Virgílio, B. vi. :

"Na terrível boca do Inferno, mil *monstros* esperam; -

A *dor* chora e a *vingança* ruge no portão;
Nessecidades Básicas,
Medo baixo e a *fúria* sem lei da *Fome*.
E pálida *Doença*, e lenta e lamentosa *Idade*:
Demônios ferozes e formidáveis guardam os portais.
Com *Dor*, *Trabalho*, *Morte* e o meio-irmão da Morte, o *Sono*.
Ali as Alegrias, amarguradas pelo *Remorso*, aparecem .
Filhas da *Culpa*; aqui tempestades *Guerra* destrutiva.
Louca *Discórdia* suas tranças de cobra rasga lá;
Aqui, estendidas em leitos de ferro, rugem as *Fúrias*;
E perto do monstro sibilante de *Lerna* fica
Briareus terrível com cem mãos;
Ali o duro *Geryon* se enfureceu;
e ao redor Ferozes *Harpias* gritavam
e terríveis *Górgonas* franziam a testa." (n08)
Eneida de Pitt, vi. 385, etc.

(n08) Isso se harmoniza muito bem com a visão cristã sobre esse assunto; pois, ao lado do diabo e incontáveis legiões de demônios como habitantes, temos, de acordo com um poeta ortodoxo,

"Pálidos fantasmas, espectros hediondos, formas que assustam Os próprios condenados, e aterrorizam o desespero.
'Górgonas e Harpias, e Quimeras terríveis,'
E enxames de serpentes retorcidas, sibilando fogo."

E Erasmo fala de "leões e ursos espirituais", "escorpiões, cobras e dragões, a saber, espíritos

que rastejam e olham continuamente para as malditas marcas de fogo do inferno" [077]

A porta do Inferno era guardada pelo cachorro Cérbero, de três cabeças (Hesíodo diz cinquenta), que impedia toda saída das regiões infernais. Uma vez dentro, não havia escapatória. Para torná-lo ainda mais seguro, a horrenda prisão do inferno era cercada por um *rio de fogo*, chamado Flegethon; dentro do qual havia outra barreira em forma de parede tripla. Daí Virgílio diz:

"Aqui rola o rugido,
a maré flamejante do inferno.
E rochas trovejantes
ondulam a torrente de fogo" (n09)

(n09) Isso também é copiado pelo delineador cristão:
"Incêndios brotam em cataratas, ou no fluxo dos rios -
Em redemoinhos borbulhantes rolam a maré de fogo.
E surtos sulfurosos uns sobre os outros cavalgam."

Dr. Trapp,

"De repente diante dos meus olhos
Uma parede de inflexível fogo surgiu -
Parede montanhosa, tremenda, flamejante alta
Acima de todo vôo de esperança. "
Pollock.

3. Das punições. Virgílio nos dá um breve relato deles no livro já citado de:

" E agora gritos selvagens e lamentos terríveis.
E bebês gritando engrossam o coro terrível." (n10)

(n10) Aqui, também, católicos e protestantes dão as mãos aos pagãos e tomam emprestado deles o detestável dogma da condenação *infantil*, que, como visto acima, é mais antigo que o calvinismo ou o catolicismo. "A condenação de crianças que morrem sem terem sido batizadas", diz o católico Bossuet, "é um artigo de firme fé da Igreja. Elas são culpadas, pois morrem na ira de Deus e nos poderes das trevas. Filhos da ira por natureza, objetos de ódio e aversão, lançadas no inferno com os outros condenados, permanecem ali *eternamente* sujeitas à horrível vingança do demônio. Assim decidiu o erudito Denis Peteau,

assim como o mais eminente Belarmino, o Concílio de Lyon, o Concílio de Florença e o Concílio de Trento."

"Como pode ser que a queda de Adão, *sem remédio*, *envolveria* tantas nações, com seus filhos infantis, na morte eterna, senão pela vontade de Deus? É um decreto horrível, eu confesso!" *Institutas*, livro iii., c. 23, 7. (Nota do Tradutor) Institutas de João Calvino. [078]

Aqui fica em vestes ensanguentadas, a bainha das Fúrias.
De noite e de dia a vigiar os portões do inferno.
Aqui já se pode a ouvir gemidos terríveis.
E chibatadas sonoras erguem-se sobre os ouvidos.
Por todos os lados os grilhões dos danados rangem.
E amaldiçoam, em meio a correntes barulhentas, seu destino miserável." (n11)

(n11) Assim, os poetas cristãos descrevem seu inferno, empregando a mesma linguagem, como os drs. Trapp e Young abaixo:

"O barulho das correntes.

O clangor de *chicotes chicoteando, gritos estridentes e gemidos.*
Altos, ruidosos uivos, incessantes, gritos e gemidos penetrantes."

"Onde guinchos, a chama crepitante, a corrente chocalhante,
E toda a terrível eloqüência da dor."

As correspondências (semelhanças) que coloquei em itálico e a cópia são igualmente óbvias.

Alguns exemplos de tormentos individuais ilustrarão melhor o assunto e revelarão, ao mesmo tempo, como é inerente a eles a ideia de duração perpétua.
Ixion, por um certo pecado monstruoso, está preso a uma roda de fogo, que está sempre em movimento contínuo, em rápida revolução de tormento. *Tântalo,* por ter tentado enganar alguns dos deuses que o visitavam, servindo diante deles carne humana assada, foi torturado com fome e sede sem fim. Ele foi colocado em um lago com água até o queixo, e sobre

sua cabeça se inclinaram os galhos de uma árvore carregada com as frutas mais deliciosas e convidativas. [079] Agonizando de fome e sede, ele estendeu a mão para pegar a fruta, quando ela foi instantaneamente retirada um pouco acima de seu alcance; ele se abaixou para beber das águas refrescantes, e imediatamente elas se afundaram, e nenhuma gota tocou seus lábios; mas a água subiu novamente até o queixo, quando ele se levantou. [Dai vem nossa palavra "tantalizar".] (N.Trad.)

(N.Trad.) Tantalizar: Sujeitar alguém ao tormento que consiste em oferecer, por vista ou promessas, algo desejado que não pode ser alcançado.

As cinquenta Filhas de Danaus, ou melhor, quarenta e nove, por assassinarem seus maridos na noite do casamento, foram condenadas a encher uma tina furada com água retirada de um poço fundo com uma peneira. Claro que não havia fim para tal tarefa. Sísifo foi

condenado a rolar uma enorme pedra até o cume de uma alta colina no inferno, mas sempre, pouco antes de chegar ao topo, sua força falhava, e ela precipitava-se novamente para o fundo do penhasco, e o obrigava a começar seu trabalho novamente, sempre para terminar da mesma maneira. Outro miserável tinha uma pesada rocha suspensa sobre sua cabeça, ameaçando a cada instante cair e esmagá-lo. *Tityrus,* por seus crimes, foi acorrentado a uma rocha, enquanto um abutre se alimentava de seu coração e entranhas, que eram sempre renovadas tão rapidamente quanto devoradas. (n12)

(n12) Os métodos acima de tormento exibem um grau louvável de genialidade inventiva; mas o seguinte, tirado de um sermão cristão (?) Ortodoxo, excede em engenhosidade diabólica e tortura qualquer coisa encontrada no inferno pagão. Até agora, portanto, é uma melhoria em relação ao original:
"Quão negros são os Demônios! Quão furiosos são seus Atormentadores! Sua única música é ouvir seus miseráveis pacientes rugirem, ouvir seus ossos estalarem. É sua comida e bebida

ver como sua carne cresce e sua gordura cai para encharcá-los com metal ardente, e rasgar seus corpos, e derramar bronze ferozmente ardente em suas entranhas e nos recessos e ventrículos de seus corações. O que pensas tu dessas cadeias de escuridão, esses instrumentos de crueldade? contentar-se em queimar? Vês como o verme rói, como o forno arde, como o fogo se alastra? O que dizes tu daquele rio de enxofre, aquele abismo da perdição? a porta do inferno! Ouves as maldições e blasfêmias, os choros e lamentos, como eles lamentam suas loucuras e amaldiçoam seu dia; como eles rugem e gritam e rangem os dentes; quão profundos são seus gemidos; gemidos; quão inconcebíveis são seus mi Series ? Se os gritos de Corá, Datã e Abirão foram tão terríveis (quando a terra se partiu e abriu sua boca e os engoliu, e tudo o que pertencia a eles) que todo o Israel fugiu ao clamar por eles; Oh, quão terrível seria o clamor, se Deus removesse a cobertura da boca do inferno, e deixasse o clamor dos condenados ascender Em todo o seu terror entre os filhos dos homens, e de todos os seus gemidos e misérias, este é o penetrante matando ênfase e fardo, para sempre. para sempre!"

[080] Esses exemplos são suficientes para ilustrar as doutrinas e ensinamentos dos pagãos a respeito de punições futuras; e eles mostram, mais graficamente do que quaisquer palavras poderiam fazê-lo, quão essencial para sua completude é o elemento de perpetuidade, de infinitude. Não pode haver dúvida a respeito da crença *dos pagãos* nos tormentos dos ímpios após a morte, ou da opinião *deles* a respeito da sua *duração*. [081]

Sendo estabelecido, então, o fato de que o dogma é completamente pagão em seu caráter e desenvolvimento, esta questão se apresenta: De onde os pagãos o obtiveram? De onde vieram suas fábulas a respeito das regiões infernais? A próxima seção responderá a essa pergunta.

SEÇÃO III.2

OS PAGÃOS INVENTARAM A DOUTRINA DE PUNIÇÃO INFINITA MOSTRADA POR SUAS PRÓPRIAS CONFISSÕES.

Qualquer pessoa familiarizada com os escritos dos antigos gregos ou romanos não pode deixar de notar quantas vezes é admitido por eles que as religiões nacionais foram invenções do legislador e do sacerdote, com o propósito de governar e restringir as pessoas comuns. . Portanto, todos os primeiros legisladores afirmam ter se comunicado com os deuses, que os ajudaram na preparação de seus códigos. Zoroastro afirmou ter recebido suas leis de uma fonte divina; Licurgo obteve o dele de Apolo, Minos de Creta de Júpiter, Numa de Roma de Egeria, Zaleuco de Minerva, etc. O objetivo dessa fraude sagrada era impressionar as mentes da multidão com temor religioso e exigir uma obediência mais pronta da parte deles. Portanto, Agostinho diz, em sua "Cidade de Deus", "Isso parece não ter sido feito de outra forma, mas como era o trabalho dos príncipes, por sua sabedoria e prudência civil, enganar o povo em sua religião; [082] os príncipes, sob o nome de religião, persuadiram o povo a acreditar naquelas coisas como

verdadeiras, que eles mesmos sabiam ser fábulas ociosas; por este meio, para sua própria facilidade no governo, amarrando-os mais intimamente à sociedade civil." B. iv. 32.

Claro, para garantir a obediência, eles foram obrigados a inventar punições *divinas* para a desobediência do que afirmavam ser leis *divinas*. "Portanto", diz o bispo Warburton, "eles reforçaram a crença de um estado futuro de recompensas e punições por todo tipo de artifício". E falando da adição de metempsicose, ou a transmigração das almas, ele diz: "Esta foi uma solução engenhosa, inventada pelos legisladores egípcios, para remover todas as dúvidas sobre os atributos morais de Deus."

O Egito foi chamado de "Mãe das Superstições" e toda a sua história religiosa mostra a propriedade da denominação. Gregos e romanos, legisladores e filósofos, reconhecem sua dívida para com o Egito a esse respeito, e livremente creditam a ele a *invenção original* das fábulas e terrores do mundo

invisível; embora se deva admitir que eles aperfeiçoaram um pouco a coisa e mostraram uma maravilhosa faculdade inventiva própria. [083]

O Dr. Good tem em mãos uma passagem curiosa sobre o assunto, em seu Livro da Natureza, que devo ser autorizado a apresentar aqui. "Acreditava-se na maioria dos países", diz ele, "que este inferno, *hades*, ou mundo invisível, é dividido em duas regiões muito distintas e opostas, por um abismo amplo e intransponível; que uma região é uma sede de felicidade, um paraíso, ou elysium, e o outro uma sede de miséria, um Gehena, ou tártaro; e que existe um magistrado supremo e um tribunal imparcial pertencente às sombras infernais, diante do qual os fantasmas devem comparecer e pelo qual são condenados a um ou outro, de acordo com as ações feitas no corpo. O Egito é dito ter sido o inventor desta parte importante e valiosa da tradição; e, sem dúvida, pode ser encontrado nos primeiros registros da história egípcia. Mas, pela maravilhosa conformidade de seus contornos com as

doutrinas paralelas das Escrituras, é provável que tenha uma origem ainda mais elevada e que constituísse uma parte do credo patriarcal, mantida em alguns canais, embora esquecida ou obliterada em outros, e conseqüentemente que era uma comunicação divina de uma era muito mais antiga." (n13)

(n13) Harpers' Edit, p. 338. Veja, também, a origem egípcia da doutrina abundantemente provada na Legação Divina de Warburton, à qual sou grato por várias das autoridades dadas nesta seção, com citações do texto original. Também Leland sobre a Necessidade da Revelação Divina, Parte III., Caps. eu - viii. O suposto início e crescimento da doutrina entre os egípcios é brevemente mostrado por Heeren, Historical Researches, African Nations, vol. ii. 189 — 199, 2ª Edição. É bem digno de um exame cuidadoso. Ver também Livro dos Mortos na Bibliotheca Sacra de 1868, pp. 69-112.

[084]

Esta última afirmação é certamente uma afirmação singular para um homem com a erudição e julgamento do Dr. Good. Pois, primeiro, não está em conformidade com a

doutrina das Escrituras em relação a recompensas e punições, como nossa investigação demonstrou plenamente. E, segundo, o credo patriarcal não faz nenhuma menção a isso, até onde sabemos; e se fez parte de uma revelação inicial, depois perdida, é razoável supor que teria sido renovada novamente na revelação da Lei a Moisés.

Além disso, se os egípcios o obtiveram de algum dos patriarcas, deve ter sido de Jacó ou de seus descendentes, depois que desceram ao Egito. Deve ter sido uma doutrina corrente, portanto, entre os israelitas, e considerada por eles como de autoridade divina; mas esta conclusão é bloqueada pelo fato de que Moisés, embora divinamente comissionado como seu professor, a rejeita de sua lei e mostra sua incredulidade e desprezo por ela por um silêncio estudado e ininterrupto! Curioso, de fato, se a suposição do Dr. Good estiver correta. Encontramos a doutrina em pleno florescimento com os egípcios, mas nenhum traço dela entre os primeiros hebreus. Mas, singularmente,

quando, em eras posteriores, os judeus se corromperam e se afastaram da Lei de Moisés, encontramos a doutrina entre eles. E, o que é muito notável, como mostrará no próximo capítulo, sua primeira aparição é em livros apócrifos escritos por judeus egípcios. [085] De modo que os fatos são exatamente o oposto da teoria do Dr. Good; — em vez de os egípcios tomarem emprestado dos judeus, os judeus o pegaram emprestado dos egípcios.

Ao tentar estabelecer as noções egípcias sobre o assunto, é difícil escolher entre os relatos conflitantes dos escritores gregos, Heródoto, Diodoro da Sicília, Plutarco etc., bem como dos intérpretes modernos dos hieróglifos monumentais. Ainda assim, no que diz respeito à questão principal, eles estão razoavelmente bem acordados, embora haja grande diversidade de opinião a respeito dos detalhes. É bastante claro, a partir de seu testemunho unido, que toda a questão do julgamento após a morte, as recompensas de uma vida boa e as punições de uma vida ruim,

com todas as solenidades formais de julgamento e condenação, originaram-se e foram aperfeiçoadas entre os egípcios, de acordo com o caráter peculiar de sua mitologia. Deles foi emprestado pelos gregos, que fizeram as mudanças e acréscimos adequados ao sistema para o gênio e as circunstâncias daquele povo.

Parece que cada distrito do Egito tinha o que era chamado de "lago sagrado", além do qual ficavam os túmulos e locais de sepultamento dos mortos. Acherusia, o lago perto de Memphis, provavelmente foi o modelo para o resto, e parece ter fornecido um nome geral para eles. [086]

Quando alguém morria, era dever de seus parentes, de acordo com Diodoro, notificar os quarenta e dois juízes ou assessores, cujo cargo era decidir sobre o caráter do falecido e, em seguida, marcar o dia para as cerimônias fúnebres. e enterro. Quando chegava o dia, o corpo do morto era levado em procissão até a margem do lago, de onde não poderia ser removido até depois do julgamento. Os quarenta e dois juízes, convocados,

aguardavam no local de embarque, para receber o corpo e dar início ao julgamento. Era então lícito, para qualquer pessoa que julgasse apropriada, fazer acusações contra o falecido; e se ficava provado que ele havia levado uma vida má, os juízes o condenavam por sua maldade e recusavam-lhe o privilégio do enterro. Isso era considerado uma das maiores calamidades possíveis. Mas se aqueles que acusavam os mortos falhavam em estabelecer suas acusações, eles eram submetidos às mais pesadas penalidades.

Se não houvesse acusador, ou as acusações fossem refutadas, então seus parentes podiam pronunciar o elogio costumeiro, elogiando sua piedade e bondade, celebrando suas virtudes e declarando a vida excelente que ele havia vivido. Isso era seguido por uma oração suplicando aos deuses do submundo para recebê-lo na sociedade dos abençoados. Então vinham as aclamações da multidão reunida na ocasião, que se unia para exaltar o caráter do morto e regozijar-se

por ele agora se juntar aos virtuosos nas regiões de *Amenti* ou *Hades*. [087]

Depois disso, o corpo era colocado no barco funerário, sob a direção de Hórus, o barqueiro dos mortos, e transportado através do lago até seu local de sepultura. Feito isso, encerravam-se as cerimônias da ocasião.

Os corpos daqueles que tinham o enterro recusado eram levados de volta pela família e os caixões colocados contra a parede da casa. O espírito não podia descansar até que o corpo fosse enterrado. "A duração dessa punição era limitada", diz Wilkinson, "de acordo com a extensão dos crimes dos quais o acusado era culpado. Quando a devoção dos amigos, auxiliada por generosas doações a serviço da religião, e as influentes orações dos sacerdotes, haviam suavizado suficientemente a natureza inexorável dos deuses, o período desse estado de purgatório era sem dúvida encurtado." (n14)

(n14) Aqui está inquestionavelmente o germe do purgatório católico. As "doações liberais" e "as orações dos padres" são características familiares muito marcantes para serem confundidas.

Ao lado deste julgamento na terra, parece que havia outro depois que os mortos 'entravam nas regiões de *Amenti* ou *Hades*. Por que razão, não podemos dizer, exceto que os juízes do mundo invisível eram uma espécie de tribunal superior, que examinava o caso novamente, com vistas a corrigir quaisquer erros do julgamento anterior. [088]

Sir J. G. Wilkinson nos informa que "as cenas de julgamento encontradas nas tumbas e nos papiros, às vezes representam o falecido conduzido por Hórus à região de Amenti. Cérbero está presente como o guardião dos portões, perto dos quais as balanças da justiça foram erigidas. Anubis, 'o diretor da pesagem' tendo colocado um vaso representando as boas ações, ou o coração

do falecido, em uma balança, e a figura ou emblema da verdade na outra, passa a verificar suas reivindicações de admissão. Se, ao ser 'pesado', ele é 'encontrado em falta', ele é rejeitado; e Osíris, o juiz dos mortos, inclinando o cetro em sinal de condenação, pronuncia o julgamento sobre ele e condena sua alma a retornar à terra sob o forma de porco, ou outro animal imundo. Colocado em um barco, é removido, sob a responsabilidade de dois macacos, do recinto de Amenti, cuja comunicação é figurativamente cortada por um homem que corta a terra com um machado após sua passagem; e o começo de um novo período de vida é indicado pelos macacos, os emblemas de Thoth, como Tempo. Mas se, quando a soma de seus atos tiver sido registrada, suas virtudes predominarem a ponto de intitular-lhe a admissão nas mansões dos abençoados, Hórus o apresenta a Osíris." (n15)

(n15) *Egípcios Antigos* de Wilkinson, cap. x. Edição de Harpers, vol. ii. pp. 356 – 400. Veja

também o Dicionário pictórico da Bíblia de Bohn e a Enciclopédia de Ree, art. Egito. Enciclopédia Americana. Art. Hieróglifos.

[089]

É com esse julgamento, no ponto em que a alma condenada é reenviada à terra na forma de um animal, que a doutrina da transmigração parece se conectar.

De acordo com Heródoto, os egípcios acreditavam que a alma passaria de um corpo para outro, até que tivesse realizado o circuito de todos os animais, terrestres, marinhos e pássaros do ar; quando novamente toma sua morada no corpo humano. Supunha-se que essa transmigração preencheria um período de três mil anos.

Há uma grande diversidade de opinião em relação aos detalhes desse arranjo curioso, mas a idéia principal parece ter sido a punição dos ímpios; pois apenas os ímpios, de acordo com algumas autoridades, estavam sujeitos a ela, sendo os bons e piedosos recebidos imediatamente, no enterro do corpo, ao repouso ou retornando ao Bom Ser de

onde emanaram. E parece, de acordo com Wilkinson, que apenas os normalmente ímpios, não os piores, eram condenados a este purgatório. Ele pensa que os monumentos mostram "que as almas que passaram pela transmigração eram aquelas de homens cujos pecados eram de um tipo suficientemente moderado para admitir essa purificação; [090] o pecador imperdoável sendo condenado ao fogo eterno", com o que ele quer dizer fogo sem fim.

Esses registros dos gregos antigos, confirmados pelos monumentos conforme ilustrados por estudiosos modernos, revelam-nos a origem das doutrinas de um julgamento após a morte e de futuras recompensas e punições infinitas para as boas ou más ações desta vida. Dos egípcios passou, com modificações adequadas, aos gregos e romanos. O próprio Diodoro mostra claramente que as fábulas do lago Acherusian, de Hecate, Cerberus, Charon e Styx, têm sua origem nessas cerimônias e doutrinas egípcias.

E o professor Stuart, em nota ao *Ensaio sobre hieróglifos de Greppo*, aceita a afirmação de Spineto, de que os Amenti dos egípcios originaram as fábulas clássicas de Hades e Tártaro, Caronte, Plutão, os juízes do inferno, o cão Cérbero, as Quimeras, Harpias, Górgonas, Fúrias, “e outras coisas antinaturais e horríveis com as quais os gregos e romanos povoaram seu fantástico inferno”.

É curioso notar a exatidão da cópia em muitos detalhes. O egípcio Acherusia nos dá o grego Acheron, e talvez Styx. O tártaro egípcio, significativo das lamentações dos parentes sobre os mortos que recusaram o enterro por causa de suas vidas perversas, fornece o tártaro grego, onde os perversos são punidos. O [091] barco funerário através do lago, o barqueiro e a moeda de ouro na boca dos mortos dão origem a Caronte, seu barco e taxa, e a passagem através do Estige para o Hades. O cemitério além do lago, rodeado de árvores, chamado pelos egípcios de Elisout ou Elisaeus, é o

original dos Campos Elísios gregos, a morada dos bem-aventurados. Os três juízes infernais, Minos, Eacus, Rhadamanthus, são emprestados dos juízes egípcios dos mortos; e as cabeças dos animais que simbolizam esses juízes, confundidas pelos gregos, são transformadas em monstros Górgonas, Harpias, Fúrias, etc.

Mas, como observei, embora os gregos tomassem emprestado, eles alteraram e melhoraram. E, fiéis ao individualismo que era uma característica tão marcante daquele povo, eles não estão satisfeitos com o método egípcio de generalizar a respeito das punições dos ímpios, mas começam a especificar pecadores particulares e tipos particulares de punição adaptados a ofensas particulares. Daí as fábulas de *Ixion*, *Tantalus*, *Tityrus*, etc., cujos tormentos nas regiões infernais são mencionados no início deste capítulo. Tudo deve ser nítido, pontual e dramático, para se adequar ao gênio vivo do grego; e os terrores do mundo invisível devem ser apresentados de forma a atingir a

imaginação da maneira mais poderosa e produzir algum resultado direto no indivíduo e na sociedade. [092]

A coisa toda é projetada para efeito, para influenciar a multidão, restringir suas paixões e ajudar o magistrado e o governante a mantê-los sujeitos à autoridade. É invenção de sacerdotes e legisladores, que consideravam esse o método mais fácil de governar o povo. Eles reivindicam o "direito divino" de governar; afirmam que suas leis se originam dos deuses, como mostramos acima; e que, portanto, os deuses castigarão todos os ofensores com os terrores e torturas dos condenados. Assim, através da astúcia conjunta do sacerdote e do legislador, da igreja e do estado, apoiando-se mutuamente, temos todas as estupendas fraudes e falsidades a respeito do mundo invisível.

Mas, sem mais comentários meus, apresentarei o testemunho dos próprios pagãos sobre esse ponto, e os mais bem informados entre eles, que contarão sua própria história à sua maneira. Uma

observação preliminar, no entanto, já parcialmente feita, desejo repetir, e desejo que o leitor a tenha sempre em mente: os governantes e magistrados, ou sacerdotes, inventam esses terrores para manter o povo, as massas, em sujeição; as pessoas acreditam religiosamente neles; enquanto os inventores, é claro, e as classes educadas, os sacerdotes e os filósofos, embora os ensinem à multidão, não têm fé neles. [093]

1. Polybius, o historiador, diz: "Uma vez que a multidão é sempre inconstante, cheia de desejos ilegais, paixões irracionais e violência, não há outra maneira de mantê-los em ordem senão pelo medo e terror do mundo invisível; devido a isso parece me que nossos ancestrais agiram corretamente, quando planejaram trazer para a crença popular essas noções dos deuses e das regiões infernais". B. vi. 56.

2. Dionysius Halicarnassus trata todo o assunto como útil, mas não como verdadeiro. *Antiq. Rom.,* B. ii.

3. Livy, o célebre historiador, fala dele com o mesmo espírito; e elogia a sabedoria de Numa, porque inventou o medo dos deuses, como "um meio muito eficaz de governar uma população bárbara e ignorante". Hist., e. 19.

4. Strabo, o geógrafo, diz: "A multidão é impedida de vício pelas punições que os deuses infligem aos ofensores, e por aqueles terrores e ameaças que certas palavras terríveis e formas monstruosas imprimem em suas mentes Pois é impossível governar a multidão de mulheres, e toda a ralé comum, pelo raciocínio filosófico, e levá-los à piedade, santidade e virtude - isso deve ser feito por superstição, ou o medo dos deuses, por meio de fábulas e maravilhas; para o trovão, a égide, o tridente, as tochas (das Fúrias), os dragões, etc., são todas fábulas, como também toda a teologia antiga.[094] Essas coisas os legisladores usaram como espantalhos para aterrorizar a multidão infantil. '' Geog., B. i.

5. Timeus Locrus, o pitagórico, depois de afirmar que a doutrina de recompensas e

punições após a morte é necessária à sociedade, procede da seguinte forma: “Pois como às vezes curamos o corpo com remédios prejudiciais, quando os mais saudáveis não produzem efeito, assim restringimos essas mentes com ideias falsas, porque não serão persuadidas pela verdade. Há uma necessidade, portanto, de instilar o pavor daqueles tormentos estrangeiros: (n16) assim como a alma muda de morada; que o covarde é vergonhosamente enfiado no corpo de uma mulher; o assassino aprisionado na forma de uma besta selvagem; os vaidosos e inconstantes se transformaram em pássaros, e os preguiçosos e ignorantes em peixes."

6. Platão, em seu comentário sobre *Timeus,* endossa plenamente o que este diz a respeito da fabulosa invenção desses tormentos estrangeiros (item 5 acima). E Strabo diz que "Platão e os brâmanes da Índia inventaram fábulas sobre os futuros julgamentos do inferno" (Hades). E Crisipo culpa Platão por tentar dissuadir

os homens de errar com histórias assustadoras de punições futuras.

(n16) Os gregos e romanos, quando falam de coisas religiosas, costumam empregar a palavra "estrangeiro" para significar *egípcio*. A doutrina foi importada para a Grécia pelos legisladores e filósofos, que viajaram para o Egito a fim de aprender sua sabedoria e serem iniciados em seus mistérios de renome mundial.

[095]

O próprio Platão é extremamente inconsistente, às vezes adotando, mesmo em seus discursos sérios, as fábulas dos poetas, e outras vezes rejeitando-as como totalmente falsas e dando visões muito assustadoras do mundo invisível. Às vezes, ele argumenta, por motivos sociais, que elas são necessários para restringir os homens maus da maldade e do crime, e então novamente ele protesta contra eles por motivos políticos, por intimidar os cidadãos e tornar covardes os soldados, que, acreditando nessas coisas , têm medo da morte e, portanto, não lutam bem. Mas tudo isso mostra sob que luz ele os considerava; não como verdades,

certamente, mas como ficções, convenientes em alguns casos, mas difíceis de administrar em outros.

7. Plutarco trata o assunto da mesma maneira; às vezes argumentando por eles com grande solenidade e seriedade, e em outras ocasiões chamando; para eles "histórias fabulosas, contos de mães e enfermeiras".

8. Sêneca diz: "Essas coisas que tornam as regiões infernais terríveis, a escuridão, a prisão, o rio de fogo flamejante, o tribunal, etc., são todas uma fábula, com a qual os poetas se divertem, e por eles agitam-nos com terrores vãos." Sextus Empiricus os chama de "fábulas poéticas do inferno"; e Cícero fala deles como "absurdos e fábulas tolas" (ineptiis ac fabulis). [096]

9. Aristóteles, "Foi transmitido em forma mítica desde os primeiros tempos à posteridade, que existem deuses e que o divino (Deidade) abrange toda a natureza. Tudo além disso foi acrescentado, segundo o estilo mítico, para o propósito de persuadir a multidão, e para os

interesses das leis, e a vantagem do estado." Neander's Church Hist., i., p. 7. (n17)

(n17) O poeta *Ovídio* no 15° Livro de suas Metamorfoses, aludindo à doutrina da transmigração, afirma o caso da seguinte forma:

"Ó você, a quem os horrores da morte fria amedrontam,
Por que temer você Styx, nomes vãos e noite sem fim,
Os sonhos dos poetas e misérias fingidas
do inferno forjado? Se as últimas chamas surpreendem.
Ou envelhecem seus corpos desperdiçados,
eles não sofrem. Nem sofrem dores.
Nossas almas vivem para sempre,
No entanto, cada vez mais suas casas antigas partem
Morar no novo, que eles como hóspedes recebem:
Tudo muda, nada finalmente decai.
Aqui e ali ainda o espírito vagueia;
Convidados para todos os corpos, das feras ele voa
Para o homem, de homens para animais, e nunca morre.
Como cera flexível cada nova impressão leva.
Não fixado em uma forma,
mas de novo o antigo esquece.
No entanto, é o mesmo:
assim as almas permanecem as mesmas,
Embora vários corpos possam esconder a mesmice."

A pergunta com a qual esta seção começou, "De onde veio a doutrina de futuras punições sem fim?" está agora, eu

acredito, respondida por um número suficiente de testemunhas para resolver o assunto além da disputa. Os próprios pagãos confessam a invenção do dogma e de todas as histórias fabulosas das regiões infernais; [097] os legisladores e sábios afirmam muito francamente que a coisa toda foi planejada para sua suposta utilidade em governar a multidão grosseira e ignorante de homens e mulheres, que não podem ser restringidos pelos preceitos da filosofia. (n18)

(n18) Montesquieu tem um valioso tratado sobre o assunto deste capítulo, intitulado *"La Politique Des Romains dans la Religion"*. Ele diz claramente que os romanos "fizeram a religião para o estado" e que "Romulus, Tatius e Numa escravizaram os deuses à política" (*asservirent les dieux a la Politique*).

Eles não têm a menor fé nessas coisas; eles não os consideram necessários para regular suas próprias vidas ou mantê-las em ordem; mas é para as pessoas comuns, a ralé grosseira, que só assim pode ser aterrorizada para se comportar bem. Não

se pode deixar de notar a semelhança entre esses sábios e alguns de nossos dias, que parecem tão ansiosos para manter a doutrina no sob a alegação de que é necessário restringir os homens do pecado. Mas, infelizmente para esta teoria, as revelações da história, tanto pagãs quanto cristãs, estão todas em oposição a ela. [098]

CAPÍTULO IV.

OS JUDEUS EMPRESTARAM A DOUTRINA DOS PAGÃÕS.

É crido por todos que os judeus no tempo de nosso Salvador acreditavam na doutrina do futuro castigo sem fim; que fazia parte da fé comum. É claro que, como a doutrina não é encontrada em nenhuma parte de suas Escrituras, surge a pergunta: onde eles a encontraram? Ao final das Escrituras do Antigo Testamento, eles não acreditavam; no início do Novo eles acreditavam.

Entre esses dois pontos no tempo houve um intervalo de cerca de quatrocentos anos, durante os quais não houve profeta em Israel. Malaquias foi o último dos profetas hebreus, e dele até Cristo estende-se este período de quatro séculos, quando os judeus ficaram sem nenhum professor divino ou revelação do céu. E tudo isso enquanto eles estavam em contato constante e próximo com os pagãos, especialmente os egípcios, os gregos e os romanos, que mantinham a doutrina aqui estudada como parte da fé nacional. Destes, portanto, eles devem tê-lo emprestado, pois é certo que eles não poderiam tê-lo obtido de nenhuma fonte inspirada, uma vez que nenhuma estava aberta para eles durante esse período. [099]

Além disso, eles estavam, todo esse tempo, como se pode inferir de sua história anterior, afastando-se cada vez mais da lei e tornando-se cada vez mais corruptos; até que finalmente eles, como o Salvador os acusa, invalidaram

completamente a lei de Deus por suas tradições. Marcos 8:9, 13.

Brucker diz que "depois dos tempos de Esdras, Zacarias, Malaquias e dos homens inspirados, os judeus começaram a abandonar a doutrina sagrada e se voltaram para os sonhos de invenção humana (*“humani ingenii somnia”*); embora até este momento eles tivessem preservado pura a sabedoria hebraica recebida dos pais." (n19)

(n19) Hist. Philos. Judaica, Tom. ii. 703.

A última parte desta declaração é, talvez, muito forte. Eles certamente não preservaram a sabedoria de seus ancestrais e a doutrina sagrada pura até depois dos tempos de Malaquias e o fim do período profético. O afastamento deles da simplicidade da lei remonta a mais tempo do que isso, até ao tempo do cativeiro babilônico. A filosofia oriental causou considerável impressão na mente geral, bem como na mente especulativa, e aos poucos desmoronou o muro que

guardava o santuário da antiga fé, e preparou o caminho para a corrupção geral que se seguiu à morte do último dos profetas. [100] Um estudo cuidadoso dos últimos livros do Antigo Testamento mostrará isso claramente.

Falando sobre esse ponto, Guizot tem o seguinte: "Os judeus adquiriram na Babilônia um grande número de noções orientais, e suas opiniões teológicas sofreram grandes mudanças por essa relação. Encontramos em Eclesiástico, na Sabedoria de Salomão e nos profetas posteriores, noções desconhecidas dos judeus antes do cativeiro babilônico, que são manifestamente derivadas dos orientais. Assim, Deus representado como luz, e o princípio do mal como trevas; a história dos anjos bons e maus; paraíso e inferno, etc., são doutrinas cuja origem, ou pelo menos a afirmação determinada, só pode ser referida à filosofia oriental". (n20)

(n20) *Gibon de Milman*. Note próximo ao início do capítulo xxi. Com relação ao "paraíso e

inferno", achamos que o assunto é exagerado - não há nenhuma prova da origem babilônica do último, pelo menos.

Assim, vemos que as cordas que os prendiam à autoridade de Moisés e à lei escrita e às revelações de Deus foram relaxando lentamente por um longo tempo. É claro que, quando o último profeta partiu e Deus retirou toda orientação especial, o crescimento da corrupção entre eles e a conformidade com as opiniões pagãs aumentaram rapidamente. [101]

O processo é facilmente compreendido. Cerca de trezentos e trinta anos antes de Cristo, Alexandre, o Grande, havia submetido ao seu governo toda a Ásia Ocidental, incluindo a Judéia, e também o reino do Egito. Logo depois ele fundou Alexandria, que rapidamente se tornou uma grande metrópole comercial e atraiu para si uma grande multidão de judeus, sempre ansiosos por melhorar as oportunidades de tráfego e comércio. Alguns anos depois, Ptolomeu Soter tomou

Jerusalém e levou cem mil deles para o Egito. Aqui, é claro, eles estavam em contato diário com egípcios e gregos, e gradualmente começaram a adotar suas opiniões filosóficas e religiosas, ou a modificar suas próprias em harmonia com elas.

"Para qualquer lado que eles se voltassem", diz um escritor cuidadoso, "os judeus entravam em contato com os gregos e com a filosofia grega, sob uma modificação ou outra. Estava ao redor deles e entre eles; pois pequenos grupos desse povo foram espalhados por seus próprios territórios, bem como através das províncias vizinhas. Insinuou-se muito lentamente a princípio; mas, invadindo-os de todos os cantos e operando de era em era, misturou-se longamente a todos os seus pontos de vista e, por volta do ano 150 antes de Cristo, havia operado uma mudança visível em suas noções e hábitos de pensamento." (n21)

(n21) Expositor Universalista, vol. para 1834, p. 423.

[102]

Em Alexandria também foi estabelecida aquela célebre escola de filosofia e teologia que exerceu uma influência tão corruptora na doutrina e no ensino judaico e cristão.

“Esta escola”, diz Enfield, “ao pretender ensinar uma doutrina sublime a respeito de Deus e das coisas divinas, seduziu homens de diferentes países e religiões, e entre os demais também judeus, a estudar seus mistérios e incorporá-los aos seus. ... Portanto, sob o manto dos símbolos, a filosofia pagã gradualmente penetrou nas escolas judaicas; e as doutrinas platônicas, misturadas primeiro com as pitagóricas e depois com as egípcias e orientais, foram misturadas com a antiga fé em suas explicações da lei e suas tradições".

"Essa corrupção, que começou na época de Ptolomeu Filadelfo (283 a.C.), logo se espalhou pela Palestina e por toda parte disseminou entre os judeus o gosto pelas sutilezas e mistérios metafísicos." Novamente ele diz: “Sob os Ptolomeus, os

judeus começaram a aprender a teologia egípcia e oriental, dogmas estrangeiros com seu antigo credo”. E mais uma vez ele diz: "Alguns entre eles foram tão infiéis a seu país e a seu Deus, a ponto de cortejar o favor do conquistador (Antíoco Epifânio), misturando doutrinas e superstições pagãs com suas próprias doutrinas e cerimônias sagradas". (n22)

(n22) História da Filosofia, Livro iv. c. 1. Veja também Mosheim de Murdock, vol. i. 39.

[103]

Nestes extratos temos alguns fatos muito importantes em auxílio de nossa investigação. "A filosofia pagã gradualmente penetrou nas escolas judaicas", e os judeus incorporaram em sua antiga fé os dogmas tanto da filosofia quanto da teologia do Egito, a própria fonte de onde veio a doutrina dos futuros tormentos sem fim. Mas eles não apenas tomaram emprestado da filosofia egípcia, mas também da filosofia oriental e pitagórica, em ambas as quais, assim como na egípcia, uma das características

distintivas era a doutrina da metempsicose, ou a transmigração das almas (*reencarnação, incluindo em corpos de animais*), como uma método de retribuição após a morte. De fato, Pitágoras deu tanto valor a esse dogma, que muitas vezes foi chamado especialmente por seu nome; e foi acreditado quase universalmente pelas nações orientais, e é até hoje, especialmente pelos hindus, os birmaneses, os seguidores do Grande Lama e pelos budistas em geral.

Como esta doutrina particular tem uma influência importante em nossa investigação, pode ser bom ampliar um pouco este ponto. As opiniões dos egípcios já foram declaradas. Pitágoras ensinava que as almas eram enviadas para corpos correspondentes aos seus diversos personagens. Os bons eram autorizados a habitar aqueles de tipo gentil e social, como abelhas, pombas, formigas, etc. Os maus eram enviados para aqueles que se assemelhavam a eles em disposição e vida; os raivosos e maliciosos em

serpentes; [104] os vorazes e roubadores em lobos; os fraudulentos em raposas; e, com a grosseria de um dono de harém, diz que covardes e efeminados voltam em corpos de mulheres.

Os budistas, de acordo com Judson, acreditam que a humanidade passa para outros corpos, cujo caráter é determinado por sua conduta na vida presente. Eles podem ser enviados para os corpos de pássaros, bestas, peixes ou insetos, de um grau superior a um inferior, se perversos, até chegarem ao inferno ou a um lugar de tormento puro. Em casos de crimes atrozes, como o assassinato de um dos pais ou de um monge, eles não passam pela transmigração, mas vão direto para o inferno. (n23)

(n23) Life of Judson de Wayland, vol. i. 144-152.

Isso, como se verá, corresponde ao que Wilkinson diz da doutrina egípcia, de que apenas aqueles pecadores cujos crimes admitem purificação recebem o benefício

dessa transmigração purgatorial, enquanto o pecador imperdoável é condenado ao fogo sem fim.

Os hindus levaram a doutrina a tal grau de perfeição que professam ser capazes de "contar com precisão o pecado que a pessoa cometeu em outro corpo, pelas aflições que ela suporta neste. Por exemplo, eles dizem que a dor de cabeça é um castigo por ter, em um estado anterior, falado irreverentemente com o pai ou a mãe. [105] Loucura ou insanidade é um castigo por ter sido desobediente aos pais, ou ao sacerdote ou guia espiritual. A epilepsia é a penalidade por ter, em outro corpo, administrado veneno a alguém cumprindo ordens um mestre. Dor nos olhos é retribuição por ter, quando em corpo anterior, cobiçado a mulher de outro homem. A cegueira é um castigo por ter matado a própria mãe; mas esta pessoa, antes de entrar em outro corpo, será submetida a muitos anos de tormento no inferno." (n24)

(n24) Comentário de Clarke sobre João 9:2.

Tais são as opiniões dos egípcios, pitagóricos e orientais, respectivamente, sobre o assunto da transmigração como um sistema de retribuição além da morte. E dessas fontes, Enfield e outros dizem que os judeus tomaram emprestado em grande parte, incorporando os dogmas de sua filosofia e teologia com as doutrinas sagradas de seu antigo credo. Existe alguma prova de que eles tomaram emprestada a doutrina em questão? Nós respondemos, há provas abundantes, que passaremos a oferecer.

É claro que, ao fazer isso, não faremos distinção entre os elementos particularmente egípcios e os particularmente gregos. De fato, eles estavam tão misturados após a conquista do Egito por Alexandre e o influxo de gregos no país, que seria quase impossível separar os dois em sua influência na mente e nas opiniões judaicas. Ao apresentar a evidência, faremos com os judeus como fizemos com os pagãos - deixe-os falar por si mesmos. [106]

No apócrifo Livro da Sabedoria, escrito talvez de cinquenta a noventa anos antes de Cristo, por um judeu egípcio, temos o seguinte: "Eu era uma criança forte e tinha um bom espírito. Ou, antes, por ser bom, entrei em um corpo intacto". Capítulo 8:19, 20.

Josephus, que escreveu cerca de cento e cinqüenta anos depois, diz sobre os fariseus: "Eles acreditam que as almas têm um vigor imortal nelas, e que sob a terra (no Sheol ou Hades) haverá recompensas e punições, de acordo com se eles viveram virtuosa ou viciosamente nesta vida. Os últimos serão detidos em uma prisão eterna; mas os primeiros terão poder para reviver e viver novamente. Isso, como se verá, é um grande avanço comparado com o *Sheol* ou *submundo* do Antigo Testamento. Não encontramos nada desse tipo entre os patriarcas ou profetas.

Novamente ele diz: "As almas dos puros e obedientes obtêm um lugar santíssimo no céu, de onde, *na revolução das eras*, são novamente enviadas a corpos puros";

enquanto as almas daqueles que cometem suicídio "são recebidas no lugar mais escuro do Hades".

Mais uma vez: "Todas as almas são incorruptíveis, mas apenas as almas dos homens bons são removidas para outros corpos; mas as almas dos homens maus estão sujeitas ao castigo eterno." (n25) [107]

(n25) Antiguidades Judaicas., Flávio Josefo, Livro xviii, c. i. 8; Guerras Judaicas, B. ii., c. viii. 14; B. iii, c viii 5.

Esses testemunhos são suficientes para mostrar quão completamente a doutrina da *transmigração* havia se fixado no credo judaico na época de Cristo.

Veremos que os extratos indicam que a transmigração, ou permissão para entrar em outros corpos na terra, era considerada pelos fariseus e judeus como uma recompensa de virtude e bondade; enquanto o privilégio era negado aos ímpios, que eram mantidos no submundo, ou Hades, sujeitos à punição. É provável

que o caráter silencioso, inativo e sombrio do *Sheol*, ou *submundo*, dos primeiros hebreus, que já descrevemos amplamente (cap. II, seção v) pode ter dado esta forma à doutrina entre os judeus, e os levou a considerar a libertação dela para a vida alegre da terra um favor e uma recompensa.

Certamente era uma opinião comum entre muitos, e que já no segundo Livro dos Macabeus, talvez 150 a.C, que os ímpios seriam punidos, sendo privados de uma ressurreição ou confinados no *submundo* como sombrios fantasmas, sem ação ou prazer (capítulos 7, 14).

Este é, penso eu, o primeiro vislumbre que temos do castigo futuro entre os judeus, vindo, como vemos, [108] não na forma de tormento, mas de uma recusa do privilégio de uma ressurreição.

Esta doutrina tem prevalecido extensivamente entre os judeus. David Kimchi (1240 d.C.) diz: "O benefício da chuva é comum ao justo e ao injusto, mas a ressurreição dos mortos é o privilégio peculiar daqueles que viveram em

retidão." Moses Gerundensis diz: "Ninguém pode participar de um interesse no mundo vindouro, mas apenas as almas dos justos, que, separadas de seus corpos, entrarão nele." Manasseh Ben Israel, em um tratado sobre a ressurreição dos mortos, diz: "Da mente e opinião de todos os antigos, concluímos que não haverá uma ressurreição geral dos mortos, e uma comum a todos os homens." Pocoke trouxe uma grande quantidade de evidências de escritores rabínicos para provar este ponto. (n26)

(n26) Ver Bush sobre a Ressurreição, p. 258, de onde tirei essas citações.

A afirmação de Ben Israel, que esta era "a mente e opinião de todos os antigos", é provavelmente muito ampla para os fatos; mas mostra que em um período muito antigo essa noção ocorreu na crença judaica. O segundo Livro dos Macabeus, escrito duzentos e cinquenta anos depois de Malaquias, mostra que “ressurreição só

dos justos” é o que era crido em seu tempo.

Ainda assim, essa não era a opinião universal, pois evidentemente a *transmigração* na época de Cristo era considerada por alguns como um método de *punição*. [109]

Portanto, no relato do cego restaurado à vista por Jesus, temos a pergunta: "Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?" João 9. Isso mostra claramente que as pessoas pensavam que o homem poderia ter sido enviado para um corpo cego como punição por algum pecado em um estado *preexistente*; que é uma cópia exata da doutrina egípcia e oriental.

Em Lucas 16:14, temos outro traço da doutrina entre o povo. Em resposta à pergunta de Jesus: "Quem dizem os homens que eu, o filho do homem, sou?" os discípulos respondem: "Alguns dizem que o senhor é João Batista; alguns dizem Elias; e outros Jeremias, ou um dos profetas". Eles pareciam pensar que a alma de algum desses antigos homens de

Deus havia retornado à terra no corpo de Jesus, o que para eles era uma explicação satisfatória dos milagres que ele realizou. Muitos dos doutores judeus acreditaram que as almas de Adão, Abraão e outros animaram, em diferentes épocas, os corpos dos grandes homens de sua nação.

Não é fácil ver como aqueles aludidos pelos discípulos poderiam acreditar que a alma de João Batista, que havia sido morto recentemente, poderia ter entrado no corpo de Jesus, que tinha cerca de trinta anos. Mas então as idéias das pessoas comuns sobre este assunto, bem como dos eruditos, eram muito misturadas e confusas; (N.Trad.) e, além disso, [110] havia toda variedade de opiniões a respeito da teoria moral do sistema.

(N.Trad.) No caso de João Batista ser Jesus na opinião de alguns, eles provavelmente pensavam que João Batista tinha resssussitado (no mesmo corpo ainda incorrupto), não que fosse um novo corpo nascido de mulher (transmigração). Provavelmente estes não haviam visto nem João Batista nem Jesus pessoalmente, não conheciam suas feições.

Os *egípcios* acreditavam na transmigração como punição do vício; os *fariseus* acreditavam nela como uma recompensa da virtude; e os *pitagóricos* acreditavam nela tanto como recompensa quanto como punição. Os egípcios excluíam os extremamente perversos; e os fariseus excluíam os ímpios em geral, que eram punidos no *submundo*; enquanto Pitágoras excluía as almas extremamente boas, ou puras e filosóficas, que eram enviadas diretamente para o céu, ou para a sociedade dos deuses. Tão grande era a diversidade de opinião em relação até mesmo às principais características do sistema.

Fílon, um judeu egípcio contemporâneo do Salvador, acreditava que o ar estava cheio de espíritos, que de tempos em tempos desciam "para se unirem a corpos mortais, desejando viver neles novamente". E *Josefo* relata que os *essênios*, uma das três principais seitas entre os judeus, sustentavam os mesmos pontos de vista em relação à *preexistência*

de espíritos, o que de fato é equivalente à transmigração. (n27)

(n27) Whitby e Clarke, sobre João 9:2. Schoettgen diz que os judeus acreditavam na preexistência de todas as almas. Hora Hebr., conforme citado Dy Norton, Tradução dos Evangelhos, ii. 408.

Um número suficiente de testemunhas já foi citado para provar que os judeus tomaram emprestado dos pagãos a doutrina da transmigração, com todos os seus acompanhamentos de retribuição futura e punição sem fim. [111] E eles justificam abundantemente a declaração de Enfield, de que "a pureza da doutrina divina foi corrompida entre os judeus no Egito, que, sob o disfarce da alegoria, admitiram doutrinas nunca sonhadas por seu legislador e profetas; e adotaram uma interpretação mística da lei, que converteu seu significado simples em mil fantasias ociosas".

Mas outras visões de punições após a morte foram consideradas, aproximando-

se mais das noções grosseiras exibidas no capítulo anterior. O livro apócrifo, chamado Sabedoria de Salomão, escrito de cinquenta a setenta anos depois do segundo dos Macabeus, contém a doutrina da retribuição futura de uma forma mais positiva. A morada dos ímpios está em trevas e em meio a terrores, e o Todo-Poderoso lança contra eles todos os elementos, raios e granizo, ventos tempestuosos e ondas do mar furioso.

Fílon também ensinou que as almas dos ímpios eram lançadas nas profundezas do Tártaro, na mais negra escuridão e noite, onde são cercadas por todos os tipos de sombras fantasmagóricas e aparições assustadoras. Aqui eles sofrem uma morte *sem fim*, agonizando com a tortura presente e com o terror dos males por vir, sem alívio e *sem esperança*. Isso soa como o próprio eco das fábulas clássicas e nos leva ao próprio santuário da crença pagã.[112] É grego, com um leve sotaque judeu.

Mas, para não estender muito esta parte da investigação, terminarei citando a

autoridade do erudito Dr. Campbell, que afirma muito claramente o processo e o crescimento da doutrina da retribuição após a morte entre os judeus, de acordo com o modelo grego e romano:

"Desde o tempo do cativeiro, mais especialmente desde o tempo da sujeição dos judeus, primeiro ao império macedônio e depois ao romano, como eles tiveram uma relação mais próxima com os pagãos, eles absorveram insensivelmente muitos de suas ideias, particularmente naqueles pontos em que sua lei era omissa (n28) e em que, por conseqüência, eles se consideravam em maior liberdade. [113]

Sobre o assunto de um estado futuro, encontramos uma diferença considerável nas opiniões populares dos judeus, no tempo de nosso Salvador, daquelas que prevaleciam nos dias dos antigos profetas. Como *gregos e romanos* adotaram a noção de que os fantasmas dos que partiram eram suscetíveis tanto de *prazer* quanto de *sofrimento,* eles foram levados a supor uma espécie de *retribuição* nesse estado, por seu *mérito* ou *demérito* no presente.

Os *judeus* não adotaram as fábulas pagãs sobre esse assunto, nem se expressaram inteiramente da mesma maneira; mas a *linha de pensamento geral* em ambos veio a coincidir." (n29)

(n28) Vimos que o Velho Testamento *era* silencioso em relação a punições sem fim e, de fato, todas as punições após a morte. E é precisamente neste ponto que eles copiaram mais livremente dos pagãos.

(n29) Dissertação vi., Pt. ii., onde o assunto é discutido com igual franqueza e habilidade.

Talvez eles não tenham adotado as fábulas pagãs em todos os detalhes, mas se apropriaram da base e da estrutura delas e inventaram outras igualmente grosseiras e absurdas. Le Clerc diz que eles "tomaram emprestado um número tão grande de fábulas *(ont debite un si grand nombre de fables)*, que sua história, após o tempo do último dos historiadores sagrados, era pouco mais razoável do que as histórias mais fabulosas do paganismo".

E acrescenta que “como eram mais bem instruídos que os pagãos, eram, portanto, mais censuráveis por terem inventado tantas falsidades.” (n30)

Eles inventaram e tomaram emprestado, até que, como diz Tytler, por volta da época de Cristo, "eles haviam corrompido tanto a Lei pela mistura de doutrinas pagãs e cerimônias emprestadas dos pagãos", em suma, "o próprio judaísmo tornou-se tão modificado e disfarçado, a ponto de ser uma fonte de discórdia nacional e divisão entre seus devotos". (n31)

(n30) Veja as Observações de Jortin, i. 113. Aqueles que viram algumas das estúpidas fábulas do Talmud não acharão este julgamento de Le Clerc muito severo.

(n31) História Universal, Livro v., capítulo iv. Nota.

Esses fatos e testemunhos são suficientes, acredito, para satisfazer o leitor das fontes das quais os judeus derivaram a doutrina da punição sem fim e outras noções falsas que eles nutriam a respeito do estado futuro. E, após esta revisão, com que força e franqueza as palavras do Salvador voltam sobre nós: "Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens." Mat. 15:6-9. E vemos o ponto de sua acusação contra os fariseus, que eles rejeitaram os mandamentos divinos, para que pudessem seguir sua própria tradição, pela qual eles "fizeram a palavra de Deus sem efeito" (Marcos 7:9,13); e, também, sua advertência aos discípulos para "tomar cuidado com as doutrinas dos fariseus e saduceus". Mat. 16:6-12.

A verdade é que, nos quatrocentos anos de seu relacionamento com os pagãos, durante os quais eles estiveram sem qualquer mestre ou mensagem divina, a filosofia pagã e a superstição, no que diz respeito ao estado futuro, deixaram completamente de lado a Lei de Moisés e

as Escrituras do Antigo Testamento, e colocaram no lugar delas suas próprias invenções e fábulas extravagantes a respeito do mundo invisível. (n32)

(n32) O leitor encontrará outros testemunhos sobre este importante ponto no cap. x., sec. iii.

[115]

CAPÍTULO V.

PUNIÇÃO INFINITA NÃO ENSINADA NO NOVO TESTAMENTO. REAPITULAÇÃO DO ARGUMENTO ESCRITURAL.

Resumidamente, nosso argumento é, até agora, o seguinte:

1. Se o Castigo Infinito é uma verdade, e o verdadeiro propósito de Deus desde o princípio; e se exerce a influência salutar e restritiva reivindicada para isso, certamente deveria ter sido revelado o mais cedo possível. Isso tanto a Justiça quanto a Misericórdia exigiam, bem como

o bem-estar moral e religioso da humanidade.

Podemos, portanto, esperar encontrá-lo anunciado em linguagem mais simples logo no início - certamente naquelas ocasiões de pecado e crime que não poderiam deixar de evocar alguma declaração, alguma ameaça ou advertência em relação a ele.

Mas nem uma palavra ouvimos sobre isso em tais ocasiões. A primeira transgressão, Caim, o Dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra, são todos passados sem uma única linha no registro sagrado a respeito. A justa inferência é que não pode ser verdade, ou Deus certamente teria dito algo sobre isso, no decorrer dos dois mil e quinhentos anos do Período Patriarcal. [116]

2. Em seguida, examinamos a Lei de Moisés, todo o catálogo de suas penalidades e ameaças; mas em nenhum caso encontramos a menor alusão à doutrina de punições sem fim, ou quaisquer punições ou recompensas além da morte. E mostramos pelos

reconhecimentos dos críticos e teólogos mais instruídos, eles próprios crentes na doutrina, que ela não foi ensinada na Lei de Moisés, mas que a dispensação do Antigo Testamento foi totalmente uma dispensação de recompensas e punições *temporais*.

Esta parte da investigação cobriu mais mil e quinhentos anos, o período sob a Lei, durante o qual não temos nenhuma revelação de Deus sobre o terrível dogma, mas um silêncio estudado e notável em referência a ele, se verdadeiro; um silêncio totalmente inexplicável e que envolve o caráter divino em uma escuridão impenetrável e acusa além da defesa sua justiça e bondade.

Esta é a posição da questão no final de quatro mil anos, que nos leva ao fim da Antiga Dispensação e ao início da Nova. Surge agora a indagação: a doutrina em análise, por tanto tempo oculta, foi trazida à luz no Evangelho? A própria declaração da questão parece quase trazer sua resposta com ela. Como se Deus pudesse esconder um fato tão tremendo por

quarenta séculos, e então anunciá-lo em uma revelação chamada preeminentemente *boas novas,* ou Evangelho! [117]

Mas vejamos o que está envolvido em tal suposição. Se a doutrina for verdadeira, então os antigos patriarcas e profetas, e o povo escolhido de Deus, estavam todos errados em alguns milhares de casos; e os egípcios, gregos e todos os pagãos estavam certos. Os que desfrutaram da instrução divina estavam em erro, ao passo que os que tiveram apenas a luz da natureza como guia encontraram a verdade.

Mas, também nesta suposição, Deus faz uma revelação especial, por meio de Cristo, do que todos sabiam antes, judeus e gentios; pois, como vimos, os judeus haviam adotado a doutrina dos pagãos antes da vinda de Cristo. O paganismo havia antecipado o cristianismo, e não havia necessidade de uma revelação sobrenatural daquilo que os pagãos tiveram astúcia suficiente para inventar sem qualquer ajuda.

Novamente; João (1:17) diz : "A Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo." Isso pretende mostrar a superioridade da missão e revelação de Cristo. Mas o que é preferível, a Lei com *punições temporais*, ou aquela graça que traz uma dispensação de *punições sem fim* ? [118] E Paulo diz que o Evangelho é uma "melhor aliança, estabelecida em melhores promessas". Mas se ameaçar este julgamento horrível, não conhecido pelo pacto da Lei, seria mais apropriado dizer que é um pacto pior estabelecido em ameaças piores. E como se pode dizer que Jesus tem "um ministério mais excelente", se ele envolve consequências para os desobedientes e incrédulos um milhão de vezes mais terríveis do que quaisquer resultados do ministério de Moisés ou Arão? Heb. 8.

Mas vamos à investigação. Nossos limites obrigarão à máxima brevidade, mas indicaremos o caminho com suficiente clareza.

SEÇÃO V.1

A SALVAÇÃO POR CRISTO NÃO É DA PUNIÇÃO INFINITA.

Se a punição sem fim é realmente a penalidade da Lei Divina sob o Evangelho, e Cristo veio para nos salvar disso, podemos esperar que esse fato seja anunciado nos termos mais claros possíveis desde o início. Deus, por tanto tempo em silêncio, agora falará em tons de trovão e em linguagem que todo o mundo entenderá. Vejamos se ele o fez.

Lucas 4:16-22. Aqui temos uma declaração do próprio Cristo, no início de seu ministério, sobre para que ele foi enviado ao mundo, e se o grande propósito de sua vinda é salvar os homens da miséria sem fim, ele certamente o dirá. [119] "O espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar o Evangelho (boas novas) aos pobres; ele me enviou para curar os quebrantados de coração, para pregar libertação aos cativos e restaurar a vista aos cegos, e para pôr em liberdade os oprimidos, e

para pregar o ano aceitável do Senhor. E, fechando o livro, deu-o de novo ao ministro (da sinagoga), e assentou-se. "

Nem uma palavra sobre ele ter sido enviado para salvar de um futuro inferno sem fim; e, no entanto, ele professa contar exatamente o objetivo para o qual Deus o enviou! Agora, se a doutrina for verdadeira, Jesus mantém a mesma ocultação estranha que Moisés manteve na Lei. Ele enumera cuidadosamente todos os assuntos menores de sua missão, mas preserva um profundo silêncio sobre o mais importante de todos, a única coisa, de fato, que o trouxe ao mundo; e isso também, exatamente quando e onde ele deveria ter declarado isso nos termos mais ousados.

E o que é mais singular ainda é isto; lendo de Isaías (61:1-3), ele deixa de fora uma expressão muito importante, viz. : "o dia da vingança de nosso Deus." Ele lê essas palavras e então para no meio da frase, fecha o livro e se senta; como se ele dissesse: "Não tenho nada a ver com isso; não vim proclamar o dia da vingança, mas

da libertação". Pode algo ser mais significativo do que uma omissão como essa? E como é possível explicá-lo, se Cristo realmente veio para revelar o dia da vingança contra os ímpios e os tormentos de um inferno sem fim? [120]

Mas há outras passagens igualmente significativas. "Deus, tendo ressuscitado seu filho Jesus, enviou-o para abençoá-lo" - Pedro está dizendo o propósito expresso pelo qual Deus ressuscitou Jesus e o enviou ao mundo, e, se esse propósito é salvar do castigo sem fim, nós certamente o saberemos agora, - "Ele o enviou para abençoá-lo, *afastando cada um de vocês de suas iniqüidades"*. Atos 3:25,26. E isso, lembre-se, para os próprios assassinos de Jesus, homens recém-saídos da colina do Calvário! Se alguma vez houve um momento para revelar a doutrina da desgraça sem fim, foi aqui. Se fosse verdade, Pedro *poderia* ter omitido todas as alusões a isso?

"Ele se deu a si mesmo por nós, para nos redimir" - de quê? punição sem fim? Não; "para nos remir de toda *iniqüidade*," Tito

2:11-14. "Nosso Senhor Jesus se deu a si mesmo por nossos *pecados*, para nos livrar" — um futuro mundo mau? Não ; ainda, se este for o fato, deveria ser lido assim; mas, em vez disso, lê-se assim: "DESTE PRESENTE MUNDO MAU!" Gal. 1:4.

Agora, não é uma coisa maravilhosa, se Jesus realmente veio para nos livrar de um futuro mundo mau - dos tormentos sem fim de um inferno que só começa após a morte? Claramente, se assim for, esta declaração do apóstolo é um engano deliberado; [121] pois não apenas oculta o fato principal, mas o substitui por outra coisa, como se para desviar a atenção da verdade substancial do caso.

Novamente: "Tu lhe porás o nome de JESUS, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados" Mat. 1:21. Observe, de passagem, que o povo de Jesus é pecador, pois ele deve salvá-los de seus pecados. Comumente acredita-se que apenas os santos são seu povo. Observe, também, que a razão dada para o nome Jesus é que ele os salvará do pecado, não da vingança

de Deus, ou da penalidade da lei divina, ou dos horrores da punição sem fim.

Essas passagens podem ser muito multiplicadas, mas o que foi citado é suficiente para mostrar que não encontramos a doutrina em revista revelada no Novo Testamento naqueles lugares onde, de todos os outros, tínhamos o direito de esperar, se verdadeira. E se encontrássemos em outro lugar, essas passagens ainda seriam uma maravilha e um mistério.

Mas há outro fato, de grande peso nesta investigação, e digno de toda lembrança. As palavras originais traduzidas como "salvar" e "salvação", se contei corretamente, ocorrem cento e cinqüenta e sete vezes no Novo Testamento. Destes, dezenove referem-se à cura de enfermidades corporais; como quando Jairo implorou a Cristo que impusesse as mãos sobre sua filha, "para que ela fosse curada" - literalmente, "salva"; [122] trinta e cinco deles se referem à libertação do perigo ou da morte, como quando os judeus zombadores disseram de

Jesus: "Ele salvou os outros; salve-se a si mesmo".

Os cento e três exemplos restantes referem-se à salvação espiritual ou evangélica. E, no entanto, em nenhum desses textos é dito que Cristo veio para salvar o mundo, ou qualquer parte dele, do castigo sem fim, ou mesmo do “inferno”. "Mas é dito repetida e enfaticamente que ele veio expressamente para nos salvar de algo bem diferente disso. Como devemos explicar isso, se a doutrina for verdadeira? O que diremos daqueles que, falando pelo Espírito de Deus, na exposição da salvação do Evangelho, nunca declara o caso como realmente é, mas gasta todas as suas palavras em assuntos de importância comparativamente insignificante?

SEÇÃO V.2

A DOUTRINA DO INFERNO DO NOVO TESTAMENTO.

Encontramos a doutrina da punição sem fim revelada no uso da palavra Inferno? Deixe os fatos responderem. Há três palavras traduzidas como "inferno" no Novo Testamento, *Hades* e *Tártaro* que são gregos, e *Gehena,* que é a forma grega das palavras hebraicas *Gee* e *Hinom* , significando *"o vale de Hinom."*

1. Hades. Esta palavra ocorre onze vezes e é traduzida como "sepultura" uma vez e "inferno" dez vezes. [123] Pode ser proveitoso primeiro considerar o que um dos estudiosos ortodoxos mais talentosos diz a respeito. "Na minha opinião", diz o Dr. Campbell, "nunca deve ser traduzido nas Escrituras como inferno, pelo menos no sentido em que essa palavra é universalmente entendida pelos cristãos. No Antigo Testamento, a palavra correspondente é *Sheol,* que significa o estado de os mortos em geral, sem levar em conta a bondade ou maldade das pessoas, sua felicidade ou miséria. É muito claro que nem na versão Septuaginta do Antigo Testamento, nem no Novo, a palavra *hades* transmite o

significado que a palavra inglesa atual *hell* (e portuguesa atual *inferno*), no uso cristão, sempre transmite à nossa mente. A tentativa de ilustrar isso seria desnecessária, já que dificilmente é pretendido por algum crítico que esta é a compreenção do termo no Antigo Testamento. (n33)

(n33) Prelim. Diss. vi., Pt. ii.

1º. Hades *é usado para a sepultura, ou o estado dos mortos*. Nossos tradutores o traduziram em 2 Coríntios. 15:55. "*morte,* onde está o teu aguilhão? *sepultura* (*hades*), onde está a tua vitória?" Vejamos algumas outras passagens onde é traduzida como "*inferno*". "Não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu santo veja a corrupção." "Ele falava da ressurreição de Cristo, que a sua alma não foi deixada no inferno, nem a sua carne experimentou a corrupção." Atos 2:27,31. [124] A alma de Cristo já esteve no inferno, no sentido ortodoxo da palavra , como um lugar de tormento sem

fim? Mas o próprio escritor sagrado explica a palavra, quando diz que está falando da ressurreição de Cristo, isto é, da sepultura, ou dos mortos.

"E olhei, e eis um cavalo verde; e o nome do que estava sentado sobre ele era morte, e o *inferno* o seguiu." Apocalipse 6:8. Não há conexão necessária entre a morte e um lugar de punição sem fim, pois todos os homens morrem, bons ou maus; mas há uma conexão entre *a morte* e a sepultura, ou *o estado dos mortos*; e há propriedade em representar o último como seguindo o primeiro. "E a morte e o inferno deram os mortos que neles havia." Apocalipse 20:13. Isso é o contrário do que geralmente é ensinado e acreditado sobre o inferno; pois a ideia principal é que não desistirá daqueles que estão nela. Certamente o inferno de que fala o Revelador não é um lugar de tormentos sem fim. Isso é confirmado pelo próximo versículo, onde é dito, "a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo", isto é, totalmente destruídos. Claro, então, este inferno não pode ser um lugar de

infelicidade sem fim, uma vez que ele próprio não é infinito.

Essas passagens, que não têm sentido ou significado na visão comum do inferno, são cheias de significado quando damos a *hades,* ou *inferno,* seu verdadeiro sentido. Pois sabemos que a *sepultura* (*hades*) entregará seus mortos, e que a morte e a sepultura serão destruídas na ressurreição, quando a morte for tragada pela vitória da vida imortal. [125] Então, com um significado, será dito: "*sepultura (hades, inferno),* onde está a tua vitória?" pois então será cumprido o ditado, "sepultura (hades, inferno), eu serei a tua destruição". Oséias 13:14.

2º. Hades *também é usado em sentido figurado para representar um estado de degradação, calamidade ou sofrimento, decorrente de qualquer causa.*

"E tu, Cafarnaum, que és exaltada até o céu, serás lançada ao inferno" (*hades*). Mat. 11:23. A passagem paralela está em Lucas, 10:15. Ninguém supõe que a cidade de Cafarnaum tenha caído para um lugar de infelicidade sem fim. A palavra

inferno aqui, como diz o Dr. Clarke, é uma figura para expor "o estado de extrema desgraça, ruína e desolação, ao qual essas cidades impenitentes devem ser reduzidas. Essa previsão de nosso Senhor foi literalmente cumprida". Bp. Pearce diz: "Isso significa que sereis totalmente arruinado e destruído." Assim também Hammond, Beausobre, Bloomfield e outros. O último mencionado diz que é uma "expressão hiperbólica, representando *figurativamente* a profundidade da adversidade".

A parábola do homem rico e Lázaro fornece outro exemplo. "E no inferno (*hades*) levantou os olhos, estando em tormento." Deve ser lembrado que os judeus haviam emprestado suas idéias de tormento em um estado futuro dos pagãos e, é claro, foram obrigados a emprestar seus termos para expressar isso. Consequentemente, à maneira dos gregos, *Hades*, ou o lugar dos espíritos que partiram, é representado como recebendo todos, como o *Sheol*, bons e maus; mas temos também a ideia adicional de

departamentos ou distritos separados, divididos por um grande golfo ou rio; de um lado estão os bem-aventurados e do outro os condenados, próximos o suficiente para se verem e conversarem, como no caso de Abraão e o homem rico.

Também deve ser lembrado que esta é apenas uma parábola e não uma história real; pois, como afirma o Dr. Whitby, “encontramos essa mesma parábola na *Gemara Babylonicum*”. A história não era nova, então, não original com Cristo, mas conhecida entre os judeus antes que ele a repetisse. Ele pegou emprestada a parábola deles e a empregou para mostrar o julgamento que os esperava. Ele representou os favores e privilégios espirituais dos judeus pela riqueza e luxo do homem rico, e a pobreza espiritual dos gentios pela mendicância e enfermidade de Lázaro; e enquanto os primeiros seriam privados de seus privilégios e punidos por sua iniquidade, os últimos desfrutariam das bênçãos da verdade e da fé.

A pergunta pode surgir: "Se Cristo empregou a linguagem usada pelos judeus

para expressar os tormentos do inferno após a morte, ele não sancionou virtualmente a doutrina?" [127]

Nesse caso, ele sancionou seus pontos de vista conforme apresentados nesta parábola, que, como já mostramos, eles tomaram emprestado dos pagãos. Ele se coloca no mesmo nível dos poetas pagãos e ensina um céu e um inferno no Hades, divididos por um grande abismo, tormentos por chamas, conversas entre os abençoados e os condenados, etc.

Agora ninguém acredita em um inferno como este. Um inferno material de fogo e tormentos de chamas foram abandonados há muito tempo. E o Salvador não pode ser entendido como acreditando ou ensinando tormentos futuros, usando esta parábola, mais do que ele pode acreditar e ensinar a existência de Belzebu, o deus filisteu das moscas (ou sujeira), quando ele faz alusão a ele, e usa seu nome como se fosse um ser real. Veja Mat. 10:25; 12:24.

Então ele diz (Mateus 6:24): "Não podeis servir a Deus e a Mamom." Mammon "é o

nome do deus das riquezas; mas certamente ninguém pretenderia que Cristo, falando em servi-lo, sancionasse a doutrina de que ele era realmente um deus. E, no entanto, ele fala de seu serviço na mesma conexão e em a mesma linguagem, com a do verdadeiro Deus; mostrando a latitude com que essas comparações e números são usados, sem sancionar os erros em que se baseiam. Ele toma sua própria linguagem e opiniões em ambos os casos, sem acreditar ou aprovar, apenas para ensiná-los e alertá-los. [128]

O Dr. Macknight (presbiteriano escocês) falou bem sobre este ponto. "Deve-se reconhecer", diz ele, "que as descrições de nosso Senhor (nesta parábola) não são extraídas dos escritos do Antigo Testamento, mas têm uma notável afinidade com as descrições que os poetas gregos deram. como nosso Senhor, representam as moradas dos abençoados como situadas contíguas à região dos condenados, e separadas apenas por um grande rio intransponível, ou golfo profundo, de tal forma que os fantasmas

podiam falar uns com os outros de suas margens opostas. A parábola diz que as almas dos homens perversos são atormentadas pelas chamas; os mitólogos gregos nos dizem que eles jazem em Flegetonte, o rio de fogo, onde sofrem tormentos”, etc. Em seguida, ele acrescenta: "Se a partir dessas semelhanças for pensado que a parábola é formada na mitologia grega, não se seguirá de forma alguma que nosso Senhor aprovou o que as pessoas comuns pensavam ou falavam sobre esses assuntos, de acordo com as noções dos gregos. . Em discursos parabólicos, desde que as doutrinas inculcadas sejam estritamente verdadeiras, os termos em que são inculcadas podem ser os mais familiares aos ouvidos do vulgo, e as imagens utilizadas, aquelas com as quais eles estão mais familiarizados. Notas de Whittemore.

A sumário da questão é que Cristo adota uma parábola ou história corrente entre os judeus e, sem aprovar as opiniões pagãs nas quais foi fundada, usa-a para

mostrar que os gentios (Lázaro) seriam recebidos no reino do Evangelho. com Abraão e Isaque, enquanto os judeus (o homem rico) seriam lançados na escuridão e na desolação. [129] E esse julgamento que ele representa pela figura de lançamento no inferno, como ele havia descrito a destruição de Cafarnaum, dizendo que seria "lançado no inferno".

Um comentário perfeito sobre a parábola é encontrado em passagens como estas: "O reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que produza os seus frutos Mateus 11:43. "Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes muitos vindo do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e assentados com Abraão, Isaque e Jacó no reino de Deus, enquanto vós mesmos fostes lançados fora." Mateus 8:11, comparado com Lucas 13:28, 29. "Era necessário que primeiro vos fosse anunciada a palavra de Deus ; mas, visto que a rejeitais e vos julgais (mostrais) indignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios." Atos 13:46.

2. Tártaro. Esta palavra ocorre apenas uma vez, e então em forma de participio , em 2 Pedro 2: 4. "Se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno, etc. Tartarosas (N.Trad.). Isso é do mesmo caráter da parábola que acabamos de considerar, sendo o Tártaro o lugar de tormento no Hades, onde o homem rico deveria estar. [130] Bloomfield diz que "o Tártaro aqui é derivado dos pagãos, e as cadeias de escuridão da mitologia judaica; e acrescenta "é uma expressão verdadeiramente esquiliana", isto é, dramática, não literalmente verdadeira, uma figura de outra coisa.

(N.Trad.) Tartarosas (ταρταρωσας, G5020): Verbo, tempo Aoristo, voz Ativa, modo Participio - Nominativo, Singular, Masculino.

Não se pode supor que o apóstolo de Deus acreditasse no inferno pagão ou Tártaro, do qual demos conta no capítulo 3, e que os próprios pagãos confessam ser uma mera fábula, uma invenção de

legisladores e poetas. Seu uso da palavra não prova sua crença na doutrina dos tormentos após a morte, assim como a menção de Judas (1:9) à disputa entre Miguel e o diabo sobre o corpo de Moisés o torna responsável pela verdade daquela fábula ociosa e ridícula dos judeus . Pode-se argumentar que ele acreditava que os anjos ou mensageiros estavam presos em "cadeias de escuridão" literais, assim como acreditava que eles foram literalmente lançados no Tártaro ou no inferno pagão. Ambas as expressões são figuras para representar a desolação ou destruição a que foram levados por sua desobediência.

Este não é o lugar para entrar na questão de quem são os anjos, ou para fazer uma exposição da passagem. Sejam homens ou espíritos, a palavra "*inferno*" (*tartarosas*) aqui não fornece nenhuma prova de sua punição sem fim - e isso é tudo com o que nos deparamos na presente investigação. [131]

3. Gehena. Esta palavra ocorre doze vezes no Novo Testamento e é sempre

traduzida como "inferno". Mas como os evangelistas repetem os mesmos discursos, o Salvador realmente não o usou mais do que seis ou sete vezes em todo o seu ministério. Os seguintes são os textos: Mat. 5:22, 29, 30, 10:28, 18:9, 23:15, 33; Marcos 9:43, 45, 47; Lucas 12:5 ; Tiago 3:6. Ao consultar estas passagens, o leitor verá quantas delas são simplesmente repetições, e quão poucas vezes esta palavra é usada, na qual, no entanto, se deposita mais confiança do que em todas as outras, para provar que o "inferno" é um lugar de tormento sem fim.

O seguinte de Schleusner, um distinto lexicógrafo e crítico, mostrará a origem da palavra e indicará seu uso nas escrituras: "Gehena, originalmente uma palavra hebraica, que significa *vale de Hinom*. Aqui os judeus colocaram aquela imagem de bronze de Moloch. Diz-se, com base na autoridade dos antigos rabinos, que a essa imagem os judeus idólatras costumavam não apenas sacrificar pombas, pombos, cordeiros etc., mas também oferecer seus próprios filhos. Nas profecias de Jeremias

(7:31), este vale é chamado *Tophet,* de *Toph*, um tambor, porque eles batem um tambor durante esses ritos horríveis, para que os gritos e choro das crianças que estavam sendo queimadas não fossem ouvidos pela assembléia. Por fim, essas práticas nefastas foram abolidas por Josias, e os judeus trazidos de volta à pura adoração a Deus. 2 Reis 23:10. [132] Depois disso, eles consideraram o lugar com tal abominação que eles lançavam nele todo tipo de sujeira, e as carcaças de animais, e os corpos insepultos de criminosos que foram executados. Fogos contínuos eram necessários para consumi-los, para que a putrefação não infectasse o ar; e sempre havia vermes se alimentando das relíquias restantes. *Por isso, qualquer punição severa, especialmente um tipo infame de morte, era descrita pela palavra Gehena, ou inferno."* (n34)

(n34) Léxico sobre a Gehena. As mesmas declarações são feitas pelo Prof. Stuart, Whitby, Clarke e outros.

É apropriado acrescentar que Schleusner também diz que foi usado para representar os futuros tormentos dos ímpios e tenta mostrá-lo citando os textos dados acima. Mas isso, como o leitor verá, é assumir toda a questão; é tomar como certo a coisa a ser provada.

Em Jeremias 19, parece ser usado como um símbolo comparativo da desolação de Jerusalém pelos caldeus, ou, como pensa o Dr. Clarke, pelos romanos. O Senhor diz ao profeta: "Vá para o vale do Filho de Hinom (Gehena, inferno) e proclame ali as palavras que eu te direi Farei desta cidade uma *Tofete* (ou *Gehena*); e as casas de Jerusalém e os reis de Judá serão profanados como o lugar de *Tofete*," &c. Aqui *Tofete*, ou *Gehena*, é empregado no modo de comparação para estabelecer a derrubada total de Jerusalém; [133] como dizemos de um lugar: "É árido como um deserto", "É silencioso como a sepultura" etc.

Isaías diz: "Eles sairão e verão os cadáveres dos homens que transgrediram contra mim; porque o seu verme não

morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a carne." (Isaías 66:23,24). Aqui, o fogo inextinguível e o verme eterno da Gehena, ou inferno, são usados como figuras de julgamento a acontecer na terra, onde há carcaças, luas novas, sábados, etc. A Gehena, com seus acompanhamentos, era objeto de extrema aversão para os judeus e passou a ser empregada como símbolo de qualquer grande julgamento ou desgraça.

Dizemos sobre uma grande derrubada militar ou política: "Foi uma derrota de Waterloo". Assim, os judeus descreveram uma grande desolação pelo uso semelhante da palavra Gehena - "Foi um julgamento da Gehena;" isto é, um julgamento muito terrível e destrutivo.

Mat. 5:29,30, fala sobre "todo o corpo lançado no inferno" (Gehena). Ninguém supõe que o corpo seja *literalmente* lançado no inferno no estado futuro. A *severidade* dos julgamentos que recaem sobre aqueles que não desistiriam de seus pecados é representada pela Gehena, que,

como diz Schleusner, era "uma palavra de uso comum para descrever qualquer punição severa, especialmente um tipo infame de morte". [134] Essas pessoas perversas deveriam perecer de maneira tão infame quanto a dos criminosos, cujos corpos, após a execução, eram lançados na Gehena e queimados com os corpos de animais e os restos da cidade.

O mesmo pensamento é expresso em Mateus 23:83, onde "a condenação do inferno" é um símbolo dos tremendos julgamentos que virão sobre aquela nação culpada, quando a retribuição seria feita por "todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, morto entre o templo e o altar". Vers. 34-39.

Marcos 9:33,45,47, são repetições de Mat. 5:29,30, com a adição de "o verme eterno e o fogo inextinguível", que é uma repetição de Isaías 66:24 (N.Trad.). Não há nada na passagem que mostre que o Salvador usou essas frases em qualquer sentido diferente daquele do profeta; que,

como vimos, os emprega para representar julgamentos *na terra,* onde, "eles sairão para ver os cadáveres dos homens que transgrediram contra mim... Por que eles enterrarão em Tofete (o lugar de sacrifício na Gehena ou inferno) até que não haja mais lugar; . . . . e dias virão em que não mais se chamará *Tofete,* nem o vale do Filho de Hinom (Gehena) mas o vale da Matança". Jer. 7:20; Isa. 66:24.

(N.Trad.) Isaías 66:24 "E sairão, e verão os corpos mortos dos homens que prevaricaram contra mim; porque *o seu bicho nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará;* e serão em horror a toda a carne."

"Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; [135] temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo." Mateus 10:28. Lucas diz: "Temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno". Mat. 12:5.

Aqui está uma referência mista, figurativa e literal, ao vale de Hinom,

Gehena, inferno. Há uma alusão literal a lançar os cadáveres de criminosos no vale, para serem queimados no fogo perpétuo ou inextinguível mantido lá para esse fim; mas a associação de alma e corpo na mesma destruição indica o uso figurativo para representar a extinção total do ser, ou aniquilação.

Isaías emprega a frase de maneira semelhante. "O Senhor acenderá uma queimada como a queimada de um fogo, ... e queimará e devorará seus espinhos e suas sarças em um dia; e consumirá a glória de sua floresta e de seu campo frutífero, *tanto a alma e corpo*" (Isaías 10:16-18). O Dr. Clarke diz que esta é *"uma expressão proverbial"*, significando que eles devem ser "inteira e completamente consumidos". expressar qualquer grande julgamento ou calamidade. (n35)

(n35) Nosso Senhor pode se referir àquele grande dia de ira, quando os judeus e os cristãos apóstatas (ele está alertando contra a apostasia) seriam destruídos em meio a

"tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo até aquele momento; [136] não, nem nunca haverá de novo." Mat. 24:21. É impossível provar a miséria sem fim a partir desta passagem (de Mat 10:28), pois a *alma* está envolvida na mesma destruição que o *corpo*. Os defensores de uma vida interminável de sofrimento encontram neste texto (Mat 10:28) uma pedra de tropeço maior do que qualquer outra classe de crentes; pois, se ensina o que realmente acontecerá e não apenas o que é possível acontecer, é necessário apelar para a *doutrina da aniquilação.*

(N.Trad.):
Mat. 24:21-22 "Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tão pouco há de haver (22) E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias."

(N.Trad.):
Mat 10:28 "E não temais os que matam o corpo, e não podem matar a alma: temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno (gehena) a alma e o corpo."
Uma outra forma de interpretar Mat. 10:28 é considerar *alma* (ψυχη, psique, G5590) e

espírito (πνευμα, pneuma, G4151) como coisas diferentes. (ver 1 Tes 5:23) Talvez a alma pode ser *destruída* mesmo sendo o espírito eterno. Além disso, "destruída" (ἀπόλλυμι G622) pode significar algo menos que a aniquilação total.

Mas o Salvador não deve ser entendido como ensinando que Deus aniquilará a alma e o corpo, porque ele disse que era capaz de fazê-lo, mais do que ele deve ser entendido como ensinando que das pedras Deus levantaria filhos a Abraão, porque ele disse que era capaz. Mat. 3:9. E, além disso, ele diz a eles nas palavras seguintes para não temerem, porque Deus os vigiava, contando até os cabelos de suas cabeças, em sua guarda especial deles, e certamente os protegeria enquanto fossem fiéis a ele. e sua verdade.

O método de argumentação parece ser o mesmo dos fariseus, quando eles reclamaram de sua companhia com publicanos e pecadores. Mat. 9:10-13. "Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento." Se você é justo, como finge, essa é uma boa razão pela qual eu não deveria estar com você,

pois vim para salvar os pecadores. Mas ele não concordou que eles fossem justos. Ele apenas admitiu suas premissas para a época, a fim de mostrar o absurdo de seu raciocínio. [137]

Então, aqui, ele diz: "Se você está inclinado pela consideração egoísta do medo a abandonar o Evangelho a fim de salvar sua vida (como Pedro foi tentado a fazer), então, para ser consistente, você deve temer o poder que pode causar mais danos a você. E isso certamente é Deus, que pode trazer destruição e morte, não apenas no corpo, mas também na alma, e isso em meio ao mais terrível dos julgamentos. E para retratar o pavor dessa destruição mais vividamente para suas mentes, ele usa o conhecido símbolo de *Gehena*, ou o *vale de Hinom*, o sinônimo de tudo o que era horrível na mente de um judeu (n36).

(n36) O Dr. Albert Barnes diz: "A extrema repugnância do lugar, a imundície e a putrefação, a corrupção da atmosfera e os incêndios lúgubres que ardem dia e noite,

tornaram-no um dos objetos mais horrendos e terríveis que um judeu já conheceu."

Então, nas próximas palavras, ele passa a dizer-lhes que realmente eles não tinham motivos para temer a Deus ou aos homens. Enquanto eles cumprissem seu dever, Deus, que cuidou do pardal (Mateus 10:29) e contou os cabelos de suas cabeças, na vigilância de seu amor (Mateus 10:30), certamente os protegeria. E, então, como que para convencê-los de que o que ele havia dito era apenas uma suposição, e não um fato, ele diz: "Não temais, portanto, vós valeis mais do que muitos pardais". (Mateus 10:31.) [138]

Nas duas passagens seguintes, a *Gehena* parece ser empregada como figura ou símbolo de corrupção moral.

Tiago diz sobre a língua: "Contamina todo o corpo e incendeia o curso da natureza; e é incendiada pelo *inferno*" (*Gehena*), 3:6. Aqui *Gehena*, aquele lugar de sujeira e corrupção e incêndios perpétuos, é feito um emblema adequado das paixões imundas e apetites corruptos,

incendiados por uma língua imunda e sedutora, que inflama por sua vez, para a contaminação de todo o corpo.

Assim, em Mat. 23:15,27, *Gehena* ou *inferno*, e o *sepulcro* caiado, “cheio de ossos de mortos e toda impureza”, são símbolos terríveis da impureza moral dos “escribas, fariseus e hipócritas”, a quem o Salvador estava se dirigindo. ... "Duas vezes mais filho do *inferno*", significando que eles tornaram seus convertidos duas vezes mais *corruptos* do que eles.

A palavra *Gehena*, ou *inferno*, então, no Novo Testamento é usada como um símbolo de qualquer coisa que fosse suja e repulsiva; mas especialmente como uma figura de julgamentos terríveis e destrutivos.

E, agora, vamos considerar alguns dos fatos relacionados com esta palavra *Gehena*. Eles são os mais importantes porque esta palavra é especialmente invocada como ensinando a doutrina dos tormentos sem fim, a doutrina do inferno, como se acredita popularmente. Quaisquer que sejam as outras formas de

fala que possam ser empregadas para expressar o pensamento, este é certamente um dos termos claramente declarativos do *futuro castigo sem fim*. [139]

Admitindo esta afirmação por um momento, vejamos o que se segue. Se esta é a palavra pela qual o fato tremendo deve ser revelado, nós o notificaremos de maneira apropriada. Sabemos com que preparativos solenes e acompanhamentos terríveis, a Lei foi introduzida no Sinai; e certamente podemos esperar que esta doutrina seja anunciada com uma solenidade e horror proporcional à sua importância infinitamente maior, e que concentre nela a atenção de todo o mundo. Nem os patriarcas, nem Moisés, nem os profetas proferiram uma palavra sobre o assunto; mas agora um novo mestre veio de Deus, e ele deve dar a conhecer a terrível doutrina; e as palavras que ele seleciona para esse propósito serão empregadas com poder de ênfase, com uma distinção marcante, que excluirá toda possibilidade de erro.

Vejamos se é assim. A primeira vez que Cristo usa a palavra *Gehena* é em Mateus. 5:22, 29, 30. Mas nenhuma palavra de preparação ou aviso de que agora, pela primeira vez, o terrível dogma é anunciado por autoridade divina. Ele fala tão calmamente como se estivesse totalmente inconsciente do fardo de tal revelação; e as pessoas parecem igualmente impassíveis sob a terrível declaração. E o que é singular, não é apresentado por si só, de forma positiva, [140] sem mistura com qualquer outra coisa, como sua importância certamente exigia; mas é apresentado apenas como uma ilustração comparativa, entre outros julgamentos, das maiores exigências morais do Evangelho e do rigor com que impôs obediência.

Eles, os judeus, haviam dito: "Todo aquele que matar estará em perigo de *juízo* (julgamento)"; mas Cristo diz que todo aquele que está zangado com seu irmão sem causa corre o risco de uma punição igual à do *juízo* (o tribunal inferior de sete juízes); e quem disser a

seu irmão, *Raca* (um termo ofensivo, mente vazia ou cabeça-dura. G4469 do H7386), estará sujeito a uma punição igual à infligida pelo *sinédrio* (ou *conselho,* o tribunal superior de setenta juízes, que julgava os crimes capitais); mas todo aquele que disser: "*Tolo* (μωρε, G3474, descuidado, “burro”), estará em perigo do *fogo do inferno*" ou de uma punição igual em severidade *ao fogo da Gehena.*

Agora, se Cristo usasse o termo *Gehena* para revelar *aflição sem fim,* e isso pela primeira vez, ele não teria explicado como usava o termo e fixado para sempre o significado da palavra? E, no entanto, não temos a menor sugestão de qualquer significado novo e terrível. Os judeus estavam familiarizados com ele e o usavam constantemente para simbolizar *qualquer grande punição ou julgamento vindo sobre a terra*; e eles devem, é claro, supor que ele o usou como eles, já que ele não os avisou em contrário. Se, portanto, ele deu a isso *o novo significado de punição sem fim após a morte,* [141] eles

não puderam entendê-lo, e ele frustrou seu propósito por falta de uma explicação que eles e nós tínhamos o direito de esperar.

Mas há outra consideração que merece atenção. A diferença entre a pecaminosidade de dizer Raca ou “Burro” e Tolo dificilmente é grande o suficiente para justificar uma diferença de punição envolvida na suposição. Townsend diz com justiça, imaginar que Cristo, por uma distinção tão leve como Raca e Tolo, "passaria instantaneamente de uma sentença que o Sinédrio judeu pronunciaria, para a terrível condenação do castigo *eterno* no fogo do inferno, é o que não pode reconciliar-se com qualquer regra racional de fé ou medida conhecida de justiça”. Não há proporção entre a pequena diferença de culpa e a tremenda e *infinita* diferença de punição. Mas se a comparação é entre penalidades simbolizadas por apedrejamento até a morte, infligidas pelo conselho do Sinédrio, e ser queimado vivo na Gehena, então há proporção, alguma relação de

partes; porque a diferença entre morte por apedrejamento e morte por incêndio certamente não é muito grande; mas a diferença entre morte por apedrejamento e tormento sem fim é infinita.

É impossível, portanto, acreditar que Cristo, neste primeiro uso da *Gehena*, pretendeu revelar a doutrina, sem uma acusação contra sua fidelidade e justiça. [142]

Mas observemos outros fatos igualmente pertinentes.

1. Embora a Gehena ocorra doze vezes, o Salvador realmente a usou apenas em quatro ou cinco ocasiões diferentes, sendo o restante apenas repetições. Se esta é a palavra, e a revelação desta terrível doutrina está nela, como é possível que Cristo, em um ministério de três anos, a use apenas quatro vezes? Ele foi fiel às almas confiadas a seu encargo?

2. O Salvador e Tiago são as únicas pessoas em todo o Novo Testamento que usam a palavra. *João Batista*, que pregou para o mais perverso dos homens, não o usou nenhuma vez. *Paulo* escreveu

quatorze epístolas, mas nunca a menciona. *Pedro* não o nomeia, nem *Judas*; e *João*, que escreveu o evangelho, três epístolas e o livro do Apocalipse, nunca a emprega em uma única instância. Agora, se a *Gehena* ou o inferno realmente revela o terrível fato da desgraça *sem fim*, como podemos explicar esse estranho silêncio? Como é possível, se eles conheciam seu significado e acreditavam que fazia parte do ensino de Cristo, que não o tivessem usado cem ou mil vezes, em vez de nunca usá-lo; especialmente quando consideramos os *infinitos* interesses envolvidos?

3. O Livro de Atos contém o registro da pregação apostólica e a história da primeira plantação da Igreja entre os judeus e gentios, e abrange um período de trinta anos desde a ascensão de Cristo. Em toda essa história, [143] em toda essa pregação dos discípulos e apóstolos de Jesus, não há menção da *Gehena*. Em trinta anos de esforço missionário, esses homens de Deus, dirigindo-se a pessoas de todos os tipos e nações, nunca, sob

nenhuma circunstância, os ameaçam com os tormentos da *Gehena*, ou aludem a ela da maneira mais distante! Diante de um fato como esse, alguém pode acreditar que Gehena significa punição sem fim e que isso faz parte da revelação divina, parte da mensagem do Evangelho ao mundo?

Estas considerações mostram como é impossível sustentar a doutrina da miséria sem fim sobre a palavra *Gehena*. Todos os fatos são contrários à suposição de que o termo foi usado por Cristo ou seus discípulos no sentido de punição futura sem fim. Não há o menor indício de tal significado associado a ela, nem o menor aviso preparatório de que qualquer nova revelação deveria ser procurada nesta velha palavra familiar.

Passamos agora em revista, até onde nossos limites permitem, a doutrina do Inferno do Novo Testamento, e não descobrimos, com certeza, que seja a doutrina da punição sem fim, mas algo muito distante disso. Vamos agora nos voltar para outra fraseologia que deveria

incorporar esse pensamento e estabelecê-lo como uma doutrina da revelação divina. [144]

SEÇÃO V.3

"FOGO INAPAGÁVEL" E "O VERME QUE NÃO MORRE".

Essas expressões são consideradas entre as mais terríveis encontradas nas Escrituras; e por grande parte dos crentes cristãos são considerados decisivos da duração infinita do castigo dos ímpios.

A frase "fogo inextinguível" ou "fogo que não se apaga" ocorre nas seguintes passagens do Novo Testamento: Mat. 3:12, Lucas 3:17, Marcos 9:43, 44, 45, 46, 48. Nas passagens de Marcos, encontra-se em conexão com a frase "o verme que não morre". As repetições da mesma expressão são óbvias, os termos sendo repetidos três vezes (do olho, da mão, do pé) simplesmente para dar ênfase.

A origem da fraseologia na profanação do vale de Hinom, ou inferno, tornando-o

um local para o depósito e queima de cadáveres e vísceras, já foi dada na seção anterior. O Salvador o toma emprestado do profeta Isaías (66:24); e é importante observar que ele usa a frase "fogo inextinguível" apenas em duas ocasiões, e a frase "o verme que não morre" apenas em uma ocasião, a registrada por Marcos. (n37) Se a linguagem implica tanto quanto é afirmado, isso é bastante estranho para um ministério de três anos inteiros. [145]

(n37) Parkhurst diz: "Nosso Senhor parece aludir aos vermes que continuamente atacavam as carcaças mortas que foram lançadas no *vale de Hinom*, *Gehena*, e aos fogos perpétuos ali mantidos para consumi-los". Lexicon sobre a palavra *Gehena*.

Nossa primeira investigação é sobre o uso da linguagem nas Escrituras e, com isso verificado, seremos capazes de decidir o quanto isso tem a ver com a questão da punição sem fim. "Se não me ouvirdes... então acenderei um fogo nas portas de Jerusalém, e ele devorará os palácios de Jerusalém, *e não se apagará*."

Jr. 17:27. Este fogo inextinguível certamente *pertencia a este mundo* e tinha relação com a destruição dos portões e palácios de Jerusalém.

"Portanto, assim diz o Senhor Deus: Eis que minha ira e meu furor se derramarão sobre este lugar, sobre homens e animais, e sobre as árvores do campo e sobre os frutos da terra, e queimarão, *e não se apagará"* (Jer. 7:20). Ninguém, suponho, argumentaria que os animais do campo e os frutos da terra se tornaram infinitamente miseráveis porque é dito que a ira e a fúria de Deus foram derramadas sobre eles em *fogo inextinguível.* Nada pode mostrar mais claramente que a expressão é uma figura, representando a severidade dos julgamentos divinos, neste caso, nas "cidades de Judá e Jerusalém". [146]

O profeta Isaías descreve a desolação de Iduméia na seguinte linguagem: "Os seus riachos se converterão em piche, e o seu pó em enxofre, e a sua terra se tornará piche ardente. *Não se apagará noite nem dia ; a sua fumaça subirá para sempre."*

(Isa. 34:5-10). Essa linguagem forte é empregada para expor a destruição de uma pequena tribo, ocupando um território de dez ou quinze milhas quadradas; e fornece uma ilustração importante da elasticidade com que as frases em questão são usadas como símbolos de julgamentos temporais.

Mais um exemplo: A derrubada dos judeus e a devastação da Judéia, por Nabucodonosor e os caldeus, é predita por Ezequiel nos seguintes termos: "Acenderei um fogo em ti, e ele devorará toda árvore verde em ti , e toda árvore seca ; *a chama flamejante não se apagará*, e todas as faces de norte a sul serão queimadas nela. E toda a carne verá que eu, o Senhor, a acendi: *não se apagará."* (Eze. 20:47,48). Veja também Isa. 1:31; Jer. 4:4, 31:12; Amós 5:6.

Essas passagens são suficientes para mostrar que os escritores sagrados usaram as frases em revisão como figuras dos julgamentos de Deus na terra, das calamidades que ele enviou às nações perversas, por meio da guerra, fome e

desolação. [147] Em nenhum dos textos citados a linguagem é empregada como uma figura de quaisquer julgamentos ou sofrimentos, mas aqueles que pertencem ao tempo e à terra; e estas são todas as passagens no Antigo Testamento em que ocorre, com exceção de Isaías 66:23, 24, que foi considerado sob o título de *Gehena*.

Agora, se o Salvador usasse a mesma fraseologia usada pelos profetas e judeus, sem dúvida a empregaria no mesmo sentido, se desejasse ou esperasse que eles o entendessem. Os profetas haviam empregado essas expressões, e o povo estava familiarizado com o uso delas, como símbolos de terríveis julgamentos e punições enviados às nações culpadas, caindo sobre os transgressores nesta vida. Suas Escrituras nunca os usam em nenhum outro sentido, e o significado da linguagem era em relação à *severidade,* e *não à duração,* da punição. Portanto, como diz Hammond, um excelente comentarista da igreja inglesa, "fogo inextinguível" é simplesmente "um fogo que nunca se

apaga *até* que tenha feito seu trabalho", ou, em outras palavras, um fogo totalmente destrutivo.

Dr. Clarke diz, em Mat. 3:12 : "Ele queimará a palha, isto é, os desobedientes no meio dos judeus rebeldes, com fogo inextinguível, que não pode ser extinto pelo homem." Le Clerc diz: "Por estas palavras é significada a destruição total daqueles judeus"; e Bp. Pearce observa: "Em todo este versículo, a destruição do estado judeu é expressa nos termos do lavrador." [148] [Ver Seleções de Paige.] Esses eminentes escritores ortodoxos entendem o uso bíblico da linguagem e nos mostram que os julgamentos simbolizados por ela *não são infinitos* em duração, *nem localizados além da terra*. É claro, portanto, que o Salvador empregou as frases em questão no mesmo sentido em que os profetas as empregaram, o sentido que o povo lhes atribuiu; o de um julgamento terrível e desolador, sem qualquer referência ao tempo de sua continuação. *A idéia de infinito parece nunca ter sido pensada em conexão com a*

fraseologia; nem duração de qualquer duração, de fato, *mas apenas a intensidade e destrutividade da punição* ou julgamento.

Para ilustrar ainda mais o assunto e mostrar quão totalmente infundada é a suposição de que essas expressões implicam necessariamente uma duração infinita, vamos chamar o testemunho de alguns autores gregos, que certamente têm o direito de saber o significado de sua própria língua.

1. Strabo, o célebre geógrafo, falando do Partenon, um templo em Atenas, diz: "Nesta estava a lâmpada inextinguível ou inapagável" , (*asbestos*, a própria palavra usada em Mateus 3:12, Lucas 3:17 e Marcos 9:43,44,45,46,48 (N.Trad.)). Claro, tudo o que isso significa é que a lâmpada foi mantida acesa constante ou regularmente durante o período aludido, embora extinta ou apagada há muito tempo. [149]

(N.Trad.) ("asbesto (ασβεστω) = inapagável" ou "ou sbennutai (ου σβεννυται) = não apaga")

2. Homero usa a expressão *asbesto gelos* “riso inextinguível." Mas dificilmente podemos supor que eles estão rindo agora, e vão rir por toda a eternidade.

3. Plutarco, o conhecido autor das biografias familiarmente conhecidas como "Vidas de Plutarco", chama o fogo sagrado do templo de "fogo inextinguível" (*pur asbeston*, a expressão exata de Jesus), embora ele diz na frase seguinte que às vezes apagava.

4. Josefo falando de um festival dos judeus, diz que todos trouxeram combustível para o fogo do altar, que "continuou *sempre inextinguível", asbeston aei*). Aqui temos uma união da palavra suposta significar especialmente infinito*(aei),* quando na forma de *aionios* , com a palavra "inextinguível", e ainda assim ambas juntos não transmitem a ideia de duração sem fim; pois o fogo do qual Josefo fala realmente se apagou, e o altar foi destruído, na época em que escreveu! E ainda chama o fogo de "sempre inextinguível".

5. Eusébio, o pai da história eclesiástica, descrevendo o martírio de vários cristãos em Alexandria, diz: "Eles foram carregados em camelos pela cidade, e nesta posição elevada foram açoitados e finalmente consumidos ou queimados em *fogo inextinguível* " (*puri asbesto*). (n38)

(n38) *Expositor* de setembro de 1838; Schleusner's Lexicon sobre Asbestos; Ilíada, lib. 1. 599; Eusébio de Cruse, lib. vi., cap. 41 Nota na página 259.

[150]

Aqui, novamente, temos a mesma frase empregada por nosso Senhor e aplicada a um fogo literal, que, é claro, foi extinto no curto espaço de uma hora, provavelmente, ou duas horas no máximo. Tudo o que está implícito é que queimou até consumir as vítimas.

Esses autores, escrevendo em sua própria língua, devem ter conhecido o valor e a importância da frase "fogo inextinguível"; e é tão claro quanto a demonstração pode deixar que eles não a usaram para significar infinito. E alguém, por mais culto que seja, presumirá

entender o grego melhor do que os próprios gregos?

Eusébio nos deu uma ilustração perfeita do uso bíblico e da definição justa do termo, relacionado à intensidade e à severidade destrutiva, e não à duração. E o Salvador, em Marcos 9, o emprega como uma figura do terrível julgamento que deveria destruir os inimigos e os falsos mestres do Evangelho, sem mais referência à duração do que Eusébio fez ao falar do fogo inextinguível que consumiu os corpos dos mártires.

Os seguintes fatos, então, são estabelecidos. 1. Todo o uso da linguagem no Antigo Testamento é contra o significado de infinito, como mostram as passagens citadas e referidas. 2. Os escritores gregos citados acima não a usaram para significar infinito; o que nos dá uso bíblico e clássico contra ele. [151] 3. Não há uma partícula de prova para mostrar que o Salvador a usou no sentido de infinito, ou em qualquer outro sentido que não o dos profetas, a saber, uma

figura ou símbolo de grandes julgamentos temporais.

Ainda não encontramos, portanto, a doutrina da punição sem fim revelada no Novo Testamento, nem de forma alguma sancionada pela autoridade ou linguagem do abençoado Salvador. Existe uma outra classe de frases ou palavras que exigirá atenção; e isso encerrará o inquérito sobre esse assunto.

SEÇÃO V.4

AS PALAVRAS ETERNO, ETERNAMENTE, "PARA SEMPRE", ETC.

Essas palavras são consideradas por muitos como resolvendo a questão da duração infinita da punição - os fatos mostrarão com quão pouca razão pensam assim. É notável que, embora as palavras originais tenham sido traduzidas "eterno", "para sempre" etc. (*aion* e *aionios*), ocorrem *cento e setenta e nove* vezes no Novo Testamento, elas são usadas apenas doze vezes em conexão com punição.

"Fogo eterno" ocorre três vezes, e "castigo eterno" uma vez, "destruição eterna" uma vez e "condenação eterna" uma vez! Mat. 18:8, 25:41, 46; 2 Tess. 1:9; Marcos 3:29. Os outros textos são Heb. 6:2; 2 Ped. 2:17; Judas 7, 13. Certamente, se as palavras eterno e "para sempre" significam estritamente infinito por sua própria força inerente, isso é muito singular. [152] O Evangelho seria uma revelação especial de *punição sem fim* e, no entanto, as palavras que expressam esse fato terrível foram aplicadas a ele apenas nove vezes em um uso de cento e setenta e nove exemplos! (n39)

(n39) Vinte desses exemplos repetem a palavra, perfazendo sua ocorrência real 199 vezes — *eis tous aionas ton aionon.*

Atentemos agora para a definição e uso das palavras por lexicógrafos e escritores clássicos e bíblicos, para que possamos julgar seu valor na presente discussão.

1. Lexicógrafos e críticos. Schleusner, cujo aprendizado exato torna sua

autoridade de grande peso, define o substantivo aion, assim: "Qualquer espaço de tempo, seja mais longo ou mais curto, passado, presente ou futuro, a ser determinado pelas pessoas ou coisas mencionadas, e o escopo do assunto – a vida ou a idade do homem; qualquer espaço no qual medimos a vida humana, desde o nascimento até a morte”.

Donnegan. "Aion, tempo; um espaço de tempo; tempo de vida e vida; o período ordinário da vida do homem, a idade do homem; propriedade do homem; um longo período de tempo; eternidade. Aionios, de longa duração; eterno, duradouro, permanente. "

Schrevelius. "Aion, uma era, um longo período de tempo; duração indefinida; tempo, seja mais longo ou mais curto, passado, presente ou futuro; vida, a vida do homem. Aionios, de longa duração, duradouro, às vezes eterno, às vezes duradouro por toda a vida ." [153]

As autoridades podem ser multiplicadas em qualquer extensão, mas são suficientes para mostrar que o significado radical das

palavras gregas traduzidas como "eterno", "para sempre" etc., não é infinito, mas simplesmente um tempo indefinido, mais longo ou mais curto, passado ou futuro. ; e que eles tiram sua força quanto à duração dos assuntos ou pessoas aos quais são aplicados. Se eles significam estritamente infinito em qualquer caso, não é porque essa ideia está nas palavras aionios, aion, "eterno", "para sempre"; mas porque o ser ou sujeito qualificado o exige, ou é, por si mesmo, necessariamente infinito.

Portanto, o Dr. Macknight, presbiteriano, diz: "Essas palavras, sendo ambíguas, devem sempre ser entendidas de acordo com a natureza e as circunstâncias das coisas às quais são aplicadas". E embora ele afirme que as palavras apóiam a punição sem fim, ele acrescenta francamente: "Ao mesmo tempo, devo ser sincero a ponto de reconhecer que o uso desses termos ‘para sempre’, eterno e eternamente, em outras passagens das Escrituras , mostra que aqueles que entendem as palavras em um sentido limitado quando aplicadas à punição, não

colocam nenhuma interpretação forçada nelas." (n40)

(n40) *Verdade da História do Evangelho*, p. 28.

2. Uso por autores gregos. Os escritores gregos empregam constantemente essas palavras de maneira que exclui a ideia de infinito e a ilustra o significado de tempo indefinido; [154] a duração será determinada pelo escopo geral do assunto. Existe uma outra classe de frases ou palavras que exigirá atenção; e isso encerrará o inquérito sobre esse assunto.

Platão tem a frase *"embriaguez eterna (aionios);"* mas dificilmente se pode acreditar que ele quis dizer *embriaguez sem fim*.

Eusébio, um dos primeiros escritores cristãos, falando da filosofia fenícia apresentada por Sanchoniathon, fala da escuridão e do caos que precederam a criação: "Eles continuaram por uma *longa eternidade*" — (dia polun aiona) . Aqui a palavra é qualificada por *longa*, mostrando que eternidade (aiona)

significa simplesmente idade ou tempo indefinido, longo ou curto.

"E estes eles chamaram de *aionios,* eternos, ouvindo que eles haviam realizado os ritos sagrados por *três gerações inteiras", In Solom. Parab.* Esta eternidade durou três gerações, ou cerca de cem anos. "Não altere os limites eternos." Se "eterno" implicasse infinito, eles não poderiam ser alterados.

Esses exemplos podem ser multiplicados, mas meu propósito é apenas fornecer ao leitor um número suficiente para capacitá-lo a julgar seu uso entre os próprios gregos, aos quais, é claro, acredita-se entendem o significado das palavras em seu próprio idioma. Citarei mais uma autoridade do uso clássico, porque sua definição tem sido reivindicada como decisiva do significado “infinito”, como a ideia da raiz *aion* de onde vem *aionios*" eterno", "para sempre", etc. [155]

"De acordo com *Aristóteles*, e uma autoridade superior não precisa ser procurada, aion é composto de *aei*, sempre e “sempre existir”; isto é, sempre

existente, ... duração interminável, incessante e imensurável", Clarke em Gen. xxi . 33. Outros também compelem Aristóteles ao mesmo serviço.

Agora, uma única passagem da mesma obra em que Aristóteles é representado como definindo *aion* como significando radical e estritamente *infinito,* duração sem fim, mostrará a incerteza de tal crítica e a tolice de tentar pressionar o grande filósofo a apoiar a punição sem fim. A passagem referida (*De Mundo*), tem esta expressão: *"de uma eternidade interminável para outra eternidade" — ex aionos atermonos eis eteron aiona.*

Agora, se Aristóteles pretendia definir aion como significando estritamente infinito, como afirma o Dr. Clarke, por que ele acrescentou outra palavra para aumentar a força disso? Onde está a necessidade ou sentido de dizer de uma eternidade interminável para outra? E mesmo com esse acréscimo ele não transmite a ideia de duração sem limite ou fim; caso contrário, não poderia haver outro período, o que a sentença afirma!

Claramente, ele usa as palavras no sentido comum, significando por elas apenas um tempo indefinido, infinito ou limitado, conforme a natureza do assunto possa exigir. E mesmo quando associado ao adjetivo *atermonos*, "sem limite ou terminação", não deve ser tomado muito literalmente, como significando uma estrita *eternidade*. [156]

Em um poema atribuído a Errina Lesbia, há um uso semelhante do adjetivo "maior" em conexão com aion - "a eternidade maior que subverte todas as coisas", etc., *ho megistos aion*. A eternidade maior implica uma menor; e é prova demonstrativa de que o substantivo aion e o adjetivo aionios transmitem a ideia não de duração estritamente infinita, mas apenas de duração indefinidamente continuada.

Filo e Josefo escreveram em grego, embora fossem judeus de nascimento. O primeiro usa a mesma frase encontrada em Mat. 25:46, “punição eterna” — *kolasis aionios* — como segue: — Falando da maneira pela qual certas pessoas

retaliam uma ofensa, ele a designa como “um ódio profundo e *punição eterna.* É claro que o “castigo eterno”, neste caso, é infligido por homens nesta vida e, portanto, não pode durar muito acima de 70 anos.

Josefo emprega a palavra em frases como estas: "o nome *eterno* dos patriarcas;" "a glória *eterna* da nação judaica", que terminou há dois mil anos; "a reputação *eterna*" de Herodes; "a adoração *eterna*" no templo, que também cessou há quase mil e oitocentos anos; a prisão *eterna*" à qual João, o tirano, [157] foi condenado pelos romanos, embora não pudesse continuar, mais do que alguns anos no máximo. (n41)

(n41) *Thesaurus Graecae Linguae* de Stephens; Léxico de Robert Constant; *Universalist Quarterly*, ii. 133, iv. 5 — 88 ; *Expositor*, iii., etc., forneceu a maioria dos exemplos acima. *Ver* também *Christian Examiner*, artigos de E. S. Goodwin, de dezembro de 1828 a maio de 1833.

Esses autores judeus-gregos foram contemporâneos dos autores do Novo Testamento e, portanto, são uma boa autoridade para o uso e o significado das palavras em estudo, abrangendo tanto os elementos gregos quanto os judeus. Filo e Josefo, Mateus e Lucas, em que pese a diferença na educação, mantiveram a mesma relação com a língua grega e o uso judaico dela, e o que pode ser afirmado de um pode ser afirmado com igual força dos outros. E, certamente, nada é mais óbvio do que o primeiro nome não entendia as palavras *aion* e *aionios* como significando algo mais do que *tempo indefinido*.

Outro fato decisivo é este: os Oráculos Sibilinos, Clemente Alexandrino, Orígenes e outros dos Pais Cristãos, que são crentes reconhecidos e mestres da restauração final (αποκαταστασεως, G605; Atos 3:21), freqüentemente usam as frases "fogo eterno", "castigo eterno", etc., em relação aos ímpios. Nada pode mostrar de forma mais conclusiva que as expressões não devem ser tomadas no sentido de infinito; pois, embora acreditassem no

castigo eterno, [158] também acreditavam que terminaria na restauração daqueles que o sofreram.

3. Uso das Escrituras. O uso da Escritura será encontrado em perfeita harmonia com os fatos anteriores. A palavra hebraica (Olam, עולם, H5769), que é o equivalente do grego (Aion), é assim usada: "Dar-te-ei a terra de Canaã em possessão *perpétua*." Gn 17:8. E no versículo 12, a aliança da circuncisão é chamada de “aliança *eterna*”. E ainda assim os judeus foram expulsos da terra de Canaã, e a aliança da circuncisão foi abolida, mil e oitocentos anos atrás! Também, o sacerdócio de Arão é chamado de "sacerdócio *eterno*", mas foi posto de lado pela autoridade de Deus, e o sacerdócio de Cristo foi estabelecido em seu lugar. Êxodo. 40:15.

Agora, Jeová usou esta palavra “eterno” para significar *infinito*? Se ele fez isso, então ele quebrou sua promessa aos judeus em três instâncias diversas; ou, se não for isso, o sacerdócio de Cristo é uma impostura, e a antiga Aliança da Lei ainda

está em vigor! Veja também Levit. 16:34, 25:46; Êxodo. 21:6.

Jonas 2:1-6 é outra ilustração, onde "para sempre" durou apenas três dias e três noites! mostrando a tolice de defender a infinitude da punição com base em palavras elásticas como essas. [159] A punição de Jonas é descrita pelo termo "para sempre", embora tenha durado apenas setenta e duas horas; e não há mais razão para supor que o termo signifique infinito em outros casos, quando aplicado à punição, do que aqui. Não há mais autoridade para dizer o "castigo eterno" de Mat. 25:46, é interminável, do que dizer que o castigo “para sempre” de Jonas, ou o “sacerdócio eterno” de Êxodo 40:15, é interminável.

A palavra às vezes pode ser usada para significar uma eternidade literal; mas toma sua força em tais casos do sujeito ou pessoa a quem é aplicada. Por exemplo, na expressão "Deus eterno", eterno significa infinito, porque Deus é imortal, não por qualquer força própria. A palavra

"eterno" empresta sua infinitude de Deus, não Deus de "eterno".

Assim, em todos os casos, o adjetivo é modificado pelo substantivo. Um cavalo forte, uma mente forte, uma corrente forte, bebida forte, linguagem forte - em cada uma dessas frases "forte" tem um significado diferente, de acordo com a natureza do sujeito ou substantivo. Portanto, um homem sábio, um sábio Deus - no último caso, a palavra "sábio" significa sabedoria infinita, mas não no primeiro; ou seja, o significado de infinito não está em "sábio", mas em "Deus". E o mesmo com “para sempre”, esta expressão nunca tem a força de infinito em si mesma; e, a fim de torná-la infinito quando aplicado à punição, deve-se mostrar que a punição é, em sua natureza, tão necessariamente infinita e para sempre quanto Deus. Provavelmente levará algum tempo para fazer isso. [160]

Pode ser bom notar o argumento de que em Mat. 25:46, "vida eterna" e "castigo eterno" são colocados um contra o outro, e aquele é tão longo quanto o outro. A

resposta a isso é que a vida dos bem-aventurados não se presume ser infinita por causa da palavra “eterno”, mas por causa da bondade infinita de Deus; a mesma razão que pesa contra a presunção de que o castigo dos ímpios é infinito. Mostra que há tanta razão da natureza de Deus para supor que o mal e o sofrimento serão infinitos quanto o bem e a felicidade, e pode haver alguma força no argumento (pela finitude do mal?).

Além disso, Rom. 16:25, 26, Tito 1:2, Habaque. 3:6, mostram que a mesma palavra pode ser aplicada de maneira diferente na mesma frase. "Montes eternos" não são tão longos quanto o "Deus eterno"; e "vida eterna" não é o mesmo que os "tempos eternos" (inglês "mundo"), antes dos quais foi prometido. Tito 1:2. (n42) (N.Trad.)

(n42) Veja Prof. Taylor Lewis em “Palavras Olâmicas e Aionianas” (*Olamic and Aeonian Words)* cap. X., sec. 4.

(N.Trad) Tito 001:002

επ ελπιδι ζωης αιωνιου ην επηγγειλατο ο αψευδης θεος προ χρονων αιωνιων (pro kronon aionion)

Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos;

O breve resumo a seguir ilustrará o uso bíblico das palavras "eterno", "para sempre", etc., e mostrará como é impossível construir a doutrina da punição sem fim em termos tão incertos:

"Vemos a palavra *eterna (olam, aionios)* aplicada à aliança de Deus com os judeus; ao sacerdócio de Aarão; [161] aos estatutos de Moisés; ao tempo em que os judeus deveriam possuir a terra de Canaã; às montanhas e colinas; e as portas do templo judaico. Vemos a palavra *"para sempre" (olam, aionios)* aplicada à duração da existência terrena de um homem, ao tempo em que uma criança deveria permanecer no templo, à continuação da lepra de Geazi, à duração da vida de Davi; à duração da vida de um rei, à duração da terra, ao tempo em que os judeus deveriam possuir a terra de Canaã, ao

tempo em que habitariam em Jerusalém, ao tempo em que um servo deveria permanecer com seu mestre; ao tempo em que Jerusalém permaneceria uma cidade; à duração do templo judaico; às leis e ordenanças de Moisés; ao tempo em que Davi seria rei sobre Israel; ao trono de Salomão; às pedras que foram erguidas no Jordão; o tempo em que os justos habitariam a terra; e o tempo em que Jonas ficou na barriga do peixe. Encontramos a frase “para todo o sempre” *(olam, aionios)* aplicada às hostes do céu, ou o sol, a lua e as estrelas; a uma escrita contida em um livro; para a fumaça que subiu da terra em chamas na Idumea; e ao tempo em que os judeus deveriam habitar na Judéia. Encontramos a palavra *nunca* aplicada ao tempo em que o fogo queimava no altar judaico; o tempo em que a espada deveria permanecer na casa de Davi; à aliança de Deus com os judeus;
o tempo em que os judeus não seriam envergonhados; o tempo em que a casa de Davi reinaria sobre Israel, [162] o tempo em que os judeus não abririam a boca por

causa de sua vergonha; o tempo em que aqueles que caíram pela morte devem permanecer em seu estado caído; o tempo o julgamento não foi executado.

"*Mas* o pacto da lei foi abolido; o sacerdócio de Arão e seus filhos cessou; as ordenanças, as leis e os estatutos de Moisés foram revogados; os judeus há muito foram despojados da terra de Canaã, foram expulsos da Judéia, e Deus trouxe sobre eles uma reprovação e uma vergonha; o homem a cuja duração de vida a palavra *para sempre* foi aplicada está morto; Davi está morto e deixou de reinar sobre Israel; o trono de Salomão não existe mais; o O templo judaico foi demolido e Jerusalém foi derrubada", de modo que não fica "pedra sobre pedra"; os servos dos judeus foram libertados de seus senhores, Geazi está morto e ninguém acredita que ele levou sua lepra consigo para o mundo futuro; as pedras que foram colocadas no Jordão foram removidas, e a fumaça que subiu da terra ardente de Idumea cessou de subir; os justos não herdam a terra

indefinidamente, e ninguém acredita que as montanhas e colinas, como tais, sejam indestrutíveis; o fogo que ardia no altar judaico há muito cessou de arder; o julgamento foi executado; e nenhum cristão acredita que aqueles que caem pela morte nunca serão despertados de seu sono. [163] Agora, como essas palavras são usadas neste *sentido limitado* nas Escrituras, por que deveria ser suposto que elas expressam *duração infinita* quando aplicadas à *punição?"* (n43)

(n43) Eterno.— Gên. 17:7,8,13; 48:4; 49:26; Êxodo. 40:16; Lev. 16:34; Numeros 25:13; Salmos 24:7; Hab. 3:6.

Para sempre.— Deut. 16:17; 1 Sam. 1:22; 27:12; Lev. 26:46; 2 Reis 6:27; Jó 41:4; 1 Reis 1:31; Neh. 2:8; Dan. 2:4; Êxodo. 14:13; Ecl. 1:4; Salmos 104:6; 78:69; Ezek. 37:25; Gn 13:15; Êxodo. 32:13; Josh. 14:9; 1 Cron. 23:26; Jr. 17:25; Salmos 48:8; Jer. 31:40; 1 Reis 8:13; Numeros 10:8; 18:23; 1 Cron. 28:4; 1 Reis 9:5; Jos. 4:7; Jonas 2:6; Salmos 37:29.

Para sempre e sempre. — Salmos 148:5,6; Isaias 30:8; 34:10; Jer. 7:7; 25:5.

Nunca. Lev. 6:13; 2 Sam. 12:10; Juízes 2:1; Joel 2:26,27; Jr. 33:17; Ezek. 16:63; Amós 8:14; Hab. 1:4. — *Livro de Referência Universalista*, pp. 107-177.

SEÇÃO V.5

A SEGUNDA MORTE.

A frase *"segunda morte"* é peculiar ao livro de Apocalipse e é encontrada aqui apenas quatro vezes. 2:11; 20:6,14; 21:8. Parece, pelo contexto, que é usada como uma figura de julgamento ou punição; e é do contexto que devemos depender principalmente, pois não há exemplos no Antigo ou no Novo Testamento, exceto aqueles mencionados, que podem ser usados como uso bíblico para determinar o significado da expressão. [164]

É uma observação valiosa do Dr. Hammond, a respeito desta frase, *segunda morte*, é que "parece ter sido tirada dos judeus, que a usavam proverbialmente para *destruição final, total e irrevogável"*. Este é

inquestionavelmente o seu significado no Apocalipse, sendo empregado para apontar *a queda total* daqueles a quem é aplicado. Se os judeus estavam acostumados a usá-la proverbialmente nesse sentido, é muito provável que João, se esperasse ser entendido por eles, a usasse da mesma maneira. E os judeus, com o hábito de falar e ouvir a frase continuamente com esse significado, a entenderiam imediatamente como descritiva de alguma *calamidade ou julgamento destruidor*. Isso ficará mais claro ao examinar as várias passagens em que a expressão "segunda morte" é encontrada.

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da *segunda morte*.” Apo.2:11. Isto, seja observado, foi falado não para indivíduos, mas para a igreja em Esmirna. No contexto anterior, esta igreja é instada, apesar de suas provações e perseguições, a ser fiel e receber a coroa de glória. No final desta exortação, a frase em questão é introduzida, a título de

advertência, para mostrar que o infiel seria ferido pela *segunda morte*. Hammond diz sobre esta declaração: “Aquele que vencer não receberá o dano da segunda morte; isto é, se esta igreja permanecer constante, não será cortada ". [165] Isso dá o verdadeiro significado: aquele que vencer, que perseverar nessas provações e perseguições, continuará e receberá louvor do Senhor; mas quem é infiel e se afasta da verdade, como um servo inútil, *sofrerá a segunda morte, será cortado fora e destruído*. E que esta previsão a respeito das igrejas da Ásia foi literalmente cumprida - que *os castiçais dos infiéis foram removidos de seus lugares*, - a história deu amplo testemunho; como pode ser visto em *Keith on the Prophecies*, cap. viii., e *Diss. de Newton,* cap. iii. Depois que o leitor consultar esses autores, ele verá a força do testemunho de Hammond, de que os judeus usaram a expressão “segunda morte” “provavelmente para destruição final, total e irrevogável”. Uma ilustração mais perfeita desse uso não pode ser

encontrada do que na história daquelas igrejas em relação às quais a passagem em consideração foi falada.

"Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos." Apocalipse 20:5,6. Aqui, um conjunto diferente de pessoas é introduzido e um julgamento ou destruição diferente apontado, é claro, pela *"segunda morte"*, embora ainda significativo da completa queda e ruína daqueles a quem é aplicado. (n44)

(n44) Na preparação deste trabalho, minha regra foi não introduzir nenhum assunto que não tenha relação direta com a questão principal. Por esta razão, é suficiente observar que alguns supõem que a "primeira ressurreição" significa um período de tranqüilidade e descanso da perseguição; por outros, como Hammond, representa "a condição florescente da igreja cristã, revivendo depois de todas as suas perseguições e corrupções"; pelo Sr. Whittemore, em seu excelente comentário, conversão das trevas e morte espiritual do

paganismo. É claro que a frase não pode ser tomada no sentido literal, pois uma primeira ressurreição implica uma segunda; e pode haver apenas uma ressurreição literal. E a mesma observação se aplica à morte, mostrando que a "segunda morte" é uma figura - a única questão é, uma figura de quê? Isso nós nos esforçamos para responder acima.

[166]

No versículo 14, deste capítulo (Apo. 20), ocorre novamente a frase: "E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a *segunda morte.*" Agora, isso remonta, sem contestação, à passagem anterior, à menção anterior da segunda morte em conexão com a primeira ressurreição. Lá, o Revelador diz que sobre aqueles que participam da primeira ressurreição, a segunda morte não terá poder, e então passa a descrever o julgamento e a condenação, que ele representa sob a figura de ser lançado em um lago de fogo. , e depois acrescenta: "Esta é a segunda morte", isto é, da qual eu havia falado anteriormente.

Se nos voltarmos para o contexto, encontraremos dados para fixar o tempo

deste julgamento. "Vi um grande trono branco e aquele que estava assentado sobre ele, de cuja face fugiram a terra e o céu; e não se achou lugar para eles. [167] E vi os mortos, grandes e pequenos, em pé diante de Deus; e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras e todo aquele que não foi achado escrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo". Versículos 11, 12, 15. Nestes versículos há vários detalhes que requerem observação. 1. O julgamento e a abertura dos livros. Ao comparar isso com Dan. 7:9-14, obteremos alguma luz: "E eu vi até que os tronos foram derrubados, e o Ancião de dias se assentou. . . milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam em pé diante dele: assentou-se o juízo, e abriram-se os livros. ... Eu vi nas visões da noite, e eis que um como *o Filho do homem* veio com as nuvens do céu, e *veio ao Ancião de dias,* e eles o aproximaram. diante dele. E foi-lhe dado domínio, e glória, e um reino, para que

todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, que não será destruido." A partir disso, será visto claramente que o julgamento e a abertura dos livros aconteceriam *quando o reino fosse dado ao Filho do homem*, quando ele viesse nas nuvens do céu. [168] Ele recebeu seu reino e veio nas nuvens do céu, quando a antiga dispensação foi abolida com a destruição da cidade e do templo judaicos. Veja Mat. 16:27,28; 24:29-34. É digno de nota que este julgamento dos livros ocorreu no *início do reino de Cristo*, não em seu fim. 2. O escritor do Apocalipse representa os súditos do julgamento como mortos; e Daniel (12:2) os representa da mesma maneira, como "dormindo no pó da terra" e saindo na hora do julgamento. 3. O Apocalipse diz: "E todo aquele que não foi achado escrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo", implicando, é claro, que aqueles que foram escritos nele foram libertados. Voltando novamente ao profeta Daniel, encontramos uma fraseologia

semelhante, que sem dúvida estava na mente do escritor do Apocalipse: "E naquele tempo o teu povo será liberto, todo cujos nomes foram encontrados escritos no livro." 12:1.

Agora, quando tudo isso aconteceria? Já vimos que a libertação ocorreria no julgamento, e que isso aconteceria quando Cristo recebesse seu reino na abolição da antiga dispensação; mas, felizmente, temos testemunho direto sobre o assunto, nas palavras imediatamente anteriores: "Naquele tempo... haverá um tempo de angústia, tal como nunca houve desde que houve nação até aquele tempo: e naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro". 12:1. [169] Agora, voltando-se para Mat. 24:21, encontramos este fato citado por Cristo e aplicado à destruição de Jerusalém: "Porque haverá então uma tribulação tão grande, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora." A mesma circunstância e quase as mesmas palavras. Aqui, então, começamos a ver as *marcas do tempo do julgamento,* a

libertação dos fiéis e a segunda morte dos infiéis; ou, como Daniel expressa, seu "despertar para vergonha e desprezo *eternos*".

Mas essas não são as únicas marcas do tempo. Quando o inquérito é feito em Dan. 12:6,7, "Quanto tempo levará até o fim dessas maravilhas?" a resposta foi: *"Quando ele tiver conseguido dispersar o poder do povo santo,* todas essas coisas serão concluídas." É bem sabido que o poder do povo santo foi dispersado quando sua cidade e templo foram destruídos, e eles literalmente se espalharam pela face da terra, cativos e escravos entre as nações. *Aqui, então, está outra marca do tempo.*

Novamente, *temos outra marca* no versículo 11: "E desde o tempo em que o sacrifício diário for tirado, e estabelecida *a abominação desoladora"*, etc. Agora, voltando-se novamente para Mat. 24:15, encontramos Cristo citando estas mesmas palavras, e aplicando-as também à destruição de Jerusalém: [170] "Quando, pois, virdes *a abominação da desolação de*

que falou o profeta Daniel, em pé no lugar santo (quem lê, entenda), então os que estiverem na Judéia fujam para as montanhas ", etc. Testemunhos mais definitivos não podem ser solicitados.

(N.Trad.) Então *a abominação desoladora* seriam soldados entrando nos lugares santos do templo? (O que aconteceu em 70 d.C.)

Outra marca do tempo é encontrada na própria passagem, em relação à qual essas observações são feitas. Na descrição do julgamento que precedeu a destruição representada pela figura da "segunda morte", diz o Apocalipse: "Vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, *de cuja face fugiram a terra e o céu. ." Essa linguagem,* como muitas vezes foi mostrado, *é profética e figurativa, e é constantemente usada para representar a derrubada de estados e reinos,* considerados tanto em um aspecto civil quanto religioso. Por exemplo, a destruição de Idumea é assim apresentada por Isaías: "E todas as hostes do céu serão

dissolvidas, *e os céus se enrolarão como um pergaminho"*, etc. 34: 4, 5. E assim Ageu e Paulo, que o cita, falam da abolição do Estado e igreja judaicos, como um "tremor" e "remoção" da "terra" e do "céu". Ageu 2:6,7; Heb. 12:25-29. Em perfeita concordância com este estilo, o Apocalipse representa o mesmo evento sob a mesma figura: ele fala da abolição da antiga dispensação como *a fuga da "terra e do céu"*, e isso na hora do julgamento, [171] que , como vimos em Daniel, foi quando "a abominação da desolação" foi estabelecida e "o poder do" povo santo "foi espalhado. O que torna isso ainda mais certo é que imediatamente após a fuga do velho céu e terra, e a imposição da punição da "segunda morte", ele acrescenta: "E vi um novo céu e uma nova terra" (Ap 21:1), cuja linguagem é bem conhecida por ser uma figura para o estabelecimento do reino do Evangelho; e a isso imediatamente se seguiu o rompimento da antiga dispensação, como aqui representado.

Por fim, o Apocalipse nos deu uma outra marca do tempo. Ele diz que aqueles a quem ele representa como mortos foram julgados *"cada um segundo as suas obras"* (Apoc. 20:13), que descobrimos ser a própria linguagem usada por Cristo em referência ao julgamento na destruição de Jerusalém: “Porque o Filho do homem virá [...] e então dará *a cada um segundo as suas obras*. Em verdade vos digo que *alguns há, dos que aqui estão, que não experimentarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino. “* Mat. 16:27,28.

Tendo progredido até aqui, obtivemos os seguintes resultados: 1. O Apocalipse fala de um julgamento em livros, a libertação dos escritos no livro da vida e a destruição do resto, descrita sob a figura da segunda morte. [172] Referindo-nos a Daniel, nós o encontramos falando dos mesmos detalhes, um julgamento em livros (Dan. 7:9-14), a libertação daqueles escritos no livro (Dan. 12:1) e a destruição de outros, que ele representa sob a figura de uma ressurreição para vergonha e desprezo

eternos (Dan. 12:2). E tudo isso ele descreve como ocorrendo quando o Filho do homem recebe ou abre seu reino, quando a abominação da desolação é estabelecida no lugar santo, o poder do povo santo é espalhado e há um tempo de angústia como nunca houve antes - expressões que Cristo cita e aplica à destruição do povo judeu, fixando assim o "julgamento", "libertação", "segunda morte" neste período. 2. Em conexão com esses eventos, o julgamento, etc., o Apocalipse representa o antigo céu e a terra como passando, e um novo céu e terra sendo estabelecidos - que, em comparação com os profetas, descobrimos ser precisamente a fraseologia aplicada por eles à abolição da dispensação judaica na destruição de sua cidade e templo, e o estabelecimento da dispensação do Evangelho, confinando assim o tempo do julgamento, etc., como sendo naquele período. 3. O julgamento descrito pelo Apocalipse é de acordo com as obras, que é a linguagem exata usada por Cristo em referência ao julgamento da destruição de

Jerusalém. Esses fatos, tomados em conjunto, levam-nos à conclusão de que o Apocalipse, [173] Daniel e o Salvador estavam todos tratando de um evento, e que esse evento *é a destruição do estado e da igreja judaica, da cidade e do templo,* ao qual pertencem o julgamento, a libertação e a segunda morte.

“Mas os medrosos, e os incrédulos, e os abomináveis, e homicidas, e libertinos, e feiticeiros, e idólatras, e todos os mentirosos, terão a sua parte no lago que arde com fogo e enxofre, que é *a segunda morte*.” Apoc. 21:8. Esta passagem parece ser apenas uma repetição do que já havia sido dito, sendo uma especificação do que foi declarado antes em termos gerais. Depois de descrever o julgamento, a instrução sob a figura em questão e o estabelecimento do reino de Cristo sob a figura dos novos céus e terra, o Apocalipse parece, em Apo. 21:2, ter começado uma breve revisão ou resumo do que ele havia escrito anteriormente, que se estende até o versículo 8; e então aparentemente ele começa novamente no

versículo 9, embora com mais uma repetição, na abertura, em referência à Nova Jerusalém, ou o reino do Evangelho. No versículo anterior, ele diz que aqueles que venceram, que permaneceram fiéis através de provações e perseguições, iriam herdar todas as coisas, ou essas coisas; enquanto, na passagem em questão, ele reitera, com uma especificação mais detalhada, o julgamento destruidor que cairia sobre os infiéis [174] e sobre os inimigos da verdade e da retidão.

É necessário, talvez, que digamos uma palavra em referência ao fundamento tomado de que o livro do Apocalipse foi escrito *antes* da destruição de Jerusalém. Não estamos sozinhos nesta opinião; pois, de acordo com o Dr. A. Clarke, é "apoiado pelos mais respeitáveis testemunhos entre os antigos", e temos certeza de que é apoiado pelos testemunhos de muitos dos mais ilustres críticos dos tempos modernos, como Hentenius, Harduin , Grotius, Lightfoot, Hammond, Sir I. Newton, Bp. Newton, Wetstein, etc. A

estes podemos acrescentar Kuinoel, Lücke, Prof. Stuart, etc. A autoridade de tais homens certamente tem algum peso na questão. Wetstein diz que a exposição do livro com base no fato de que foi escrito *antes* da guerra judaica, torna-o "uma série de eventos bem relacionados", mas que "o método mais comum de interpretação, fundado na hipótese de que foi escrito *após* a destruição de Jerusalém, é totalmente destituído de certeza". (n45)

(n45) Prefácio de Clarke e Introdução ao Apocalipse; e o Comentário de Whittemore sobre o Apocalipse.

Além disso, as evidências internas são conclusivas a favor desta opinião. Damos um exemplo: “E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara, e o anjo parou, dizendo: Levanta-te e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. Mas o pátio que está fora do templo, deixe-o de lado e não o meça; [175] *porque é dado aos gentios*; e *a cidade santa* pisarão a pé por quarenta e dois meses. Apo.11:1-2

Aqui é citado o *pátio dos gentios,* que não pode ser de outro templo senão aquele em Jerusalém, já que nenhum outro tinha tal pátio. Mais uma vez, é feita menção à cidade santa, que era um nome dado exclusivamente a Jerusalém. E esta cidade santa, diz-se, “eles pisarão;” e, claro, não estava sendo pisada quando isso foi escrito. Compare isso também com Lucas 21:24: "E Jerusalém *será* pisada pelos gentios", etc. Mais uma vez, no cap. 11:8, temos o seguinte: “E os seus cadáveres jazerão na praça da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, *onde também nosso Senhor foi crucificado.*” Isso com certeza é sobre Jerusalém, pois aqui nosso Senhor foi crucificado; e que deve ter sido escrito antes de sua destruição, não precisa de prova. Já foi oferecido o suficiente para estabelecer os fundamentos da posição assumida, de que o livro do Apocalipse foi escrito antes da destruição de Jerusalém.

Isso encerra nossa investigação com respeito ao Novo Testamento; e até agora não encontramos vestígios da doutrina do

futuro castigo sem fim. Era a doutrina popular da época no tempo do Salvador, parte da fé comum de judeus e pagãos. [176] Cristo mantém em relação a ela precisamente a mesma posição que Moisés assumiu - a de silêncio total. Ele a repudia por seu silêncio, por um lado, e a deixa de lado, por outro, ensinando a doutrina da redenção universal, a grande verdade de que na ressurreição todos são iguais aos anjos de Deus e são filhos de Deus, sendo (ou porque) filhos da ressurreição. Mat. 22. ; Lucas 20.

Resta agora falar da introdução do dogma na Igreja Cristã e mostrar seu método. O exame nos descobrirá que a porta para sua admissão foi aberta tanto do lado judeu quanto do lado pagão; e que a corrupção inicial da igreja encorajou sua entrada e sancionou sua continuação.

CAPÍTULO VI.

A INTRODUÇÃO DA DOUTRINA NA IGREJA CRISTÃ.

Que os primeiros cristãos trouxeram muitas de suas antigas opiniões e erros com eles para a Igreja, o próprio Novo Testamento mostra abundantemente. Os judeus convertidos apegaram-se à Lei Mosaica com mais firmeza e procuraram fazer dela a porta pela qual todos devem entrar no reino do Evangelho.

O relato apresentado em Atos 15 e os debates no concílio apostólico em Jerusalém mostram quão poderosas foram as influências desse partido. E até mesmo Pedro requer os ensinamentos de uma visão especial, o lençol descido do céu com todos os tipos de animais, aves do céu e répteis (Atos 10), antes que ele possa ver que a lei das ordenanças judaicas não está mais em vigor, e que judeus e gentios devem estar no mesmo nível de fé e graça.

As epístolas aos Romanos e Gálatas foram escritas por Paulo, o apóstolo dos gentios, [178] expressamente para combater essa tendência judaica entre os primeiros convertidos e para mostrar que a salvação não era da Lei, mas da graça,

por meio da fé. A impressão entre muitos dos primeiros discípulos era que o Evangelho era apenas uma espécie de judaísmo expandido ou aperfeiçoado, que o Messias deveria estabelecer a autoridade e o domínio da Lei e que todos os que se recusassem a se conformar à fé e ao ritual mosaico, seriam excluídos dos privilégios e bênçãos de seu reino.

Como vimos, os judeus já haviam corrompido grosseiramente a religião da Lei, pelo menos os fariseus, e o corpo das pessoas que os seguiam, e adotaram, entre outras noções pagãs, a do castigo sem fim. Essa seria a porção de todos os que rejeitassem a Lei, ou, em outras palavras, dos gentios em geral. Claro, os convertidos judeus, entrando na igreja cristã com a impressão de que era apenas a conclusão da Lei, o florescimento de sua própria religião, levariam consigo esse espírito e doutrina exclusivos e os aplicariam como vimos. nos escritos já citados. Em Atos 15., por exemplo, está escrito: “Levantaram-se, então, alguns da seita dos fariseus, os quais criam (isto é,

se converteram ao Evangelho), dizendo que era necessário circuncidá-los (os gentios), e ordenar-lhes que guardem a Lei de Moisés”. [179]

Falando do "judaísmo da igreja nascente", Milman diz com justiça que esses "antigos preconceitos e opiniões que nem mesmo o cristianismo poderia extirpar ou corrigir nos primeiros prosélitos judeus, nem a tendência perpétua de contrair o círculo em expansão, a escravidão do Cristianismo às provisões da Lei Mosaica, e o espírito da antiquada religião da Palestina."

Num período posterior, "ainda permaneceu aquela exclusividade que limitava o favor divino a uma certa raça, e dificilmente acreditaria que ramos estrangeiros pudessem ser enxertados na matriz, mesmo que incorporados a ela, e ainda resistia obstinadamente à noção de que os gentios, sem tornarem-se judeus, poderiam compartilhar das bênçãos do Messias prometido; ou em seu estado de incircuncisão, ou pelo menos de

insubordinação às ordenanças mosaicas, tornar-se herdeiros do reino dos céus.

Novamente ele diz: "Uma espécie de judaísmo latente tem estado constantemente à espreita no seio da Igreja. Durante as eras mais sombrias do cristianismo, seu espírito mais severo se harmonizou com o estado mais bárbaro da mente cristã... a velha religião, *sua exclusividade*, sua restrição das bênçãos divinas dentro de um pálido estreito e visível, estava muito de acordo com o orgulho e a superstição, para não reafirmar seu antigo domínio". (n46)

(n46) Hist. de Milman, do Cristianismo, livro ii., cap. ii. Veja também o mesmo em substância em Neander, vol. i., pág. 8, 4, etc. ; Mosheim vol. i., cent. 1; e Vida e Epístolas de São Paulo de Conybeare. vol. i., pp. 441 – 459. Crisóstomo reclama que até mesmo os cristãos do século IV são meio judeus. Entre as duas forças corruptoras, judaica e pagã, as doutrinas puras do Evangelho tinham poucas chances de sair ilesas do conflito; e os fatos mostram que não sairam.

As mesmas declarações são válidas em relação aos gentios ou pagãos convertidos. Eles não podiam em um momento se despojar das opiniões e tradições nas quais cresceram desde a infância. E muitos deles eram apenas semiconvertidos e compreendiam parcialmente as doutrinas e o espírito do Evangelho.

São Paulo teve conflitos frequentes com as noções pagãs, tanto do tipo vulgar quanto com as que vieram da filosofia oriental e grega. Suas epístolas mostram isso abundantemente, às vezes alertando contra esses erros e, às vezes, refutando-os de maneira elaborada. “Timóteo, guarde o que lhe foi confiado, evitando tagarelices profanas e vãs e oposições da falsamente chamada ciência; à qual, alguns que a professam, erraram na fé.” 1 Tm. 6:20,21”. "Cuidado para que ninguém vos estrague com filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo." Colossenses 2:8. Veja, também, a "adoração dos anjos", versículo 18; e as

"genealogias infinitas" e "fábulas" mencionadas em 1 Tim. 1:4. [181]

Então havia alguns também na igreja de Corinto que até negavam a ressurreição: "Como dizem alguns entre vocês que não há ressurreição dos mortos?" 1 Cor. 15. Houve outros que negaram que Cristo veio em carne, ou, em outras palavras, que ele tinha um corpo humano real de carne e sangue; afirmando que seu corpo era apenas uma aparência, e não uma realidade. João fala disso em termos fortes. 1 João 4:1-3; 2 João 7. E em Apocalipse há menção dos nicolaítas, uma seita que misturava coisas pagãs e cristãs, e eram meio idólatras, Apocalipse 2:6. 15. 2 Pe. 2. Além destes, havia "falsos mestres", que se estabeleceram na igreja em oposição direta aos apóstolos, negando sua autoridade e doutrina.

Esses fatos mostram como, mesmo enquanto os discípulos pessoais de Jesus ainda estavam vivos, erros e falsas doutrinas penetraram na igreja vindas do lado pagão, bem como vindas do lado judeu. Os primeiros convertidos, é claro,

aceitaram os grandes fatos históricos da história do Evangelho, mas também mantiveram muitas de suas antigas opiniões, algumas das quais estavam em oposição direta à essência e às doutrinas do cristianismo. Os apóstolos, por sua vigilância diligente e pronta refutação, mantiveram essas tendências pagãs sob controle; mas quando todos partiram, a corrupção tornou-se mais rápida e a mistura das doutrinas pagãs com as do Evangelho mais completa. [182]

"Logo após o surgimento do Cristianismo", diz Enfield, "muitas pessoas, que foram educadas nas escolas dos filósofos, convertendo-se à fé cristã, as doutrinas das seitas gregas, e especialmente o *platonismo*, foram entrelaçadas com as verdades simples da religião pura. À medida que a filosofia eclética se espalhou. As doutrinas pagãs e cristãs foram ainda mais intimamente misturadas, até que, por fim, ambas se perderam quase inteiramente nas espessas nuvens de ignorância e barbárie que cobriam a terra. (n47)

(n47) *History of Philosophy, Preliminary Obs*, Ver também Livro vi., cap. ii., onde ele afirma repetidamente que "os pais da igreja se afastaram da simplicidade da era apostólica e corromperam a pureza da fé cristã", "disseminaram noções *platônicas* como verdades cristãs", etc.

Se os quatro evangelhos e os escritos apostólicos não tivessem sido preservados para nós em sua integridade, seria impossível dizer que tipo de cristianismo teríamos tido nessa época. Certamente é fácil ver como, em uma corrupção tão geral da doutrina, uma mistura tão confusa de opiniões e dogmas cristãos, judeus e pagãos, a doutrina de punições sem fim seria introduzida na igreja e firmada no credo. Tanto judeus quanto pagãos acreditaram nisso; [183] e, como vimos, eles trouxeram consigo para a igreja muitos de seus antigos erros e superstições e tradições pagãs, e isso mesmo durante a vida dos discípulos imediatos de Cristo; quanto mais, então, em um período posterior; pois esse

amálgama de verdade e falsidade, essa união imprópria de Cristo e Belial, tornou-se cada vez pior de século em século.

Não tenho espaço para citar muitas autoridades. Uma ou duas citações de Mosheim devem ser suficientes, com esta observação introdutória, de que uma das principais causas da adaptação das doutrinas e ritos cristãos ao padrão pagão foi a esperança de atraí-los dessa maneira para a igreja. "Entre os gregos e as pessoas do Oriente, nada era considerado mais sagrado do que seus *mistérios*. Isso levou os cristãos, a fim de conferir dignidade à sua religião, a terem *mistérios semelhantes ou certos ritos sagrados ocultos do vulgo*. E eles não apenas aplicaram os termos pagãos, mas introduziram também seus ritos. Grande parte, portanto, das observâncias e instituições cristãs, ainda neste século (o segundo) tinham o aspecto dos mistérios pagãos."

Falando do século 5, ele diz, *"Como ninguém se opôs a que os cristãos retivessem as opiniões de seus ancestrais*

pagãos respeitando a alma, heróis, demônios, templos e afins; e como ninguém propôs *abolir totalmente as antigas instituições pagãs,* mas apenas alterá-las um pouco e purificá-las; era inevitável que a religião [184] e o culto dos cristãos se tornassem corrompidos dessa maneira: A isso eu também irei acrescentar que a doutrina da purificação das almas após a morte por meio de algum tipo de fogo, que depois se tornou tão grande fonte de riqueza para o clero, adquiriu nesta época mais desenvolvimento e um aspecto mais imponente.

Finalmente, ele diz: "Uma vez violadas as barreiras da antiga simplicidade e verdade, o estado da teologia piorou cada vez mais; e a quantidade de adições impuras e supersticiosas à religião de Cristo é quase indescritível. continuou a obscurecer as grandes doutrinas da revelação com as distinções mais sutis, e não sei que jargão filosófico. " & c. (n48)

(n48) Mosheim de Mardock, cent. ii., iv., v., vi. História da Teologia. Veja também a História do Cristianismo de Neander, vol. i 248—254.

Tytler tem o seguinte: “Como a religião cristã foi recebida, a princípio, por muitos, pela convicção de sua verdade a partir de evidências externas e sem o devido exame de suas doutrinas, não foi surpreendente que muitos que se chamavam cristãos retivessem as doutrinas de uma filosofia predominante à qual eles estavam acostumados, [185] e se esforçam para acomodá-las ao sistema de revelação que encontraram nos volumes sagrados. Tais, por exemplo, foram os *gnósticos cristãos*, que misturaram as doutrinas dos A filosofia oriental (*persa*) concernente aos *dois princípios separados, um bem e um mal,* com os preceitos do Cristianismo, e admitiram a autoridade de Zoroastro como um personagem inspirado, igualmente com a de Cristo. Também, de maneira semelhante, era a seita dos Amonianos, que em vão tentaram reconciliar as opiniões de todas as escolas

de filosofia pagã, e tentaram, com ainda maior absurdo, acomodar tudo isso às doutrinas do cristianismo. Desta confusão da filosofia pagã com as doutrinas puras e simples da religião cristã, a igreja, neste período de seu estado infantil, sofreu da maneira mais essencial. (n49)

(n49) História Universal de Tytler, Livro v., capítulo iv

Outros escritores dão testemunho semelhante da maneira pela qual o cristianismo foi desfigurado e corrompido pela introdução de dogmas e ritos pagãos e de especulações filosóficas no lugar das puras doutrinas de Cristo. Muitos dos convertidos ao Evangelho, que estudaram nas escolas de filosofia pagã, assumiram o cargo de professores cristãos e, levando consigo sua filosofia, inconscientemente, em muitos casos, [186] a misturaram-na com os ensinamentos de sua nova fé. "Sob o viés de uma forte parcialidade por Platão e sua doutrina, muitos deles", diz Enfield, "tingiram as mentes de seus

discípulos com o mesmo preconceito e, assim, disseminaram noções platônicas como verdades cristãs; sem dúvida, pouco conscientes de até que ponto essa prática corromperia a pureza da fé cristã, e quanta confusão e dissensão ocasionaria na igreja cristã". "Uma união das doutrinas platônicas e cristãs foi certamente tentada no segundo século por Justino Mártir, Atenágoras e Clemente Alexandrino, em cujos escritos frequentemente encontramos sentimentos e linguagem platônicos, e não é improvável que essa corrupção tenha surgido ainda antes. " (n50)

(n50) Para testemunho adicional, ver cap. x., seç. 5 (seção X.5 deste livro).

Esses testemunhos são suficientes para mostrar quão abertamente e até que ponto as doutrinas e especulações do paganismo foram, em um período inicial, incorporadas à fé comum dos cristãos. E certamente seria surpreendente se a doutrina de punições após a morte, de

punições sem fim, que desempenhou um papel tão importante na antiga teologia e política, não tivesse encontrado lugar entre essas múltiplas corrupções. Seria bastante estranho se as velhas fábulas do Hades e do Tártaro não fossem introduzidas como um meio de governar a multidão ignorante e usadas como um motor de terror contra seus inimigos e perseguidores. [187] E, no entanto, deve-se confessar que encontramos muito menos disso do que se poderia esperar. Certamente é uma questão de admiração que não encontremos o afastamento, neste ponto, da simplicidade do ensino apostólico anterior e maior do que realmente era. Em outros pontos, a corrupção da doutrina cristã começou muito mais cedo e se espalhou mais rapidamente do que neste futuro castigo sem fim. Entre os sucessores imediatos dos apóstolos, ou não há nenhuma alusão a isso, ou é de maneira muito vaga e questionável, ou vem de outra forma que não a do tormento. Os primeiros documentos cristãos existentes após o

Novo Testamento são os escritos dos pais apostólicos, ou o que passa sob esse nome. É apropriado dizer que há uma diferença de opinião entre os estudiosos quanto à genuinidade de uma parte deles. É geralmente aceito que a epístola de Clemente de Roma é genuína; e a de Policarpo, com exceção de uma ou duas interpolações. A epístola de Barnabé é extremamente duvidosa, e parece certo que não poderia ter sido produzida por aquele Barnabé que era companheiro de Paulo. O Pastor de Hermas não foi escrito pelo Hermas mencionados em Rom. 16:14, mas por um irmão de Pio, Bispo de Roma, em meados do segundo século. As sete epístolas de Inácio existem em duas formas, uma cópia muito mais curta que a outra, e ambas [188] provavelmente são falsificações definitivas ou amplamente interpoladas. (n51)

(n51) Eu usei esses escritos dos chamados pais apostólicos, em argumento, em outro lugar; mas uma investigação mais cuidadosa de sua autoridade abalou minha fé em sua

genuinidade, ou pureza, na extensão mencionada acima.

E, mesmo que todos fossem genuínos, seria necessário um grande desconto em relação às declarações feitas neles. Como observa Jortin em relação aos pais cristãos em geral, eles "são muitas vezes guias pobres e insuficientes em questões de julgamento e crítica, e na interpretação das Escrituras, e às vezes também em pontos de moralidade e de doutrina; como Daille, Whitby , e Barbeyrac mostraram totalmente."

90 d.C. Clemente de Roma. A epístola de Clemente não contém nada para o nosso assunto. Não diz uma palavra sequer sobre punição futura, a menos que ele se refira a ela na seguinte passagem: “Pensariamos que é algo muito grande e estranho que o Senhor de todos levante aqueles que o servem religiosamente na segurança de boa fé?" Cap. xii., Tradução de Wake. Isso pode significar que somente os justos seriam ressuscitados pelo Senhor de todos; mas uma comparação

com a epístola de Paulo aos Romanos (8:11), mostra que este não é necessariamente o seu significado, pois Paulo certamente acreditava na ressurreição de todos, justos e injustos. [189]

110 d.C. Inácio. Supondo que as epístolas atribuídas a este Pai sejam genuínas e a data indicada correta, não encontramos nelas nada definitivo sobre a questão em análise. Falando daqueles que "pela doutrina perversa corrompem a fé de Deus", ele diz: "Aquele que assim se contaminar irá para o fogo inextinguível; e assim também aquele que lhe der ouvidos." Ep. 4.

Claro, nada de *punição infinita* ou futura pode ser predicado da expressão *"fogo inextinguível";* como nosso exame anterior da frase mostrou sua aplicação a julgamentos e coisas de caráter terreno e temporal.

O autor evidentemente acreditava que a ressurreição seria negada aos ímpios, embora não aniquilados, mas deixados como espíritos desencarnados no Hades

ou no reino dos mortos. Ele diz daqueles que negaram que Cristo tinha um corpo de carne e sangue real, o mesmo a quem São João menciona 1 João 4: 2,3 e 2 João 7: "Como eles crêem, assim lhes acontecerá; quando, sendo despojados do corpo, *eles se tornarão meros espíritos*." Novamente ele diz: "Eles morrem em suas disputas; mas muito melhor seria para eles receberem a Eucaristia, para que um dia pudessem ressuscitar por ela" - isto é, pelo corpo de Cristo. (n52)

(n52) Epístola aos Smyrnianos, capítulos. i. 8, ii. 17. Tradução de Wake. Compare com a Epístola aos Tralianos e Romanos.

Essas passagens indicam que o escritor pensava que os ímpios e incrédulos não ressuscitariam por meio de Cristo, [190] mas continuariam no submundo como "meros espíritos". Esta opinião traz a marca de sua origem judaica; e é digno de nota especial que, até onde sabemos, a doutrina da punição futura aparece na igreja cristã exatamente da mesma forma

em que apareceu pela primeira vez na igreja judaica! (n53) Esta é certamente uma coincidência curiosa; e é ainda mais notável pelo fato de que, nessa época, a doutrina da punição após a morte havia assumido uma forma mais positiva entre judeus e gentios.

(n53) Veja o capítulo iv.

112 d.C. POLICARPO. A única coisa que interessa à nossa investigação na epístola deste Pai é o seguinte: "Todo aquele que perverter os oráculos do Senhor para as suas próprias concupiscências, e disser que não haverá ressurreição nem juízo, este é o primogênito de Satanás.” (n54) Esta passagem implica a crença de Policarpo em um julgamento após a ressurreição; e, embora nada específico seja dado, provavelmente envolveu algum tipo de punição para os ímpios, mas de que tipo a epístola não diz, se seria a negação de uma ressurreição, aniquilação ou imposição de tormento.

(n54) Epístola aos Filipenses 2. Compare esta passagem com o que Paulo diz da mesma classe, 1 Cor. 15:12 e 2 Tm. 2:18.

[191]

130-140 d.C. Barnabé. A epístola que leva o nome desse Pai é, sem dúvida, uma falsificação. Dificilmente se pode acreditar que o apóstolo tantas vezes mencionado no Novo Testamento como amigo de Paulo, pudesse escrever coisas tão grosseiras e infantis como as encontradas nesta produção. (n55) Tem uma passagem que diz: "O caminho das trevas é tortuoso e cheio de maldições; pois é o caminho da morte eterna com punição, no qual aqueles que andam encontram coisas que destroem suas próprias almas." (n56)

(n55) *Ver Genuineness of the Gospels*, de Norton, Nota F., sobre os Pais Apostólicos.

(n56) Epístola, capítulos xv. 4.

O que o autor quer dizer com "morte eterna com punição", não sei dizer; a menos que ele acreditasse, com Justino

Mártir e outros, que os ímpios seriam punidos e depois aniquilados. A frase "destruir suas próprias almas" pode parecer confirmar essa suposição. Ele acreditava que Cristo, após a ressurreição, julgaria o mundo, recompensando os justos e punindo os ímpios.

150 d.C. Pastor de Hermas. Esta é uma das produções mais infantis e pueris da igreja primitiva. Foi escrito em Roma por um irmão de Pio, então bispo da igreja de lá. Está cheio de visões fingidas e entrevistas com um anjo, e as conversas de ambos os lados, do homem e do anjo, são tão fracas e insípidas quanto a conversa dessas pessoas infelizes chamadas de "simples".

Ensina claramente a doutrina da punição após a morte e usa a palavra "para sempre" ou [192] "eterno" em relação a ela. Mas isso, como vimos, não é decisivo quanto à duração.

Esta é a soma das evidências fornecidas pelos chamados escritos dos Pais Apostólicos. Embora não sejam todos

genuínos, ainda assim, se as datas forem determinadas corretamente, elas são uma boa autoridade para mostrar as opiniões de pelo menos uma parte dos crentes cristãos durante a primeira metade do segundo século. E embora descubramos que a doutrina da *punição futura* já havia, talvez, chegado à igreja, não temos testemunho para mostrar que se acreditava que essa punição era *infinita.*

Por outro lado, lado a lado com o partido ortodoxo, representado por esses pais, havia outro partido conhecido pelo nome de gnósticos e considerado herege. Eles misturaram as especulações da filosofia pagã com as doutrinas cristãs, até que o composto fosse tão ininteligível quanto a fala de um lunático. Refiro-me a eles apenas para mostrar até que ponto alguns dos primeiros convertidos trouxeram suas velhas opiniões e superstições para a profissão do cristianismo. Eles diferem do partido ortodoxo apenas em *grau,* o último trazendo menos do elemento pagão com eles para a igreja. Em alguns aspectos, eles estavam muito mais próximos da

simplicidade do Evangelho do que seus oponentes. (n57)

(n57) Se eu fosse instituir uma comparação entre os dois partidos neste período, seria mais ou menos assim: Que a fé do partido ortodoxo era metade cristã, um quarto judaica e um quarto pagã; enquanto o do partido gnóstico era cerca de um quarto cristão e três quartos paganismo filosófico. Deve ser lembrado, no entanto, que tudo o que sabemos dos gnósticos chega até nós através dos escritos de seus inimigos e que, portanto, grandes concessões devem ser feitas para deturpações.

[193]

É curioso, no entanto, notar entre eles a *doutrina da transmigração,* da qual falamos tanto em conexão com os judeus. Supõe-se que os *basilidianos* e os *carpocratas* acreditavam que aqueles que seguem fielmente o Salvador ascendem imediatamente ao céu; mas que os desobedientes e ímpios serão punidos sendo enviados a outros corpos, de homens ou animais, até que, *purificados por essa transmigração,* estejam

preparados para se juntar aos espíritos dos abençoados, e assim todos, finalmente, serão salvos.

E também é digno de nota que, embora não tenhamos nada definido do partido ortodoxo durante este período (90-150 d.C.), a respeito de punição sem fim ou restauração universal, eles nunca atacaram os gnósticos com base em seu universalismo. Eles estavam em guerra contínua com eles em outros pontos, nos quais foram acusados de heresia; e é justo inferir que, se isso tivesse sido considerado heresia pelo partido ortodoxo, teria sido atacado de acordo.

140-166 d.C. Justino Mártir. Este célebre personagem foi um filósofo grego, e [194] o primeiro professo erudito cristão cujos escritos chegaram até nós. Ele foi convertido uns trinta ou quarenta anos após a morte de São João (evangelista), e entrou zelosamente na defesa da nova religião, tendo apresentado duas desculpas, ou defesas elaboradas, uma ao imperador Antonino Pio, 150 d.C.; e o outro para Marco Antonino, seu sucessor,

em 162 d.C. Seu aprendizado e reputação deram a ele um lugar de destaque e grande influência entre os cristãos, embora ele não tivesse bom senso, fosse crédulo e muitas vezes extremamente absurdo em sua interpretação das Escrituras. Ele sofreu o martírio em Roma por volta de 166 d.C. e por isso é chamado de Justino Mártir.

Sua conversão não destruiu sua individualidade, nem o livrou inteiramente das amarras do passado. Ele conservou muitas de suas primeiras noções pagãs, e a vestimenta e a profissão de um filósofo platônico; e em alguns aspectos seu credo era uma triste mistura de falsidades pagãs com verdades cristãs.

Com relação ao assunto de nossa investigação, ele usa a seguinte linguagem: "Cada um está avançando para a miséria ou felicidade eterna, de acordo com suas obras." "Além disso, dizemos que as almas dos ímpios, sendo reunidas nos mesmos corpos, serão entregues a tormentos *eternos*, e não, como Platão quer, ao período de mil anos apenas."

[195] "Satanás, com todas as suas hostes de anjos e homens como ele, serão lançados no fogo, para serem mundo atormentado sem fim, como nosso Cristo predisse." (n58)

(n58) First Apology, traduzido por W. Reeves, Londres, 1709, pp. 26, 31, 59. Não sei até que ponto a tradução é confiável e não tenho como comparar com o original as expressões "mundo sem fim", "miséria eterna", etc., mas suponho que o grego nesses casos seja *aion* e suas derivações.

Essas passagens são fortemente formuladas e podem ser tomadas como evidência de que Justino acreditava em punição sem fim, se não houvesse nada em seus escritos que entrasse em conflito com eles. O contraste entre os "mil anos" de Platão e os "tormentos eternos" acreditados pelos cristãos de seu tempo, parece indicar que "eterno" deveria ser entendido no sentido de eternidade absoluta. Ainda assim, evidentemente, não foi assim pretendido; pois Justino não acreditava em tormentos sem fim, mas na

aniquilação final dos ímpios, como mostrará o seguinte:

"Almas não são imortais." diz ele. . . . " Não digo que todas as almas morrerão. As dos piedosos permanecerão (após a morte) em um certo lugar melhor, e as dos profanos e ímpios em um pior, todos esperando o tempo do julgamento. Dessa maneira, aqueles que são dignos de comparecer diante de Deus nunca morrem; mas os outros são atormentados enquanto Deus quiser que eles existam e sejam atormentados. Tudo o que existe ou existirá na dependência da vontade de Deus, é de natureza perecível e pode [196] ser aniquilado de modo a não existir mais. Somente Deus é auto-existente e, por sua própria natureza imperecível e, portanto, ele é Deus; mas todas as outras coisas são geradas e corruptíveis. Por essa razão, as almas (dos ímpios) sofrem punição e morrem." (n59)

(n59) Diálogo com Trypho, citado na História Antiga do Universalismo, p. 68, 1ª edição.

Isso nos mostra que Justino acreditava que o castigo dos ímpios após a morte, que ele descreve pelos termos “eterno”, “mundo sem fim” etc. , - e que ele contrasta com *os mil anos platônicos* como uma forma de significar de *infinito* (aparentemente), afinal, *terminava em aniquilação* e, portanto, não era infinito. Nada, penso eu, pode demonstrar mais conclusivamente a *incerteza* de todas essas formas de expressão ou ilustrar com mais força a *latitude* de seu uso e a futilidade de tentar construir sobre eles a doutrina da punição *absolutamente* infinita. (n60)

(n60) Justino reconhece que a doutrina de uma futura "justa retribuição de recompensas e punições era uma opinião corrente no mundo" e que Deus "se agradou em *apoiar* esta noção pelo espírito profético". Esta é uma confissão curiosa; que Deus não foi o motor original, mas apenas *secundou* o movimento! Com inconsistência singular, ele diz, em outro lugar, que "os filósofos e poetas receberam suas insinuações de punição após a morte, etc., dos profetas". Já mostramos que eles não fazem a

menor alusão a tal coisa. Primeira Apologia, pág. 79.

[197]

140 — 150 d.C. Os livros Sibilinos. Esses eram pretensos oráculos da famosa pagã Sibila, ou profetisa, forjados por alguns cristãos nesse período, com o propósito de converter os pagãos à igreja. Eles são uma mistura miserável de paganismo e cristianismo, e são valiosos apenas como evidência do estado de opinião entre *uma parte* dos crentes cristãos na data indicada.

Eles declaram repetidamente que o castigo dos ímpios é "eterno" e, ainda assim, afirmam distintamente que os ímpios serão finalmente restaurados. Depois de descrever os horríveis tormentos dos condenados, eles declaram que "Deus concederá outro favor a seus adoradores, quando eles o pedirem; ele salvará a humanidade dos fogos perniciosos e das agonias imortais. Isso ele fará. Por tê-los reunido, protegido com segurança da chama incansável, e

designado para eles outro lugar." &c. (n61)

(n61) *História Antiga do Universalismo*, p. 52; Mosheim de Murdock, l. 130; *e especialmente a História do Cristianismo* de Milman, B. 11. cap. 7.

A descrição deste "outro lugar", que ele chama de "Elísio dos imortais", mostra uma grande mistura de elementos pagãos; o que provavelmente era necessário para o propósito da composição, a saber, a conversão dos pagãos. A linguagem é adaptada às suas capacidades e gostos; o mesmo erro que levou às monstruosas corrupções mencionadas no início deste capítulo. [198]

160-190 d.C. Durante esse período, temos várias produções que empregam as frases usuais em relação ao assunto, como *"fogo eterno"*, "*punição eterna*" e seus equivalentes. A última data nos remete ao ilustre Irineu, bispo de Lyon, na França. Ele ensinou que os iníquos seriam lançados no *fogo inextinguível e eterno.*" E, no entanto, ele não acreditava que eles

seriam punidos indefinidamente, pois sem dúvida adotou a doutrina da *aniquilação* final dos desobedientes e injustos. Ele diz: "O princípio da existência não é inerente às nossas próprias constituições, mas nos é dado por Deus; e a alma só pode existir enquanto Deus quiser. Aquele que aprecia o dom da existência e é grato ao Doador existirá para sempre; mas aquele que a despreza e é ingrato, priva-se do privilégio de existir para sempre. ." (n62)

(n62) História Antiga do Universalismo, ii., sec. xi., onde as referências são dadas ao trabalho contra os hereges.

Estes trechos de seu trabalho contra os hereges são uma prova clara de que ele, Irineu, tinha a mesma opinião de Justino, o Mártir, de que as almas dos ímpios serão aniquiladas após um período de punição no "fogo eterno". Pois ele acreditava que eles seriam enviados para este fogo após o julgamento, que sucederia a ressurreição, de acordo com seu credo. [199] Suas palavras são: "Os espíritos malignos, e os

anjos que pecaram e se tornaram apóstatas, e os ímpios, e os injustos, e os infratores da lei, e os blasfemadores entre os homens, ele enviará para o fogo eterno."

200-220 d.C. Tertuliano. Este Pai era originalmente pagão; de nascimento, africano e *advogado* de profissão. Ele parece ter acreditado na punição estritamente interminável dos ímpios, e ter argumentado contra a doutrina de sua aniquilação, ou, para usar suas próprias palavras, contra a doutrina de que "os ímpios seriam consumidos e não punidos", isto é, punidos infinitamente.

Ele é o primeiro, até onde pode ser verificado, que afirmou expressamente e argumentou a questão de que os tormentos dos condenados seriam iguais em duração à felicidade dos abençoados.

Tertuliano tinha um temperamento feroz e inflamado, quando provocado, e parece um personagem adequado para padrinho do batismo infernal pelo qual essa doutrina foi recebida na igreja cristã. Ele

discorre sobre o assunto dos tormentos infernais na seguinte linha exultante:

"Você gosta de seus espetáculos na arena", disse ele aos pagãos; "mas há outros espetáculos; aquele dia desacreditado, ridicularizado pelas nações, o último e eterno dia do julgamento, quando todas as eras serão engolidas em uma conflagração; que variedade de espetáculos então aparecerá! Como devo admirar, como dou risada, que alegria, que alegria, [200] quando vejo tantos reis e falsos deuses, junto com o próprio Jove (Júpiter), gemendo no mais baixo abismo das trevas! - tantos magistrados, que perseguiram o nome do Senhor, liquefazendo-se em chamas mais ferozes do que jamais acenderam contra os cristãos; tantos sábios filósofos corando em fogo furioso, com seus estudantes a quem eles persuadiram a desprezar a Deus e a descrer da ressurreição; e tantos poetas estremecendo diante do tribunal, não de Rhadamanthus, não de Minos, mas do Cristo, em quem não creram! Então

ouviremos os trágicos mais melodiosos na expressão de seus próprios sofrimentos; então veremos os dançarinos muito mais alegres em meio às chamas; o cocheiro todo em brasa em seu carro incendiado; e os lutadores arremessados, não sobre a arena de costume, mas sobre uma planície de fogo." (n63)

(n63) Guizot tenta suavizar a tradução de Gibbon, mas Milman reconhece francamente que "seria mais sensato para o cristianismo, refugiando-se em seus registros genuínos no Novo Testamento, negar este *feroz* africano, do que identificar-se com suas furiosas invectivas, por desculpas insatisfatórias por seu fanatismo não cristão." *Decline and Fall*, cap, xv., Nota 72 e o texto

Jortin diz: "Tertuliano não teve pouca credulidade; ele *prova* que a alma é corpórea *pelas visões de uma irmã iluminada*, que lhe disse ter visto uma alma! (Provavelmente um "médium". Aqui está um toque da ilusão de nossos dias, em que Tertuliano parece ter sido um crente.) Ele afirma categoricamente que uma bela cidade foi vista por quarenta dias suspensa no ar sobre Jerusalém. Observações sobre Hist. Ecles., vol. ii. 81. Se a crença de tal

homem na punição sem fim é de alguma importância, no que diz respeito à questão de sua verdade ou origem divina, o leitor pode julgar.

[201]

O homem que escreveu isso pode muito bem receber a honra de dar à monstruosa doutrina dos tormentos sem fim um lugar na igreja cristã; e deveríamos tê-lo escolhido, dentre todos os outros, como seu representante adequado em espírito e no caráter selvagem e vingativo de seus sentimentos em relação a seus inimigos.

E agora que introduzimos *a coisa imunda* entre os professos seguidores do Evangelho, observemos os passos de seu progresso e marquemos seu crescimento desde o primeiro afastamento da simplicidade de Cristo até o pleno desenvolvimento do monstro no tempo de Tertuliano.

Primeira Fase. A negação de uma ressurreição para os ímpios e incrédulos, a alma permanecendo no Hades como um espírito desencarnado. 110 dC, ou cerca de dez anos após a morte de São João.

Segunda Fase. O julgamento após a morte e o castigo dos incrédulos e ímpios. 112-140 d.C.

Terceira Fase. O tormento futuro e a aniquilação final das almas dos ímpios. 140 - 190 d.C.

Quarta Fase. O futuro tormento sem fim dos ímpios, conforme estabelecido por Tertuliano. 200 — 220 d.C. (n64)

(n64) Será observado que exatamente na proporção em que a igreja se afasta, com o tempo, de Cristo, e se torna corrupta e pagã, exatamente nessa proporção a punição dos ímpios aumenta em crueldade. Compare a primeira doutrina e data, 110 d.C., com a quarta, 220 d.C., quando a abominação está completa.

[202]

Estes parecem ser os passos, o método de crescimento, que marcou a recepção da antiga doutrina pagã na fé dos cristãos. E a grande maravilha é que, considerando a extensão em que esse dogma foi recebido entre judeus e pagãos, ele não conseguiu apoio na igreja antes; especialmente quando nos lembramos da rapidez com que outras especulações

filosóficas e noções pagãs prevaleceram para a corrupção das puras doutrinas de Cristo. E, no entanto, leva cento e setenta anos desde a morte de Cristo, e cem desde o último de seus discípulos pessoais, para estabelecer essa *abominação* como parte do credo cristão.

Não, isso está concedendo mais do que os fatos garantem, pois não se pode dizer que foi estabelecido como um artigo de crença neste período, mas apenas que foi recebido por *alguns* cristãos. Outros não o receberam de forma alguma; e a doutrina evangélica da restauração universal foi sustentada por alguns dos mais eminentes Pais cristãos ao mesmo tempo em que Tertuliano e outros declararam sua fé no castigo sem fim.

Mas lentamente a corrupção se espalhou, e pouco a pouco o dogma pagão ganhou sobre a doutrina cristã, [203] até que finalmente, em parte em conseqüência de brigas pessoais entre os envolvidos, o ensinamento primitivo sobre este ponto foi condenado em um concílio da Igreja realizado em A. D. 553 (ou 540); e a

doutrina da punição sem fim sancionada como um artigo fundamental da fé cristã. Repito novamente, é realmente maravilhoso, considerando a corrupção geral da igreja nestes séculos, que demore quinhentos anos para que este dogma pagão favorito se estabeleça como ortodoxia! No entanto, esse é o fato. (n65)

(nº 65) Pode edificar o leitor e capacitá-lo a atribuir um valor justo à sabedoria deste concílio, saber que o mesmo decreto que estabeleceu a ortodoxia da punição sem fim também estabeleceu, como artigo fundamental da fé cristã, que "a humanidade, na ressurreição, se levantará em postura ereta!"

A fim de evitar qualquer mal-entendido sobre o ponto em questão, e com o objetivo de afastar qualquer deturpação da posição real aqui assumida, devo chamar novamente a atenção para o fato, já mencionado no capítulo v., seção 4. (V.4), e parcialmente ilustrado neste capítulo, que os primeiros escritores da igreja freqüentemente falam de "punição eterna" ou "punição para sempre". Mas

essas expressões são usadas com a mesma liberdade por aqueles que são conhecidos por acreditar na aniquilação dos ímpios e por aqueles que são reconhecidos por todos como crentes na redenção universal; [204] de modo que essas frases não são evidências de uma crença em punição sem fim. Há uma grande diferença, como mostram as Escrituras, entre "eterno" ou "sempre" e "infinito".

Por exemplo: Justino Mártir e Irineu dizem que os ímpios serão condenados ao castigo eterno, e depois disso serão *aniquilados.* Assim, o autor dos Oráculos Sibilinos, Clemente de Alexandria, Orígenes, Tito, Bispo de Bostra, Gregório, etc., usam a frase "eterno" ou "punição eterna" sem reservas, embora fossem universalistas reconhecidos. É claro, portanto, que *aionios* ou "eterno" não foi empregado por eles no sentido de *infinito*; e que o uso dessa fraseologia entre os primeiros cristãos não é evidência de sua crença em *tormentos sem fim.*

Agostinho, que floresceu por volta de 400 a 430 d.C., foi o primeiro a

argumentar que *aionios* significava estritamente infinito. Ele tentou uma crítica à palavra original, sustentando a princípio que sempre significava infinito; mas sendo este um erro tão ousado e palpável, ele foi compelido a abandoná-la, admitindo que nem sempre significava infinito, mas às vezes significava; e ele traz Mat. 25:46, como prova, argumentando que se o "castigo eterno" não era infinito, a "vida eterna" não era. E essa crítica foi transmitida desde seu tempo até o presente e ainda é empregada com grande confiança, [205] apesar de *forçar* o mundo espiritual a um julgamento que o Salvador declarou expressamente que deveria ocorrer naquela geração, antes de alguns então vivos morressem. Mat. 24:30-34; 16:28; Lucas 9:26,27.

Eu agora segui a investigação a respeito da origem da doutrina do castigo sem fim e sua introdução entre os judeus e cristãos, tanto quanto o propósito que tenho em vista parece exigir. O objetivo foi fornecer ao leitor um esboço, simplesmente, do argumento, apresentar

o método de investigação e fatos e autoridades suficientes para justificar as conclusões. É possível que os fatos e citações sejam novos para muitos crentes nesta doutrina, não acostumados a examinar os fundamentos de sua crença; e pode induzir alguns a entrar em uma investigação sobre o assunto geral, mais completa e crítica do que os limites estreitos atribuídos a este esboço permitiriam.

Só falta uma coisa para completar o plano originalmente proposto a mim mesmo, que é ilustrar brevemente, a partir da história e dos fatos, a influência da doutrina na sociedade, na moral e na felicidade de seus fiéis. É uma regra justa estabelecida pelo Salvador que “a árvore é conhecida por seus frutos”; e embora grande cautela deva ser usada em qualquer tentativa de conectar a conduta diretamente com a fé, como evidência de suas tendências morais, ainda assim penso em neste caso, a conexão e a dependência são tão óbvias que há pouco perigo de qualquer erro sério. [206]

A história da doutrina do Castigo Infinito, em seus efeitos sobre o caráter e a ação daqueles que acreditam nela, é uma das mais dolorosas e chocantes nos anais da humanidade; e não sei de nada que exponha com uma eloqüência mais terrível a superficialidade da observação feita com tanta frequência, que "não importa no que um homem acredita, se ele apenas viver corretamente". - mas, para viver corretamente, ele deve acreditar no certo, ou pelo menos não deve acreditar no errado. Sempre, como testemunha a história, a disposição, o caráter e as práticas do indivíduo, ou de um povo, foram formados, ou em todos os aspectos importantes modificados, pelo caráter e o espírito de sua religião ou da divindade ou divindades adoradas por eles.

Ilustrarei isso a respeito da doutrina em análise; e esforçar-me-ei para mostrar que, com o cristão, bem como com outros homens, *um credo selvagem,* se deixado sem controle para influenciar a vontade, gerará um temperamento selvagem e uma conduta correspondente; ou, em uma

palavra, que “uma árvore corrupta não pode produzir bons frutos”.

CAPÍTULO VII.

A DOUTRINA CRIA UM ESPÍRITO CRUEL E VINGATIVO — ILUSTRADO PELA HISTÓRIA.

Não importa por qual nome um homem é chamado, seja pagão, judeu ou cristão; nem importa onde o lote da vida caiu para ele, seja em uma terra sobre a qual paira a noite do paganismo, ou na qual repousa a luz radiante do Evangelho. Ele ainda é um homem, embora cristão; ele nasce, vive e morre; ele pensa e sente, espera e teme, regozija-se e sofre, à maneira de todos os outros homens. Portanto, se o cristão acredita em uma religião cruel, e acredita nela de todo o coração, isso o tornará cruel; isso certamente endurecerá seu coração. Se ele acreditar e adorar um Deus de caráter impiedoso e feroz, esse será, eventualmente, visível ou

invisivelvemente, seu próprio caráter. Se ele acredita que o Deus da Bíblia odeia qualquer parte da humanidade, ou os considera com qualquer antipatia ou desagrado, ele também passará a odiá-los e a nutrir por eles os mesmos sentimentos que supõe residirem no seio de Deus. [208] Se ele acredita que Deus irá, em expressão desses sentimentos, ou por qualquer motivo, devotá-los à chama e tortura no futuro, é natural e necessário que ele deva inferir que seria, pelo mesmo motivo, aceitável a Deus que ele os submetesse à chama e tortura aqui. E se o grau de civilização e as condições da sociedade permitirem; ou, em outras palavras, se nenhum poder externo impedir, ele certamente fará isso, como uma oferta muito aceitável ao Céu; e, ao máximo de seu poder, se conformará com o que ele acredita ser a disposição e os desejos de Deus a esse respeito.

E isso não é dito sem amplos meios para provar a exatidão da afirmação. A história do cristianismo, assim chamado, em todas as épocas e entre todos os povos, e em

todas as formas que assumiu, estabelecerá abundantemente a verdade da posição de que o temperamento e a prática de um povo são determinados pelo espírito de sua religião. e seus deuses.

Não é necessário entrar em uma descrição elaborada das doutrinas da igreja cristã nos dias de sua escuridão e corrupção, nem das visões terríveis e revoltantes de Deus, de sua disposição para com o homem, de seu governo, leis e punições. É suficiente que o paganismo em suas piores formas nunca superou, se é que igualou, as descrições selvagens e terríveis que foram dadas pelos cristãos de seu Deus. O personagem atribuído a ele; [209] a terrível ira e vingança com que ele é movido; o propósito frio e maligno da criação em relação a milhões de almas; a severa severidade e melancolia de seu governo; as horríveis e incessantes torturas que ele infligirá a seus filhos indefesos - tudo isso, e muito mais de caráter semelhante, desafia o poder da linguagem de explicá-lo em sua verdadeira luz ou de apresentá-lo de

maneira adequada a sua realidade chocante e revoltante. Dou um único exemplo:

O Dr. Benson, um eminente ministro inglês, em um sermão sobre "A Futura Miséria dos Iníquos", diz: "Deus está presente no inferno, em sua justiça infinita e ira onipotente, como um mar insondável de fogo líquido, onde os ímpios beberão em tortura eterna. A presença de Deus em sua vingança espalha a escuridão e a desgraça pelas regiões sombrias da miséria. Como o céu não seria céu se Deus não manifestasse seu amor ali, o inferno não seria inferno se Deus não demonstrasse ali sua ira. É a presença e o arbítrio de Deus que dá a tudo virtude e eficácia, sem as quais não pode haver vida, nem sensibilidade, nem poder." Ele então acrescenta: "Deus está, portanto, presente no inferno, para ver o castigo desses rebeldes contra seu governo, para que seja adequado ao infinito de sua culpa: sua indignação ardente acende e sua fúria incensada alimenta a chama de seu tormento, enquanto sua presença e

operação poderosas mantêm seu ser e tornam todos os seus poderes mais agudamente sensíveis, [210] estabelecendo assim a ponta mais aguda em sua dor e tornando-a mais intoleravelmente profunda. Ele exercerá todos os seus atributos divinos para torná-los tão miseráveis quanto a capacidade de sua natureza permitir."

Depois disso, ele passa a descrever a duração desta obra de Deus e chama em seu auxílio todas as estrelas, areia e gotas de água, e faz cada uma contar um milhão de eras; e quando todas essas eras se passaram, ele repete o mesmo número de novo, e de novo, e assim por diante, para sempre.

No entanto, os cristãos acreditaram em tudo isso; creram que Deus é o inimigo do pecador e incrédulo; que ele considera com desagrado feroz aqueles de uma fé errada ou uma vida errada; que hereges e impenitentes são uma abominação aos seus olhos; e que sobre essas vítimas miseráveis os frascos de sua ira serão finalmente quebrados e os subjugarão em

ruína sem fim e irrecuperável. Como observado, não será necessário que façamos uma revisão prolongada ou laboriosa deste ponto. Uma questão mais importante é a que diz respeito à influência desse credo selvagem sobre o crente. Vamos dar alguma atenção a isso, e descobriremos, o que podemos esperar, que sua tendência em todas as épocas, quando crida com a devida seriedade, tem sido endurecer o coração, brutalizar as afeições e tornar aqueles que o recebem, sob qualquer uma de suas formas, cruel e feroz em disposição e, na medida em que as circunstâncias permitirem, na prática. [211]

Tomemos como digno exemplo a célebre passagem de Tertuliano, já citada: "Como me admirarei, como me rirei, como me regozijarei, como exultarei, ao contemplar tantos reis e falsos deuses, junto com o próprio Júpiter, gemendo no mais baixo abismo da trevas! tantos magistrados que perseguiram o nome do Senhor, liquefazendo-se em chamas mais ferozes do que jamais acenderam contra os

cristãos; tantos sábios filósofos, com seus estudantes iludidos, corando em fogo furioso! "etc.

Sem dúvida, Tertuliano era de espírito feroz e amargo, independentemente de sua fé religiosa; mas essa ebulição ardente de ódio e ferocidade serve para mostrar como essa fé era perfeitamente adequada para adicionar combustível à chama, e que amplo campo e cenas agradáveis ela forneceu para sua natureza selvagem se deleitar. Sob a influência de semelhante credo, seu temperamento selvagem ganhou novo vigor, seus sentimentos vingativos foram cultivados e fortalecidos a um grau assustador, até que finalmente ele chega a se alegrar e exultar nas agonias dos condenados com um prazer que o demônio poderia invejar. Não se pode deixar de ver que bastava o poder para envolver esse homem feroz no trabalho de tortura na terra, cuja perspectiva no inferno ele contemplava com prazer diabólico. [212]

Outra ilustração pode ser encontrada nas cruzadas contra os albigenses no século

XIII, uma das páginas mais sombrias e sangrentas da história de qualquer religião, cristã ou pagã. Os sacrifícios dos godos e mexicanos, e as revoltantes crueldades dos polinésios e dos negros do Dahomy, dificilmente se comparam às carnificinas selvagens e às barbaridades chocantes infligidas pelo cruzado católico, em nome de seu Deus, a este povo gentil e virtuoso. Nenhuma passagem na história do homem é mais adequada ao propósito de nosso argumento, ou mais conclusiva sobre a influência direta da fé religiosa sobre o temperamento e o caráter, do que aquela em que estão registradas as perseguições e sofrimentos dos reformadores martirizados. Durante toda esta cruzada impiedosa, e em meio a todas as suas cenas de incêndio e desolação, de assassinato e tortura, ouviu-se o clamor do impiedoso sacerdote: "É para a glória de Deus!" E a multidão brutal, acreditando que estava prestando um serviço a Deus e garantindo sua própria salvação pela matança de hereges, avançou para o

trabalho sangrento com a ferocidade de tigres e a alegria de um Tertuliano.

Sismondi diz, falando da selvageria deliberada dos monges que ocupavam os púlpitos e incitavam o povo a esse trabalho diabólico, eles "mostraram como todo vício pode ser expiado pelo crime; como o remorso pode ser expulso pelas chamas de suas pilhas; [213] como a alma, poluída com todas as paixões vergonhosas, pode tornar-se pura e imaculada banhando-se no sangue dos hereges. Continuando a pregar a cruzada, eles impelem, a cada ano, ondas de novos fanáticos sobre essas províncias miseráveis; e eles obrigaram seus chefes a recomeçar a guerra, a fim de lucrar com o fervor daqueles que ainda exigiam vítimas humanas e exigiam sangue para efetuar sua salvação". Eles representavam esse povo inofensivo como os párias da raça humana e os objetos especiais do ódio e vingança divinos; e nenhum exercício devocional, nenhuma oração ou louvor, nenhum ato de caridade ou misericórdia

era tão aceitável a Deus quanto o *assassinato de um herege.*

"Quanto mais zelosa, portanto, a multidão era pela glória de Deus, mais ardorosamente eles trabalhavam para a destruição dos hereges, melhores cristãos eles se consideravam. E se a qualquer momento eles sentissem um pouco de piedade ou terror, enquanto ajudavam em sua punição, pensavam que era uma revolta da carne, que confessavam no tribunal de penitência; nem conseguiam livrar-se de seu remorso (pela hesitação em punir os hereges) até que seus padres lhes dessem a absolvição. "Entre todos eles não havia um coração acessível à piedade. Igualmente inspirados pelo fanatismo e pelo amor à guerra, eles acreditavam que o caminho seguro para a salvação era o campo da carnificina. Sete bispos, seguiam o exército, abençoavam seus [214] estandartes e armas, e ficavam e oração por eles enquanto eles atacavam os hereges. Assim avançavam, indiferentes à vitória ou ao martírio, certos de que em qualquer dos casos

resultaria na recompensa que o próprio Deus lhes destinara." (n66)

(n66) História das cruzadas de Sismondi contra os albigenses, cap. ii. 73-84, etc. O leitor, sem dúvida, será lembrado de uma passagem dos nórdicos de Wheaton. "A religião de Odin estimulou a sede de sangue ao prometer as alegrias de Valhalla (céu) como recompensa daqueles que tombaram gloriosamente em batalha." Qual é a melhor, a religião do nórdico ou a católica? O primeiro tem pelo menos a característica redentora da bravura, enquanto o último se distingue apenas por sua ferocidade. Maomé poderia ficar justamente indignado se comparado a Simon de Montfort.

E mais assustadoramente eles fizeram o trabalho de carnificina religiosa e crueldade. Como os piratas escandinavos, onde quer que fossem, desolavam com fogo e espada, sem poupar idade, sexo ou condição. Eles até mesmo se vingaram furiosamente de objetos inanimados, destruindo casas, árvores, videiras e todas as coisas úteis que puderam alcançar, deixando para trás um vasto e enegrecido

deserto, marcado por ruínas fumegantes e emfumaçadas, e os corpos mortos e em putrefação de homens, mulheres e crianças assassinados.

Na tomada de Beziers, os infelizes sofredores fugiram para as igrejas em busca de proteção, mas seus inimigos selvagens os massacraram nos próprios altares e encheram os santuários com seus corpos mutilados. [215] E quando a última criatura viva dentro das paredes foi morta e as casas saqueadas, os cruzados atearam fogo à cidade em todas as direções ao mesmo tempo, e assim fizeram dela uma enorme pira funerária. Nenhuma alma ficou viva, nem uma casa ficou de pé! Durante a matança, um dos cavaleiros perguntou a um padre feroz como eles deveriam distinguir entre católicos e hereges. "Mate todos !" foi sua resposta: "o Senhor conhecerá os seus." Nesse único caso, de vinte a trinta mil seres humanos pereceram, porque a religião de seus batedores assegurou-lhes que tais sacrifícios sangrentos seriam aceitáveis a Deus.

Mas os padres e cruzados não se contentaram com o simples assassinato. Muitas vezes foi precedido pelas mais requintadas crueldades. Certa vez, De Montfort agarrou uma centena de prisioneiros, cortou-lhes o nariz, arrancou-lhes os olhos e os enviou com um homem caolho como guia aos castelos vizinhos para anunciar aos habitantes o que eles poderiam esperar quando fossem capturados. , por diversão, tão endurecidos eles se tornaram, eles submeteram suas vítimas às torturas mais terríveis, e se regozijaram em seus gritos selvagens de agonia, e manifestaram o maior deleite nas espasmos e contorções dos miseráveis moribundos. Tão perfeitamente diabólicos esses fanáticos se tornaram pela influência de sua crença religiosa! [216] E o que pode mostrar mais claramente a conexão entre fé e prática, ou demonstrar mais conclusivamente a verdade de que o adorador será como seu deus, do que as barbaridades revoltantes infligidas a esses humildes e pessoas inocentes, alegando

que eram odiadas pela Divindade, e por ela devotadas às chamas e tormentos de um inferno sem fim! Em verdade, o cristão é apenas um homem, e aquilo que torna o pagão feroz e sedento de sangue produzirá o mesmo efeito sobre ele.

O massacre de São Bartolomeu é outra prova terrível do poder da fé religiosa para converter o homem em um demônio. Como uma única exibição de matança e crueldade em nome de Deus e da religião, esta é talvez a mais monstruosa e em uma escala mais assustadora do que qualquer outra antes ou depois. Provavelmente trinta ou quarenta mil vítimas pereceram em Paris e nas províncias nesta carnificina! E seria quase impossível descrever a variedade de formas de assassinato, ou dar um catálogo das crueldades praticadas. Mesmo crianças de dez ou doze anos engajadas no trabalho de sangue, e foram vistas cortando a garganta de crianças hereges!

Mas o que é mais ímpio de tudo é a maneira como a notícia desse massacre foi recebida em Roma pela Igreja e seu chefe.

O correio foi recebido com alegres transportes e recebeu uma grande recompensa por suas alegres notícias. O papa e seus cardeais marcharam em procissão solene até a igreja de São Marcos para reconhecer a providência especial; [217] foi celebrada uma missa solene; e um jubileu foi publicado, para que todo o mundo cristão pudesse agradecer a Deus (!) por esta destruição dos inimigos da igreja na França. À noite, os canhões da cidade de St. Angelo foram disparados e toda a cidade iluminada com fogueiras, em expressão da alegria geral por este terrível massacre. (n67)

(n67) *Veja a carta diabólica do papa ao rei francês nesta ocasião, em Smedley's History of the Reformed Religion in France, cap. ix.*

E quando lembramos que tudo isso foi feito em nome do cristianismo e da igreja, que foi considerado uma oferta de gratidão a Deus, que, supostamente, odeia os hereges e os entregará a tormentos infinitamente maiores do que estes, e sem

fim, estremecemos ao pensar em quão terrível é uma superstição, e quão perto ela transformou a igreja cristã de um matadouro! Verdadeiramente, alguém bem disse: "O antigo teatro romano, com sua mera aspersão de sangue, e suas dores e gritos momentâneos, desaparece completamente se comparado com aquele Coliseu da crueldade papal, no qual nem uma centena ou duas de vítimas, mas miríades de pessoas - sim, nações inteiras - foram empanturradas!" (n68)

(n68) História Natural do Fanatismo, seção vi. Eu recomendaria esta obra à leitura e estudo de todo clérigo e de todo indivíduo do país. É a produção de um pensador original e de um escritor eloquente. A comparação do soldado romano e do monge cristão, na sexta seção, raramente é superada simplesmente como uma peça de composição, além de sua verdade gráfica e poder.

[218]

Para completar o quadro de depravação e crueldade, e confirmar o argumento da influência da religião no coração e na vida, precisamos apenas nos referir

àquela instituição três vezes maldita, a Inquisição! Nisso se concentrava tudo o que era monstruoso e revoltante. Era impossível colocar em palavras suficientemente expressivas os princípios abomináveis sobre os quais seus ministros procederam em suas perseguições, ou a fria, deliberada e maligna ferocidade com que torturavam suas miseráveis vítimas. Inventaram-se todas as espécies de tormento que os talentos unidos dos inquisidores puderam conceber; e o prolongamento da vida sob as agonias mais excruciantes, para que o pobre infeliz pudesse suportar até o último grau, foi reduzido a um sistema perfeito. Os anais do sacrifício pagão, com todos os seus horrores, não fornecem nenhum paralelo com as atrocidades da Inquisição Romana. (n69)

(n69) Prescott, falando dos sacrifícios humanos dos astecas ou mexicanos e da Inquisição, dá preferência ao primeiro; pois a Inquisição, ele observa, não apenas "marcava suas vítimas com infâmia neste mundo, mas as consignava à perdição eterna no próximo" vol.

i., pág. 84. Assim, na página 77, ele diz: "Poucos simpatizarão, provavelmente, com a sentença de Torquemada, que conclui sua história de aflição dispensando friamente a alma da vítima (do sacrifício mexicano) para dormir com os de seus falsos deuses no inferno."

[219] A página mais negra e sangrenta da história da superstição é aquela que traz o registro da intolerância e ferocidade inquisitorial. Alguém poderia pensar que até mesmo o próprio inferno poderia aplaudir o refinamento da crueldade, se os demônios não tivessem ficado calados por inveja da habilidade superior e selvageria de seus rivais terrenos.

Mas essa terrível influência não se limitou aos sacerdotes dessa religião; o espírito cruel e feroz disso foi difundido entre todos os seus crentes; e seu hálito pestilento se espalhou por toda a vida social do povo. Os delatores foram encorajados, os hereges foram caçados, o ódio privado vingou-se e as paixões mais malignas do coração corrupto foram despertadas para a ação a serviço de Deus e da igreja. Mesmo os mais ternos laços

de afeição e as relações mais sagradas da vida foram esmagados sob o calcanhar de ferro do zelo religioso. Maridos traíam suas esposas, e pais seus filhos, e irmãs seus irmãos, e os entregavam às crueldades do santo ofício, e às chamas do auto-de-fé; e, assim fazendo, felicitaram-se por sua fidelidade a Deus, medida por seu triunfo sobre os mais belos atributos da humanidade. (n70)

(n70) Na Espanha, a Inquisição tem o domínio mais forte. Seus efeitos são assim descritos por M'Crie : "Possuindo naturalmente algumas das melhores qualidades pelas quais um povo pode ser distinguido - generoso, sentimental, dedicado, constante - os espanhóis tornaram-se cruéis, orgulhosos, reservados e ciumentos. Os revoltantes os espetáculos do *auto-da-fé*, continuados por tanto tempo, não poderiam deixar de exercer a mais endurecida influência sobre seus sentimentos. Na Espanha, como na Itália, a religião é associada ao crime e protegida (protege-a?) suas sanções. Ladrões e prostitutas têm suas imagens da Virgem, suas orações, sua água benta e suas confissões. Assassinos encontram um santuário nas

igrejas e conventos. Crimes de caráter mais negro ficam impunes em consequência das imunidades concedidas ao clero." — História da Reforma na Espanha, cap. é. Veja também a História da Inquisição de Llorente, resumida. Filadélfia: 1843. Para um quadro vivo da condição atual da sociedade neste país, veja a Bíblia de Borrow na Espanha. Veja também as histórias de Smedley, D'Aubigne e Burnett. Por este último pode ser substituído, como mais breve e popular em sua forma, um trabalho publicado pela London Religious Tract Society, republicado pelos Harpers, intitulado "The Days of Queen Mary". Para um breve mas interessante aviso sobre a Inquisição em Goa, veja as pesquisas cristãs de Buchanan, pp. 172-193.

[220]

Tão poderoso, também neste caso, foi o poder de uma religião selvagem para esmagar todo sentimento bondoso, toda emoção de amor e piedade, e treinar seus seguidores para a crueldade e o sangue.

Mas esta influência não se limita aos católicos; ela é encontrada onde quer que sejam encontradas as doutrinas das quais ela é filha. A história de Calvino e Servet mostra a mesma fé selvagem, tendo o

poder, fazendo a mesma obra infernal. E a história dos puritanos de nossa própria terra, dos dissidentes da Inglaterra, dos Covenanters da Escócia, dos judeus em todos os lugares, revela também a mesma fé; [221] despojado de seu poder, com certeza, pelo progresso da sociedade e das instituições civis, mas, com uma mudança de circunstâncias, pronto a qualquer momento para agarrar a adaga ou a tocha e lançar-se para o trabalho da morte. Por mais relutantes que sejamos em admitir isso, não podemos nos cegar para esses fatos. As carnificinas cruéis do passado, a masmorra, a tortura, o feixe de lenha, o flagelo sangrento caindo sobre as costas do Quaker que sofria mansamente, o grito de agonia, a oração não atendida por misericórdia - tudo isso no passado; - e a extrema amargura, o clamor feroz e as falsidades descaradas da controvérsia no presente; a recusa das cortesias comuns da vida, ou o ódio severo que muitas vezes se esconde sob a civilidade externa; o escárnio maligno ao trabalho daqueles que procuram revelar a verdade do amor

salvador de Deus por todos; a meia exultação diante de qualquer prova aparente do triunfo final do mal e dos tormentos incessantes dos ímpios; a dureza de coração com que às vezes esse resultado é contemplado, e a indiferença com que uma seita dedica outra a essa terrível condenação - tudo isso mostra claramente que o cristão está sujeito à mesma lei que governa os outros homens; mostram com uma dolorosa nitidez que, tanto quanto as influências refinadoras da literatura e da civilização permitiram, a crença em um deus feroz e em um inferno sem fim fizeram seu trabalho legítimo em seu coração. Como o asteca da América e o nórdico da Europa, ele participou do espírito de sua divindade e, supondo ser um dever e um serviço muito aceitável, ele começa, tanto quanto pode neste mundo, o trabalho de tormento. que ele acredita que seu deus implacável tornará infinito e sem fim no próximo. [222]

A rainha Mary da Inglaterra estava certa quando, como Bp. Burnet diz, ela defendeu suas perseguições sangrentas

apelando para o suposto exemplo da Divindade: "Como as almas dos hereges serão eternamente queimadas no inferno, não pode haver nada mais apropriado do que eu imitar a vingança divina queimando-as. na terra." Este é um raciocínio legítimo e lógico e exibe os frutos naturais da doutrina.

Se, então, queremos fazer da humanidade o que ela deve ser, devemos começar com o objeto de sua adoração; devemos primeiro fazer da religião deles o que deveria ser. Devemos expulsar do lugar sagrado todas as superstições obscuras e ferozes do passado e do presente, sejam elas pagãs ou cristãs, e no lugar destas estabelecer, em toda a sua beleza e simplicidade divinas, a misericordiosa e amorosa religião de Jesus Cristo. Somente as visões que isso revela de Deus Pai, de seu governo e suas questões finais, podem ser favoráveis ao progresso espiritual da humanidade, podem formar o coração do homem para a gentileza e a bondade e recriá-lo à imagem do céu. [223] "As religiões

nacionais", diz um célebre alemão, "não se tornarão amigas da virtude e da felicidade até que ensinem que a Divindade não é apenas um ser inconcebivelmente poderoso, mas também um ser inconcebivelmente sábio e bom; que por essa razão ele não dá lugar à raiva nem à vingança, e nunca pune caprichosamente; que devemos somente ao seu favor todo o bem que possuímos e desfrutamos; que até mesmo nossos sofrimentos contribuem para nosso bem maior, e a morte é uma mudança amarga, mas salutar; em suma , que o sacrifício mais aceitável a Deus consiste em uma mente que busca a verdade e um coração puro. As religiões que anunciam essas verdades exaltadas oferecem ao homem os mais fortes conservantes do vício e os mais fortes motivos para a virtude, exaltam e enobrecem suas alegrias, consolá-lo e guiá-lo em todos os tipos de infortúnios, e inspirá-lo com tolerância, paciência e benevolência ativa para com seus irmãos." (n71)

(n71) Repositório Bíblico de abril de 1843. O Dr. Robertson também tem uma passagem impressionante sobre este ponto, e confirmatória do argumento geral, que, apesar de sua extensão, não posso me recusar a citar. Falando dos peruanos, ele diz: "O sol, como a grande fonte de luz, de alegria e felicidade, na criação, atraiu sua principal homenagem... e energia vivificante, é o melhor emblema da beneficência divina, os ritos que eles consideravam aceitáveis para ele eram inocentes e humanos. Eles ofereciam ao sol uma parte daquelas produções que seu calor genial havia despertado do seio da terra, e criados até a maturidade. Eles sacrificaram, como uma oblação de gratidão, alguns dos animais que estavam em dívida com sua influência para nutrição. Eles apresentaram a ele espécimes escolhidos daquelas obras de engenhosidade que sua luz guiou a mão do homem na formação. Mas os incas nunca mancharam seus altares com sangue humano, nem podiam conceber que seu bondoso pai, o sol, se deleitasse com tão horríveis vítimas. sensibilidade islâmica e suprimem os sentimentos da natureza ao ver os sofrimentos humanos, foram formados pelo espírito da superstição que eles adotaram, para

um caráter nacional mais gentil do que o de qualquer povo da América. History of America, B. vii. § 36. Veja também a nota desta seção, 42.

[224] Que esta seja a religião das nações, e logo o mundo estará avançando em direção ao céu. E foi para revelar essas verdades e trazê-las para perto do coração da humanidade que Jesus deu sua vida e trabalhou com toda a seriedade de seu coração amoroso.

Que esta, então, seja a religião do cristão, e ele será um cristão de fato. Que ele acredite em Deus como o pai de todos, como o dispensador da vida e do bem para todos; deixe-o vê-lo como Cristo o viu, vestido com vestes de luz e misericórdia, e ele amará como Cristo amou e, tanto quanto puder, viverá como Cristo viveu. Deixe-o acreditar que Deus sempre abençoa, e ele não ousará, não desejará, amaldiçoar a quem Deus abençoou. Deixe-o acreditar que Deus nunca odeia, nunca está com raiva; e, para que ele seja como ele e aprovado por ele, ele procurará diligentemente expulsar todo ódio e

paixão de seu próprio coração. Que ele acredite que todos os homens são irmãos, caminhando de volta para a presença do Pai, onde, livres de todo mal, seremos como os anjos; [225] e que é a sincera súplica deste Pai que não desistamos pelo caminho, mas carreguemos os fardos uns dos outros e amemos uns aos outros como ele nos ama, como ele ama o mundo: que essas sejam as visões cristãs de Deus , e ele realmente nascerá de novo do alto. Que esta seja a religião das nações, e

"A Terra voltará a ser o paraíso.
E o homem, ó Deus, a tua imagem aqui."

CAPÍTULO VIII.

A INFLUÊNCIA MORAL COMPARATIVA DA CRENÇA E DESCRENÇA NA PUNIÇÃO INFINITA — CONTRASTE HISTÓRICO.

Neste capítulo, proponho, por contraste histórico, mostrar a influência da punição

sem fim, e de seu oposto, na moral geral da sociedade.

A maioria das seitas cristãs acredita que esta doutrina é o grande regulador da moral social e individual. Nada tem sido pressionado com mais frequência e urgência sobre a atenção do público do que a necessidade de futuras punições sem fim como recompensa de pecadores impenitentes. Argumenta-se que é a única restrição eficaz para controlar os transgressores presunçosos, e que o medo disso foi removido das mentes dos homens, e o mundo rapidamente se tornaria uma perfeita ruína social, à semelhança do próprio poço infernal. Com toda a sinceridade possível, esta visão da questão tem sido defendida por muitos cristãos honestos, do púlpito e da imprensa, em plena crença de que o perigo é real. [227]

E, no entanto, diante desse argumento, permanece o mundo pagão inteiro, que acreditou nessa doutrina por eras antes da vinda de Cristo, e ainda, no momento de sua vinda, totalmente perdido em

corrupção e depravação, na prática diária do vícios e crimes mais abomináveis, e toda a massa da sociedade afundada nas profundezas da infâmia, vergonha e maldade. Que tipo de influência restritiva a doutrina da punição sem fim exerceu sobre eles?

Os judeus também, como vimos, eram crentes nessa doutrina no tempo de Cristo; e sua corrupção e maldade naquele período, e depois, são quase proverbiais. Josefo testemunha isso na linguagem mais positiva. "Não posso dizê-lo sem pesar", são suas palavras, "mas devo declarar como minha opinião que, se os romanos tivessem demorado para enfrentar esses miseráveis, a cidade (Jerusalém) teria sido engolida por um terremoto, ou inundado por um dilúvio, ou então consumido pelo fogo do céu, como Sodoma foi; pois produziu uma geração de homens mais perversos do que aqueles que sofreram tais calamidades”. Novamente ele diz: "É impossível calcular todas as suas vilanias; mas nunca nenhuma cidade sofreu tantas calamidades; nem houve, desde o começo

do mundo, um tempo mais frutífero de maldade do que aquele". (n72)

(n72) *Guerras Judaicas*, Livro v., cap. xiii. §6; cap. x. §5

[228] Tão pouca influência a doutrina teve sobre os judeus no que diz respeito à restrição. Tais testemunhos da condição moral dos que a crêem, não vão longe no sentido de fortalecer as grandes reivindicações levantadas pelo seu poder conservador e santificador. Os judeus não poderiam ter estado muito pior sem nenhuma religião do que estavam sob a pressão de sua fé em tormentos sem fim.

A descrição de Paulo de "judeus e gentios", neste período, concorda perfeitamente com os fatos aduzidos, "que todos estão debaixo do pecado; como está escrito: Não há justo, nem um sequer - não há quem entenda, não há quem busque a Deus, todos se extraviaram, juntos se tornaram inúteis, não há quem faça o bem, nem um sequer, a sua garganta é um sepulcro aberto, com as

suas línguas usam de engano; veneno de víbora está sob seus lábios; sua boca está cheia de maldição e amargura; seus pés são rápidos para derramar sangue; destruição e miséria estão em seus caminhos; e o caminho da paz eles não conheceram; e não há temor a Deus diante de seus olhos." Rom. 3:9-18.

Tal é a descrição da condição moral de pagãos e judeus, conforme fornecida pelo apóstolo inspirado. Quão melhores eles eram por terem acreditado em punição sem fim? Até que ponto eles foram impedidos de pecar, ou impedidos na indulgência de suas más paixões e desejos criminosos, pelos terrores de um julgamento futuro e um inferno sem fim? [229] E, no entanto, em violação direta desses notórios fatos da história, somos informados de que a doutrina da punição sem fim é a única salvaguarda da sociedade, a grande força moral do mundo, sem a qual ela cairia rapidamente em destroços irrecuperáveis e ruína! (n73)

(n73) É *curioso* que a *célebre* obra do Bp. Warburton, *"The Divine Legation of Moses"*, tem esta proposição como base: A sociedade não pode existir sem a crença em recompensas e punições futuras; ou, na ausência disso, pelo apoio milagroso de Deus. A lei de Moisés não contém a doutrina de futuras recompensas e punições; portanto, sua legação, ou missão, *era* divina, e a nação judaica foi mantida pelo poder milagroso de Deus. Este argumento ele elabora, com uma vasta gama de erudição e uma maravilhosa exibição de lógica unilateral, através de três volumes in-oitavo, de mais de 1.500 páginas impressas !

A verdade é que esta suposição é totalmente desprovida de fatos para sua sustentação. Não há nada na história para provar que os crentes no castigo sem fim são melhores por sua fé, ou que aqueles que negam são piores por sua falta de fé. Eu não digo, que a crença nesta doutrina torna as pessoas mais ímpias e perversas, embora o último capítulo mostre que não seria difícil demonstrar que este é o fato, pelo menos em alguns aspectos - mas eu digo que , tanto quanto a história fala a

esse ponto, dá testemunho inequívoco de que a doutrina dos tormentos sem fim *não* torna as pessoas mais morais, e a ausência dela *não* as torna menos morais. [230]

Há uma passagem notável em *Life of Judson*, de Wayland, ilustrativa do assunto em questão. Relaciona-se com a religião e a moral dos *birmaneses* e mostra, com singular precisão e clareza, a perfeita inutilidade do *sistema de terror* em restringir os homens do mal ou em promover sua virtude.

Falando dos budistas, ele diz que eles acreditam que a humanidade passa para outros corpos, e a mudança que então ocorre é determinada por sua conduta na vida presente. Eles podem ser enviados para os corpos de animais, pássaros, bestas, peixes ou insetos, de um grau superior a um inferior, se perversos, até chegarem ao inferno ou a um lugar de tormento puro. Em casos de crimes atrozes, como o assassinato de um dos pais ou de um sacerdote, eles não passam pela transmigração, mas vão direto para o

inferno. "Existem quatro estados de miséria apropriados para a punição de crimes atrozes. Nos infernos menores são punidos aqueles que não honram seus pais, os magistrados ou a velhice; que tomam vinho e bebidas intoxicantes; que corrompem poços e destroem estradas; que são fraudulentos e enganosos, ou falam com raiva e grosseria, que usam de violência pessoal, que desrespeitam as palavras de homens piedosos, que propagam escândalos, que ferem seus semelhantes, negligenciam os doentes ou alimentam pensamentos proibidos. Todos estes serão punidos, de acordo com a medida de seu pecado, com punições terríveis além da concepção. Para a menor aberração da retidão, o tormento é apenas menos que infinito; e depois de um pecado, o ser está para sempre impotente sob condenação, a menos que ele possa alcançar a aniquilação. É um sistema puro de recompensas e punições, sem trégua, sem perdão e sem esperança para os culpados." "Assim", acrescenta ele, "esse sistema parece ter esgotado as faculdades

humanas de conceber terrores que deveriam nos impedir de pecar".

E qual é o resultado? Os birmaneses deveriam ser um povo muito bom e santo, se a doutrina realmente é tão restritiva e moralmente eficaz quanto se afirma. Mas quais são os fatos ? O Dr. Judson confessa francamente que "este sistema de religião não tem poder sobre o coração, nem restringe as paixões"; e o Dr. Wayland confessa francamente que "é evidente que praticamente não criou nenhuma barreira contra o pecado". E os detalhes fornecidos por este último são certamente uma boa prova de que essas declarações são estritamente corretas e confiáveis, como a seguinte citação mostrará satisfatoriamente:

"Embora a lei de Gaudama, a Divindade, proíba tirar a vida de qualquer ser animado, os birmaneses são sedentos de sangue, cruéis e vingativos, além da maioria das nações da Índia. Assassinatos são de ocorrência muito comum, e a punição da morte é infligida com todo agravamento de crueldade.

[232] Embora a licenciosidade seja absolutamente proibida, eles são considerados universalmente libertinos. Enquanto a lei denuncia a cobiça, eles são, quase todos, desonestos, vorazes, propensos ao roubo e ao latrocínio. A lei proíbe traição e engano em todas as ocasiões; e ainda assim, do mais alto ao mais baixo, eles são uma nação de mentirosos. Quando detectados na falsidade mais grosseira, eles não demonstram consciência de vergonha e até se orgulham em engano bem sucedido." (n74)

(n74) Life of Judson de Wayland, vol. i, pág. 144-163.

Que refutação completa da afirmação de que o medo do inferno é uma restrição eficaz das paixões perversas dos homens, uma força moral essencial para a segurança e o bem-estar da sociedade! Pode algo ser mais conclusivo do que esses fatos contra essa teoria? Você não pode ter um inferno pior, nem um povo

pior do que o birmanês. E não vejo como é possível, diante de tão inquestionáveis testemunhos da história, persistir na afirmação de que a crença em castigos sem fim, ou em tormentos após a morte, por mais terríveis que sejam, é absolutamente necessária à preservação da ordem social. , e como uma restrição à depravação desesperada do coração humano.

Eu me volto agora para o outro lado do assunto. Foi dito que, no que diz respeito à história, aqueles que acreditavam na doutrina do futuro castigo sem fim não eram melhores por sua fé, e aqueles que a rejeitavam não eram piores por sua falta de fé. [234] A primeira, penso eu, é provada por um testemunho incontestável. É possível mostrar, da mesma forma, que aqueles que negam a doutrina *não são piores* por sua falta de fé? Vejamos o que pode ser feito a esse respeito.

A seita dos saduceus, entre os judeus, é bem conhecida por rejeitar a doutrina em análise e até mesmo toda a existência futura. É claro que todas as descrições

assustadoras do inferno, como aquelas entre os gregos, romanos e birmaneses, não serviam para nada com eles. Eles não tinham fé em demônios ou tormentos além da morte. Eles repudiavam totalmente todas as restrições desse tipo e viveram sem a menor referência a quaisquer outras punições do pecado além das administradas pela providência de Deus *neste mundo*.

Agora, de acordo com o argumento de restrição, que afirma que esta doutrina é a única salvaguarda da moral, e que, sem ela, as paixões vis e perigosas da natureza humana se transformam em uma perfeita revelação da maldade - se isso for verdade, então deveriamos encontrar os saduceus entre as pessoas mais imorais, corruptas e criminosas de qualquer época ou nação. Mas qual é o fato? Qual é a voz da história? O inverso disso. E neste ponto citarei a autoridade de testemunhas ortodoxas, que, embora relutantes, são compelidas a prestar testemunho contra sua própria teoria favorita. [234]

Em primeiro lugar, apresento a afirmação de Bnicker, o distinto autor da História da Filosofia, que constitui a substância da obra de Enfield sobre o mesmo assunto.

"Resta", diz ele, "que acrescentamos algo sobre a vida dos saduceus. De fato, pode-se conjecturar a partir do caráter de sua doutrina que sua vida era ruim, porque eles eram destituídos dos motivos pelos quais a verdadeira moralidade é aplicada. ... Mas devemos nos pronunciar de outra forma a respeito de sua moral, se aderirmos ao testemunho dos antigos. Pois Josefo testifica que esta classe de homens era muito severa em julgar; de onde pode ser inferido seu rigor em punir crimes. Isso, de fato, é o que a natureza de seu sistema parece ter exigido, pois, como eles não acreditavam que os homens fossem dissuadidos da maldade pelo medo de tormentos futuros, eles foram obrigados a proteger a moral pública e a observância da lei por meio de punições rigorosas. Josefo, mesmo sendo fariseu, mostra, por um testemunho acima de

todas as exceções, que os saduceus prestavam mais atenção à justiça do que os fariseus.

O que pode ser mais direto ao ponto, ou mais decisivo, do que isso? No que diz respeito a Josefo, vem de um dos homens mais ilustres da nação, de uma seita oposta, um inimigo, um fariseu; [235] e, no entanto, o testemunho mostra o rigor e a pureza moral das vidas daqueles homens que rejeitaram totalmente o dogma popular do futuro castigo sem
fim!

Mas vamos ouvir Milman, em sua história dos judeus. Ele diz sobre os saduceus: "Negando todas as punições por crime em uma vida futura, sua única maneira de desencorajar a delinqüência era pelos terrores imediatos da lei; e isso eles colocaram em vigor, talvez com maior rigor, porque sua descrença na futura recompensas e punições eram apresentadas por seus inimigos como levando necessariamente à maior frouxidão moral (a mesma coisa que é afirmada hoje). Teria este efeito

provavelmente sobre muitos dos fracos e licenciosos; mas a doutrina dos saduceus, que reconhecia plenamente *a punição certa da culpa* neste mundo *pela Providência Divina,* não é com justiça responsabilizável por essas consequências." (n75)

(n75) *História dos Judeus*, vol. ii., pág. 123, 62. Brucker, ii. 728, citado em Expositor, iii. 17.

Agora está bastante claro que esses fatos e admissões, com relação aos saduceus, englobam toda a questão em debate. Eles são decisivos contra a necessidade e utilidade afirmadas da doutrina em análise; decisivos em apoio à declaração que tantas vezes fizemos, que a fé oposta não é perigosa para a moral do crente, nem destrutiva da boa ordem e bem-estar da sociedade.

Penso que os fatos apresentados estabelecem, além de refutação, estes resultados: [236]

1º. A crença de futuros tormentos sem fim não restringe nem impede os homens

de se entregarem às suas paixões criminosas. Aqueles que acreditam não são melhores, em caráter ou conduta, porque acreditam nisso. O inferno dos birmaneses é tão horrível quanto a imaginação ou a invenção podem torná-lo; e ainda assim eles são notoriamente corruptos, licenciosos, sanguinários - os maiores ladrões, mentirosos e trapaceiros do mundo.

2º. A descrença de tormentos sem fim não torna o homem imoral ou perverso; como demonstra abundantemente o caráter dos saduceus, a quem seus inimigos até reconhecem ser estritamente justos e morais.

Posso imaginar apenas uma resposta a esta simples declaração de fatos: pode-se dizer que a comparação não é justa, uma vez que os birmaneses, assim como os gregos e romanos, são pagãos, e os saduceus tiveram o benefício da revelação e do lei divina de Moisés. Mas isso foge ao ponto em debate; pois o fundamento adotado é que uma religião *sem* a doutrina em questão *não pode exercer uma*

influência moral salutar; que a crença nisso é indispensável como um controle sobre o coração perverso. Dizer, portanto, que outros elementos da lei, ou da revelação, podem ter tornado os saduceus morais e virtuosos, é renunciar ao argumento e admitir que essa doutrina não é necessária para a virtude. [237]

Ainda assim, não há dificuldade em enfrentar a objeção em seu próprio terreno. "Os gregos, romanos e birmaneses são pagãos, mas os fariseus não. Eles são crentes na revelação divina, tendo todos os benefícios da Lei de Moisés, vivendo lado a lado com os saduceus, sujeitos às mesmas influências sociais; a única diferença entre eles é precisamente o ponto em debate - os fariseus acreditando na doutrina do futuro castigo sem fim, e os saduceus negando-a.

É claro que os fariseus deveriam ser grandes santos, sem mancha ou mácula; e os saduceus deveriam ser grandes pecadores, vis e perversos até o último grau. Mas já vimos que os saduceus não eram grandes pecadores, mas honestos,

justos e morais, por confissão de seus piores inimigos. Metade do argumento, portanto, cai por terra desde o início. Agora, a outra metade - os fariseus eram grandes santos? O Salvador responderá a isso : "Escribas, fariseus, hipócritas; roubando as viúvas e os órfãos, negligenciando a justiça, a misericórdia e a verdade; geração de víboras; sepulcros caiados, cheios de corrupção e todo tipo de impureza! "Isso não se parece muito com sendo muito santo. Assim, a segunda metade do argumento não se sai melhor do que a primeira; e ambos são falhas perfeitas.

Assim, prova-se ser o fato histórico exatamente o contrário do que se afirma para a doutrina: os que a crêem são grandes pecadores, víboras morais, sepulcros caiados; [238] enquanto os incrédulos são – talvez não santos, mas muito melhores do que os santarrões hipócritas, que acusaram sua doutrina de tendências imorais e perigosas.

Uma outra coisa é digna de nota a esse respeito, e com isso encerro o argumento.

Em todas as suas repreensões e denúncias da maldade dos homens de sua época e geração, o Salvador nunca inclui os saduceus. É sempre, "escribas, *fariseus*, hipócritas;'' nunca escribas, *saduceus*, hipócritas. Esta é uma forte prova presuntiva da moralidade incontestável dos *saduceus*, e prova igualmente positiva da maldade preeminente dos fariseus.

Voltamos, portanto, à conclusão já declarada, a saber: A crença na punição sem fim *não estreita* os laços da moralidade, nem conduz a uma vida de virtude; enquanto, por outro lado, a descrença dela *não afrouxa* os laços da moralidade, nem leva a uma vida de maldade. (n76)

(n76) Para provas adicionais, consulte o cap. x., seção vi.

[239]

CAPÍTULO IX.

A INFLUÊNCIA DA DOUTRINA NA FELICIDADE DE SEUS CRENTES - ILUSTRADA POR SUAS CONFISSÕES.

Pareceu-me uma conclusão adequada para este trabalho, mostrar o efeito de uma crença em punição sem fim na mente generosa e no coração realmente cristão, *em contraste* com o efeito da fé nas doutrinas do Evangelho, conforme registrado no Novo Testamento.

É impossível que alguém, com um coração humano, possa acreditar plenamente nesta doutrina, com todos os horrores que ela envolve, com todas as acusações que ela traz contra a sabedoria e a bondade divinas, e não sentir que é um peso terrível sobre sua alma, e um fardo do qual ele ficaria feliz em ser aliviado.

Existem muitas mentes superficiais, muitos faladores irreverentes, que não encontram nenhuma dificuldade em acreditar, e estão prontos para denunciar a menor dúvida sobre o assunto como impiedade ou infidelidade. Há muitos pequenos ministros, que estão prontos a

qualquer momento para esclarecer todas as dificuldades dos argumentos morais e bíblicos; [240] que nunca ficam envergonhados, nunca se preocupam com o assunto.

Mas eu sei que os melhores e mais fortes entre seus crentes nunca tratam o assunto dessa maneira. Aqueles que o examinaram com mais profundidade e paciência, que se distinguem igualmente por seu aprendizado e piedade, confessam que, visto de qualquer lado que você queira, é uma coisa terrível e leva à angústia da mente e angústia do coração, e a perguntas dolorosas que não podem ser respondidas.

Os testemunhos a seguir são desta classe e mostrarão, melhor do que qualquer argumento, quão completamente os efeitos da fé neste terrível dogma se opõem ao resto, e a paz e alegria prometidas ao verdadeiro crente.

Saurin. Este célebre teólogo tem a seguinte linguagem: "Eu afundo! Eu afundo sob o terrível peso do meu assunto; , que você, que estamos todos

ameaçados com esses tormentos; quando vejo, na tibieza de minhas devoções, na languidez de meu amor, na leviandade de minhas resoluções e desígnios, a menor evidência, embora seja apenas presuntiva, da minha miséria futura, mas encontro no pensamento um veneno mortal, que se difunde em todos os períodos da minha vida, tornando a sociedade cansativa, o alimento insípido, o prazer repugnante e a própria vida um amargor cruel.

Deixo de admirar que o medo do inferno tenha deixado alguns loucos e outros melancólicos."

Agora, alguém pode supor por um momento que uma doutrina, produzindo tal terror mental e angústia como esta, pode vir daquele que disse, tão gentil e compassivamente: “Vinde a mim, todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim; que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve"? Mateus 11:29,30. Além

disso, ele diz expressamente que foi enviado "a pregar boas novas, a curar os quebrantados de coração, a pregar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, e para pôr em liberdade os oprimidos.” Lucas 4.

Professor Stuart. Mas, para tornar o contraste ainda mais óbvio, dou o seguinte do Rev. Moses Stuart, o falecido e distinto professor de Andover, igualmente conhecido por sua erudição crítica e caráter cristão:

“Existem mentes de um tipo muito sério e propensas ao raciocínio e à investigação, que de alguma forma chegaram a tal estado que a dúvida sobre o assunto da punição sem fim não pode ser removida delas sem a maior dificuldade.

"Eles começam suas dúvidas, é provável, com algum raciocínio a priori sobre esse assunto. 'Deus é bom. [242] Sua terna misericórdia está sobre todas as obras de suas mãos. Ele não tem prazer na morte do pecador. Ele tem poder para impedir isso. Ele sabia, antes de criar o homem e torná-lo um agente livre, que ele pecaria.

Com a certeza de sua miséria sem fim, portanto, sua benevolência teria impedido que ele existisse. Nenhum pai pode suportar ver seus próprios filhos miseráveis *sem fim*, nem mesmo se eles foram ingratos e rebeldes; e Deus, nosso Pai celestial, nos ama mais do que um pai terreno ama ou pode amar seus filhos.'”

"Além disso, nossos pecados são temporários e finitos; pois eles são cometidos por seres temporários e finitos, e em um mundo cheio de seduções tanto de fora quanto de dentro. É perfeitamente fácil para a Onipotência limitar, sim, impedir qualquer dano. que o pecado pode fazer; de modo que o castigo sem fim dos ímpios é desnecessário, a fim de manter o governo divino e mantê-lo sobre uma base sólida. Acima de tudo, um castigo sem fim, pelos pecados de alguns dias ou horas, é uma proporção de miséria incompatível com a justiça, bem como com a misericórdia. E como isso pode ser necessário, quando Cristo fez expiação pelo pecado e trouxe a redenção eterna de sua penalidade?

"As simpatias sociais, também, de alguns homens muitas vezes estão profundamente preocupadas com a formação de suas opiniões religiosas. [243] Eles perderam um amigo próximo e querido e parente pela morte; alguém que nunca fez nenhuma profissão de religião, ou deu boas razão para supor que sua mente estava particularmente ocupada com isso. O que eles vão pensar de seu caso? Eles podem acreditar que alguém tão querido para eles se tornou eternamente miserável - um pária para sempre de Deus? Eles podem suportar o pensamento de que nunca mais o verão ou terão amizade com ele? Pode o próprio céu ser um lugar de felicidade para eles, enquanto eles estão conscientes de que um marido ou uma esposa, um filho ou uma filha, um irmão ou uma irmã, é mergulhado em um lago de fogo da qual não há escapatória? 'É impossível', afirmam eles, 'superar simpatias como essas. Seria antinatural e até mesmo monstruoso suprimi-las.' Eles são, portanto, conforme veem o caso,

constrangidos a duvidar se as misérias de um mundo futuro podem ser infinitas.

"Se houver alguém cujo coraçao é estranho a tais dificuldades como essas, ele deve ser parabenizado por ter feito uma proeza quase além do alcance da humanidade no mundo atual; ou então deve ser lamentado por ignorância, ou a falta de uma simpatia que parece estar entre os primeiros elementos de nossa natureza social. Com a grande massa de cristãos pensantes, tenho certeza de que pensamentos como esses devem, infelizmente para eles, ser conhecidos demais. Que eles agitam nossas emoções como as tempestades agitam as profundezas, será testemunhado por todo homem de coração terno e que tem uma profunda preocupação com o bem-estar presente e futuro daqueles a quem ama." [244] Uma confissão tão franca e completa das dificuldades desta questão, por tal homem, deve levar todos os crentes a perguntar, seriamente, se é razoável supor que qualquer doutrina vinda de Deus colocaria tal fardo de

dúvida e sofrimento no coração piedoso e na mente honesta, ou então atrapalham a perfeita confiança e amor que ele exige de nós.

E é de alguma importância que aqueles que perderam parentes e amigos, não dando nenhuma evidência de conversão e regeneração especiais, considerem a questão proposta, se o próprio céu pode ser felicidade, se um pai ou filho, marido ou esposa, irmão ou irmã , está se contorcendo em um lago de fogo do qual não há escapatória? Os crentes desta doutrina estão muito dispostos a pensar que aqueles que lhes são queridos serão, de alguma forma, salvos; mas, se a doutrina é realmente verdadeira em todas as suas fases, então aqueles que não são verdadeira e realmente convertidos devem ser inevitavelmente condenados! E se não são, então a mesma misericórdia que os salva pode salvar outros, pode salvar a todos.

Barnes. Acrescento outro testemunho, que vem de um conhecido homem de pensamento e de sincera piedade, o Rev.

Albert Barnes. É suficiente para abrandar um coração de pedra, tornando-o em simpatia e piedade, ouvir a explosão de angústia com a qual ele reconhece os efeitos esmagadores dessa doutrina na mente e no coração: [245]

“Que se permita que a mente imortal ponha em risco seu bem-estar infinito, e que ninharias possam afastá-la de Deus, da virtude e do céu. tormentos sem possibilidade de alívio e sem fim. Que, uma vez que Deus pode salvar os homens e salvará uma parte, ele não pretendeu salvar a todos; que, supondo que a expiação é ampla e que o sangue de Cristo pode purificar de todo e qualquer pecado, não é de fato aplicado a todos. Que, em uma palavra, um Deus que afirma ser digno da confiança do universo, e ser um ser de infinita benevolência, fazeria um mundo como este, cheio de pecadores e sofredores; e que quando uma expiação foi feita, ele não salvou toda a raça, e pôs fim ao pecado e aflição para sempre:

“Essas e outras dificuldades semelhantes surgem na mente quando pensamos sobre

esse grande assunto; Estas são dificuldades reais, não imaginárias. Provavelmente são sentidas por todas as mentes que já refletiram sobre o assunto; e são inexplicadas, não mitigadas, não removidas. Confesso, por exemplo, que as sinto, [246] e as sinto mais sensível e poderosamente quanto mais eu olho para elas, e mais eu vivo. Não entendo esses fatos; e não avanço para entendê-los. Não sei se tenho um raio de luz sequer sobre esse assunto, que eu não tinha quando o assunto passou pela minha alma pela primeira vez. Li, até certo ponto, o que homens sábios e bons escreveram. Olhei para suas teorias e explicações. Esforcei-me para pesar seus argumentos, pois toda a minha alma anseia por luz e alívio nessas questões. Mas eu não entendo; e, no estresse e angústia de meu próprio espírito, confesso que não vejo nenhuma luz. Não vejo um raio que me revele a razão pela qual o pecado veio ao mundo; por que a terra está repleta de moribundos e mortos, e por que o homem deve sofrer por toda a eternidade. "Nunca

vi uma partícula de luz lançada sobre esses assuntos que tenha dado um momento de alívio à minha mente torturada; nem tenho uma explicação a oferecer, ou um pensamento a sugerir, que seria de alívio para você. Confio em outros os homens - quando eles professam entender - entendem isso melhor do que eu, e que eles não têm a angústia de espírito que eu tenho; mas confesso, quando olho para um mundo de pecadores e sofredores; sobre leitos de morte e cemitérios; sobre o mundo da desgraça, cheio de hostes para sofrer para sempre; quando vejo meus amigos, meus pais, minha família, meu povo, meus concidadãos; [247] quando vejo uma raça inteira, toda envolvida neste pecado e perigo, e quando vejo a grande massa deles totalmente despreocupada, e quando sinto que somente Deus pode salvá-los, e ainda assim ele não o faz, fico mudo. É tudo escuridão, escuridão, escuridão para a minha alma, e eu não posso disfarçá-lo." (n77)

(n77) *Sermões práticos de Barnes*, pp. 123 – 125; *Repositório Bíblico* de julho de 1840; *Sermões de Saurin*. Veja, também, as dificuldades e lutas dolorosas criadas por esta doutrina, conforme aparecem no *Conflict of Ages* de Beecher e na célebre *Carta* de John Foster sobre o assunto. *Life and Correspondence*, Carta 226. Sermão de Beecher sobre punição futura, domingo, 16 de outubro de 1870.

Oh, será que essa "mente torturada", essa "aflição e angústia de espírito", essa escuridão impenetrável, esse lamento selvagem de tristeza são os frutos naturais da fé em Deus, em Cristo, na Bíblia? Pode ser que uma doutrina que produz efeitos tão terríveis na mente e no coração do crente faça parte da mensagem do bendito Salvador, cujo nascimento foi anunciado pelos anjos como "boas novas de grande alegria, que serão para todo o povo, "trazendo "paz na terra e boa vontade para com os homens"? Lucas 2. Quem pode acreditar nisso? Quem pode deixar de ver a oposição direta em espírito e fato?

Henry Ward Beecher. O leitor estará interessado no seguinte. É de alguém conhecido no país e no exterior como um dos pregadores mais capazes, eloquentes e maravilhosos dos dias atuais; é digno de nota sua concordância total [248] com o que disse Barnes acima, concordância em espírito e em sua revelação de angústia e sofrimento resultante da crença neste dogma horrível. É de se admirar que um homem com a inteligência do Sr. Beecher permita passagens como aquela que fazem seu texto apagar aquele belo e memorável Sermão da Montanha; É extremamente estranho que ele permitisse que uma fraseologia tão duvidosa ofuscasse o terno convite do Salvador aos que estão em sofrimento e angústia: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim; [...] pois *MEU jugo é suave e o MEU fardo é leve, e encontrareis DESCANSO para as vossas almas"*. É o jugo de Cristo e o fardo de Cristo que o Sr. Beecher está carregando? Ele encontrou o descanso prometido?

Deixe a seguinte confissão dolorosa responder:

"Senti todas as dificuldades que qualquer homem já sentiu. Em pensamento, circulo sobre *o terrível fato do futuro* (inferno eterno), eu também levo em consideração a Paternidade de Deus e olho para as nações impiedosas do globo, e com anseio e angústia inexprimíveis para os quais não há palavras, busquei alívio. Mas existe o testemunho claro e simples de Jesus Cristo. Não posso contornar ou passar por cima de seu testemunho. Está ali. Não posso dizer nada. Não consigo entender o assunto. Uma criança pode me fazer perguntas que não posso responder. Sinto minha alma doer. Como se fossem gotas de sangue escorrendo em vez de lágrimas. Mas afinal de contas eu creio no Senhor Jesus Cristo; e eu não acredito que ele me enganaria nem enganaria a você. E se você me perguntar a razão da fé que há em mim, eu simplesmente digo isso, "Jesus diz: " isso é tudo. E eu não posso desistir de seu testemunho. Eu prego o amor de Deus, e não sei qual é o alcance

desse amor; não sei aonde isso levaria logicamente. Mas tenho certeza que estou certo em pregar que todos os elementos punitivos estão sob o controle do amor. Tenho certeza absoluta de que o amor trará tudo certo no final. Eu, portanto, prego sem qualificação, e quase sem limitação, desse lado. Mas não devo ser entendido por esse motivo, como não acreditando no que o próprio Cristo diz deliberadamente a respeito do perigo do pecado ou a respeito do castigo na vida que está por vir. . . .

"Vai ao meu coração dizer essas coisas. Este não é o lado a que sinto ter sido chamado a pregar. No entanto, está lá; e, se eu for fiel a todo o meu dever, devo pregá-lo. Como um cirurgião faz coisas que são muito desagradáveis para ele, então às vezes eu prego. Mas faço isso com lágrimas e com tristeza. Me sinto muito mal. [250]

"Não há outro ensinamento da Bíblia que nos seja mais familiar do que esta verdade de punição na vida futura. Sobre esse assunto, os homens não podem abater o

coração enquanto avaliam friamente as evidências, . . . Mas, meus irmãos, uma coisa é ler na Bíblia como eu o li em seus ouvidos esta manhã, e outras passagens semelhantes, e outra coisa é ponderá-las diante de uma criança morta. Pode não ser difícil para um teólogo sentar-se em sua cadeira e raciocinar abstratamente, refutando e contra-atacando em argumentos; mas quando ele é chamado a seguir seu próprio filho, que por uma carreira duvidosa ou abertamente ignominiosa saiu da vida, não é mais da natureza humana raciocinar no mesmo estado de espírito calmo. Aplicar esta verdade na intensidade do amor agonizante seguindo seu companheiro perdido, como outro Orfeu em busca de Eurídice, - essas são coisas que trazem essa questão para perto de nossos corações como quase nenhuma outra é trazida para nós.

"Se nascer de novo, se começar a amar, se odiar o egoísmo, se começar uma separação de nossa natureza animal, são as condições de alegria na vida futura,

então quão poucas pessoas existentes no globo têm satisfeito essas condições ! E, no entanto, desafiarei qualquer um a olhar com um coração solidário para as massas que se movem mais do que todas as folhas das florestas do continente, [251] e deixar a convicção passar por sua mente mesmo que levemente como a sombra de uma sombra, sem ser totalmente subjugado. Um homem não pode ter a suscetibilidade que é cultivada pelo evangelho de Cristo, e então encarar com ousadia a terrível aplicação desta verdade simples para as massas da humanidade, e não estremecer e tremer com sensibilidade.

"A eternidade da punição, quando um mínimo de concepção de sua significação e significado se apodera da mente, parece paralisar muitas em tristeza. A eternidade da punição futura é o ponto onde quase todas as dúvidas e lutas agonizantes dos teólogos cristãos surgiram. E do que é chamado *mistérios insolúveis do governo divino,* parece-me que, se a doutrina da eternidade da punição fosse removida, nove em cada dez desses “mistérios”

desapareceriam por si mesmos; pois acredito que eles resultam simplesmente desse único termo, ' sofrer eternamente.'"

Tal é a confissão deste homem eminente, e é igualmente honrosa para sua cabeça e seu coração. Ele teve a coragem de dizer o que, sem dúvida, milhares de seus irmãos sentem sem jamais expressá-lo. [252] E o Sr. Beecher também tem a franqueza e a coragem - falando daqueles que foram forçados a abandonar a terrível doutrina como a única maneira de reivindicar o caráter e o governo divinos, o único caminho para a paz de espírito - para suportar o seguinte testemunha : -

"Não podemos enfrentar essa angústia do coração dos homens em bases frias e exegéticas. Podemos não acreditar com eles; mas não podemos denunciá-los. Podemos pensar que eles adotaram uma linha de raciocínio evasiva ou que seguiram uma fantasia. , em vez de uma verdadeira linha de fato; ou podemos dizer que é contrário ao testemunho da Escritura: mas quando grandes naturezas, na angústia de suas almas e com suas

simpatias acesas por seus semelhantes, tomaram um ou o outro desses motivos, eles devem ser respeitados e não perseguidos. ... Não digo que estejam certos ou errados; mas declaro que, se houver algum ponto em que devemos ser tolerantes e caridosos e pacientes em nossas construções das crenças dos homens, é sobre isso."

Doutor Patton. Um único testemunho a mais fechará este capítulo. "Você imagina que apenas os universalistas estremecem com a ideia da ruína eterna das almas perdidas? Todos os homens ponderados compartilham seu medo do fato e rejeitariam de bom grado a doutrina se pudessem honestamente. [253] Nada me impede pessoalmente de acolher a doutrina de que todos finalmente serão salvos, exceto a falta de evidência disso. Os ortodoxos geralmente têm o mesmo sentimento. Dói-nos pensar que tantos de nossos semelhantes estão vivendo em pecado e morrendo sem esperança.

"Tivemos vizinhos, amigos e parentes queridos que morreram, não dando

nenhuma evidência de caráter cristão, mas exatamente o contrário; e deveríamos estar muito felizes por finalmente nos encontrarmos no alto, santos e felizes. reconhecer que tiraria uma nuvem escura do mundo e um fardo pesado de meu coração, se eu acreditasse na doutrina.

"O pensamento é atraente para nossa razão, de que o universo estará em completa harmonia consigo mesmo; que Deus usará métodos, no decorrer das eras, pelos quais o pecado e a miséria serão encerrados, e a santidade e a felicidade caracterizarão todas as suas criaturas racionais. ... Dificilmente podemos conceber que um homem bom não tenha simpatia por tais anseios e esperanças... Não poucos cristãos se inclinam decididamente para essa crença. John Frederic Oberlin e John Foster a consideraram, após um exame do assunto à luz da razão e da Palavra de Deus; enquanto a visão contrária é aceita por outros mas com dolorosa dúvida e um sentimento de conflito". [254]

Recomendamos ao Dr. Patton as reconfortantes garantias do profeta evangélico (Isaías), que Paulo aplica diretamente à redenção em Cristo, em 1 Cor. 15. : "E nesta montanha (o evangelho) fará o Senhor a todos os povos um banquete de coisas gordas; ... e ele destruirá nesta montanha (através do evangelho) a cobertura lançada sobre a face *de todos os povos*, e o véu que está estendido sobre *todas as nações*. Ele aniquilará a morte com a vitória , e o Senhor Deus enxugará as lágrimas de *todos os rostos*; e tirará de toda a terra a repreensão do seu povo; porque o Senhor o disse. E se dirá naquele dia: Eis que este é o nosso Deus; temos esperado por ele, e ele salva-nos: este é o Senhor; por ele temos esperado, regozijar-nos-emos e exultaremos na sua salvação” (Isaías 25:6-9).

Quando esta grande profecia for cumprida, a "nuvem negra" de que fala o Dr. Patton será "levantada do mundo"; e, quando crer neste testemunho do Senhor, livrar-se-á do "pesado fardo de seu

coração" e compreenderá a verdade das palavras do Salvador: "Meu jugo é suave e meu fardo é leve".

Comparemos esses registros de experiência pessoal com alguns encontrados no Novo Testamento, e veremos a oposição com mais clareza. [255]

Entre os primeiros relatos que temos no livro de Atos, está escrito que "todos os que criam estavam juntos, perseverando unânimes todos os dias no templo; e, partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e caindo na graça de todos”. Atos 2.

Quando Filipe desceu a Samaria e pregou a Cristo e o Evangelho a eles, e realizou milagres de misericórdia em nome de Jesus, "o povo unanimemente dava ouvidos às coisas que Filipe falava, ouvindo e vendo os sinais que fazia. ; e houve grande alegria naquela cidade".

Assim, o eunuco, a quem Filipe instruiu, quando acreditou e entendeu a doutrina, "seguiu seu caminho regozijando-se". Atos, capítulo 8.

E assim entre os pagãos; quando o Evangelho é pregado a eles, "eles se alegram e glorificam a palavra do Senhor;" "os discípulos estão cheios de alegria e do Espírito Santo", etc. Atos, capítulo 13.

Acrescente a isso as muitas vezes alegres exclamações dos apóstolos: "Nós, os que cremos, entramos no descanso"; "Temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, e graça na qual permanecemos, e nos regozijamos na esperança da glória de Deus;" "Crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória;" [256] "Regozijai-vos sempre no Senhor, e outra vez digo, regozijai-vos; " "a profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! ... Pois dele, e por meio dele, e para ele, são todas as coisas: a quem seja a glória para sempre!" "E toda criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e as que estão no mar, e tudo o que está neles, ouvi dizer: Benção e honra, e glória, e poder ao que está assentado no trono, e

ao Cordeiro para todo o sempre!” Heb. 4. ; Rom. 5. ; 1 Pedro 1. ; Rom. 11. ; Apoc. 5.

Agora, quão marcante é a oposição entre essas passagens e as de Stuart e Barnes, no que diz respeito aos efeitos da fé! É possível acreditar que a fé é a mesma em ambos os casos, quando os efeitos são tão diferentes? No primeiro caso, temos descanso, paz, alegria, regozijo e exultação religiosa transbordando os corações daqueles que crêem; no outro, dúvidas, ansiedades, tortura da mente, angústia do coração e melancolia religiosa estabelecida.

"Uma fonte deita no mesmo lugar águas doces e amargas? "Temos aqui, claramente, águas doces e águas amargas, e deve haver duas fontes. Nenhum argumento pode tornar esse fato mais óbvio do que esses contrastes manifestos dos efeitos da fé. [257]

A simples verdade é que a doutrina da punição sem fim, realmente acreditada, compreendida e sentida em todos os seus horrores, é suficiente para esmagar o cérebro e o coração de qualquer homem; e

não nos surpreendemos que aqueles que se permitem pensar nisso, que começam a olhar para suas terríveis profundezas, gritem em desespero: "Está tudo escuro, escuro, escuro para minha alma, e não consigo disfarçar."

Tomemos o único fato, separado de todos os seus concomitantes, despojado de todos os seus disfarces e exibido em sua deformidade nua e revoltante - o único fato de uma alma humana tornada imortal para o sofrimento, mantida em existência infinita apenas para que possa ser atormentada sem fim. ; compelido a permanecer no pecado, excluído de toda possibilidade de arrependimento e libertação - isso é absolutamente horrível demais para a crença, crença completa e inteligente, sem cair à beira da insanidade, a menos que o coração seja feito de ferro fundido.

E, então, quando é lembrado que isso está sob o governo de um Deus que tem todos os recursos de sabedoria, poder e influências espirituais para impedi-lo; e quem, ao permitir e fazer isso, exige que o

adoremos e o amemos de todo o coração e alma, não é possível conter um sentimento de horror e repugnância. Não é possível amar tal Deus, adorá-lo em espírito e em verdade, orar a ele ou louvá-lo. Todo o ser se revolta ao pensar nisso. Razão, reverência, afeição, tudo se afasta dele com indisfarçável terror e repulsa; [258] e, em vez da luz e alegria da fé cristã, nada há para a alma senão as trevas da dúvida, a inquietação perpétua e a agonia do desespero.

De tudo isso há apenas um refúgio; e isto é, a rejeição total de uma doutrina tão claramente oposta ao espírito do Evangelho e ao mandamento da fé e do amor, e a recepção plena e calorosa da verdade divina de que Deus é o Pai de todos, Cristo o Salvador de todos, e o Céu o lar final de todos; que todo pecado e mal perecerão, e o bem, a santidade e a felicidade triunfarão para sempre.

"Um suporte adequado
Para as calamidades da vida mortal
Existe, apenas um, - uma crença segura
Que a procissão do nosso destino, ainda que

Triste ou perturbada, é ordenada por um Ser
De infinita benevolência e poder.
Cujos propósitos eternos abraçam
Todos os acidentes, convertendo-os em bem."

[259]

CAPÍTULO X.

TESTEMUNHOS ADICIONAIS SOBRE AS QUESTÕES DISCUTIDAS NOS CAPÍTULOS ANTERIORES.

Desde a publicação das primeiras edições desta obra, deparei-me com outros fatos e testemunhos que ilustram e fortalecem as posições assumidas no argumento geral a respeito da origem da doutrina da punição sem fim. Pareceu-me que poderia agregar valor ao livro e à satisfação do leitor reuni-los e apresentá-los em um capítulo adicional de *autoridades.*

Ainda outro capítulo pode ser acrescentado à *história* da doutrina - um capítulo que mostra a incrível mudança que ocorreu em todas as igrejas com

relação ao estilo e à frequência de sua pregação. Como Henry Ward Beecher diz com justiça: "A mente cristã educada de todas as terras, nos últimos cem anos, tem mudado; e expressões mais brandas e um espírito muito diferente têm prevalecido. [260] Não é pregado como costumava ser, - não como era na minha infância. Não tem sido pregado com tanta frequência, nem com a mesma ousadia ardente e familiar que costumava ser. Multidões de homens que dão todas as evidências de serem espirituais, regenerados e devotos, e laboriosos e abnegados, encontram-se limitados em suas mentes com relação a esta questão, e estão se voltando ansiosamente para todos os lugares para ver de onde o alívio pode vir. (n78) Eu gostaria de dedicar um capítulo a esta fase interessante, instrutiva e profética do assunto, e enfatizar o contraste entre a pregação e a escrita de Calvino, Boston, Edwards, Bellamy, o velho Beecher, Park-street Griffin e outros dos tempos mais antigos; e Kingsley, Stanley, Brooke, Park-street Murray e os Beechers mais jovens

de hoje. Mas isso deve ser adiado para outro momento; meus limites atuais permitindo apenas um lugar para o capítulo de *autoridades* já coletadas.

(n78) Sermão sobre Punição Futura, pregado em 16 de outubro de 1870.

SEÇÃO X.1

ADIÇÕES AO CAP. II., SEÇÃO 2. TESTEMUNHO DE CRÍTICOS E TEÓLOGOS ORTODOXOS PARA O FATO DE QUE A DOUTRINA NÃO É ENSINADA NA LEI DE MOISÉS.

Samuel Lee, em sua "Escatologia", diz: "Se nos referirmos ao instituto mosaico, descobriremos que suas motivações são extraídas, não do futuro, mas do mundo atual. [261] As recompensas da fidelidade e as penalidades pela desobediência eram do tempo e da terra. ... No Pentateuco não encontramos motivos extraídos do mundo futuro. O Antigo Testamento não faz

alusão ao modo de existência que sucede o presente." Novamente ele diz: "Deve ser lembrado que as recompensas e punições dos institutos mosaicos eram exclusivamente temporais. Nenhuma alusão é encontrada, no caso de indivíduos ou comunidades, em que é feita referência ao bem ou ao mal de um estado futuro como um motivo para a obediência". (n79)

(n79) Escatologia; ou, a Doutrina das Escrituras sobre a Vinda do Senhor, o Julgamento e a Ressurreição. Por Samuel Lee, Boston, 1859, pp. 6, 144-150.

O Dr. Payne Smith, em suas *Palestras Bampton,* diz: "A característica distintiva da profecia, como existia em Moisés, é que ela fornece todo o esboço da verdade do evangelho. Há, de fato, uma notável exceção. Moisés não ensinou claramente aos israelitas a doutrina de um julgamento futuro e de um estado eterno de recompensas e punições". (n80)

(n80) *Profecia uma Preparação para Cristo.* Por R. Payne Smith, D.D., Professor de Divindade, Oxford. Boston, 1870, p. 217.

[262]

O Rev. P. W. Farrar, do Trinity College (Faculdade Trindade), Cambridge, Inglaterra, autor do artigo sobre "Inferno" no Smith's Bible Dictionary (Dicionário Bíblico de Smith), diz: "As recompensas e punições da lei mosaica eram temporais; e foi apenas gradual e lentamente que Deus revelou para seu povo escolhido um conhecimento de futuras recompensas e punições." Muito lentamente, devemos pensar; pois o próprio escritor admite que não foi até depois do exílio, a.C. 536-445, que os judeus dividiram o *sheol* "em duas partes; uma a morada dos abençoados e a outra dos perdidos". E mesmo nisso ele não oferece um único texto bíblico como prova da afirmação de que, nessa data tardia, mil anos após a promulgação da lei, os hebreus nutriam tal noção de *sheol*. E, mesmo permitindo a afirmação, deve parecer muito estranho ao pensador cuidadoso que Deus revele essa doutrina

ao seu povo escolhido, não diretamente, mas por meio dos babilônios ou persas, como o Sr. Farrar parece íntimo por sua alusão ao exílio.

O Dr. Strong, um dos editores da *"Cyclopaedia of Biblical and Theological Literature"* (Enciclopedia de Literatura Teológica Bíblica) da Harpers, dá o seguinte testemunho: "A religião egípcia, em sua referência ao homem, era um sistema de responsabilidade que dependia principalmente de recompensas e punições futuras. A lei (de Moisés), em sua referência ao homem, era um sistema de responsabilidade que dependia principalmente de recompensas e punições temporais." (n81) [263]

(n81) Enciclopédia, art. "Egito." O Dr. Strong diz que não apenas Moisés, mas "todo israelita que saiu do Egito estaria totalmente familiarizado com a doutrina universalmente reconhecida de recompensas e punições futuras". E, no entanto, Moisés e Arão, sacerdote e levita, estão todos tão silenciosos quanto o *sheol* (sepulcro) sobre o assunto.

H. W. Beecher diz: "Toda a economia mosaica está aberta diante de nós; e não há um único exemplo nela em que a motivação é dirigida a uma pessoa por causa da imortalidade. Todos as motivações são extraídas de coisas seculares. A virtude deve trazer nesta vida sua recompensa, e maldade nesta vida trará sua punição. Essa é a tônica do sublime drama de Jó."

E ele diz em outro discurso, em substância, que a coisa mais estranha a respeito da doutrina do castigo sem fim é que, se "tivessemos apenas o Antigo Testamento, não poderíamos dizer se haveria algum castigo futuro". (n82)

(n82) *Sermão sobre o Paraíso*, domingo, 11 de outubro de 1870. — *Tribune and World Reports*.

E não é estranho para o Sr. Beecher que Deus, depois de quatro mil anos de silêncio e ocultação, revele a coisa horrível naquele evangelho que é declarado especialmente como "boas

novas de grande alegria para todas as pessoas"? [264]

SEÇÃO X.2

ADIÇÕES À SEÇÃO 3 DO CAP. II. *SHEOL*, OU A DOUTRINA DO INFERNO NO ANTIGO TESTAMENTO.

O Dr. Fairbairn, o erudito professor de teologia no College of Glasgow, e cujos volumes sobre "Profecia" e "Tipologia" lhe deram uma posição elevada entre os estudantes bíblicos e intérpretes, diz sem reservas: "Sem dúvida, o sheol, como o hades, era considerada a morada após a morte, tanto dos bons quanto dos maus." Claro, portanto, traduzi-lo pela palavra inglesa "inferno" é deturpar os escritores sagrados e enganar o leitor comum.

Edward Leigh, a quem Horne, em sua "Introdução", diz ser "um dos homens mais eruditos de seu tempo, e seu trabalho uma ajuda valiosa para a compreensão das línguas originais das Escrituras", declara sem reservas, que

"todos os estudiosos hebreus eruditos sabem que os hebreus não têm uma palavra adequada para inferno, como nós entendemos *inferno*".

F. W. Farrar diz que *inferno* é a palavra geralmente e infelizmente usada por nossos tradutores para traduzir o *sheol* hebraico, - infelizmente, porque a palavra inglesa "inferno" está misturada com inúmeras associações inteiramente estranhas às mentes dos antigos hebreus. [265] Talvez fosse melhor reter a palavra hebraica *sheol*, ou então traduzi-la sempre por "a sepultura" ou "a cova".

SEÇÃO X.3

ADIÇÕES AO CAP. 4. OS JUDEUS EMPRESTARAM A DOUTRINA DOS PAGÃOS.

A corrupção da religião judaica e os numerosos dogmas pagãos que foram incorporados ao credo nacional antes da época de Cristo são pontos importantes no argumento; na medida em que mostram

como o caminho foi preparado para a recepção da doutrina da punição sem fim na crença popular. Damos lugar, portanto, aos seguintes testemunhos adicionais sob este título.

"Erros de um tipo muito pernicioso", diz o Dr. Mosheim, "haviam infestado todo o corpo do povo (judeus). Prevaleciam entre eles várias noções absurdas e supersticiosas sobre a natureza divina, poderes invisíveis, magia, etc., que eles haviam trazido em parte do cativeiro babilônico e em parte derivado dos egípcios, sírios e árabes que viviam em sua vizinhança. Novamente ele diz: "Os ancestrais daqueles judeus que viveram no tempo de nosso Salvador trouxeram da Caldéia e dos países vizinhos muitas fantasias extravagantes e ociosas, [266] que eram totalmente desconhecidas dos fundadores originais da nação. A conquista da Ásia por Alexandre o Grande foi também um acontecimento do qual podemos datar uma nova adesão de erros ao sistema judaico, pois, em consequência dessa revolução, os costumes e opiniões

dos gregos começaram a se difundir entre os judeus. suas viagens ao Egito e à Fenícia, eles trouxeram para casa, não apenas a riqueza dessas nações corruptas e supersticiosas, mas também seus erros perniciosos e fábulas ociosas, que foram imperceptivelmente misturados com suas próprias doutrinas religiosas. (n83)

(n83) *História da Igreja* de Mosheim, século i. pt. i. cap. ii. Veja também a nota de Guizot em Milman's Gibbon, cap, xxi *Historia de Neander*, i. pp. 49-62.

"Os hebreus receberam sua doutrina de demônios de duas fontes. Na época do cativeiro babilônico, eles a derivaram da fonte da magia caldeu-persa; e depois, durante a supremacia grega no Egito, eles estiveram em estreita relação com esses estrangeiros, particularmente em Alexandria, e acrescentaram às noções mágicas aquelas emprestadas desta fonte egípcio-grega. E esta conexão e mistura são vistas principalmente no Novo Testamento. [267] Era impossível evitar a

mistura de especulações gregas. A voz dos profetas ficou em silêncio. O estudo e a investigação haviam começado. A crença popular e a filosofia se separaram; e até mesmo os filósofos se dividiram em várias seitas, saduceus, fariseus e essênios; e as noções platônicas e pitagóricas, misturadas com as doutrinas orientais, já haviam se desdobrado o germe da filosofia helenística e cabalística. Este era o estado de coisas quando Cristo apareceu." (n84)

(n84) Enciclopédia Americana, art. " Demônio."

Este testemunho do historiador erudito e preciso vai direto ao ponto e nos revela as fontes da corrupção grosseira, das falsas doutrinas e das superstições e fábulas pagãs que encobriram a fé simples de Moisés e dos profetas nos dias de Cristo. .

SEÇÃO X.4

ADIÇÕES AO CAP. V., SEÇÃO 4. AS PALAVRAS ETERNO, SEMPRE, PARA SEMPRE, ETC.

O fundamento assumido até agora, que o hebraico *olam* e o grego *aionios* representam uma estrita eternidade, que esta é a força radical e inerente dos termos, foi abandonado pelo Dr. Tayler Lewis, um dos críticos mais eruditos e exatos. da escola ortodoxa, [268] em uma dissertação recente dele no Comentário de Lange. Seu testemunho é o seguinte: "O pregador, ao debatedor com o Universalista ou Restauracionista, cometeria um erro e, talvez, sofresse uma falha em seu argumento, se colocasse toda a ênfase no significado etimológico ou histórico das palavras *aion, aionios, e tentar provar que, por si mesmas, elas carregam necessariamente o significado de duração infinita.*"

Novamente: ele diz sobre a palavra hebraica em Ecl. 1:3, "Isso certamente indica, não uma eternidade sem fim no sentido mais estrito da palavra, *mas apenas um futuro de duração ilimitada*. Em Êxodo 21:16 ele diz: "*Olam* aqui parece ser tomado como um termo

hiperbólico para duração indefinida ou não medida;" e então contrasta com Deuteronômio 32:40, como um exemplo dos imensos extremos que o contexto mostra no uso da palavra, - "*Eu vivo para sempre,* falado por Deus de tal maneira que *significa nada menos do que o eternidade absoluta ou infinita*. Mas é o assunto a que se aplica que obriga a isso, não qualquer necessidade etimológica na própria palavra."

Este é o fundamento que sempre adotamos em relação a toda essa classe de palavras, que seu significado depende da conexão ou dos assuntos aos quais são aplicadas. [269] E o Prof. Lewis, depois de afirmar que *olam* em Ecl. 1:3 (e o mesmo é verdadeiro para seu equivalente grego *aionios*) “não pode significar para sempre no sentido de duração infinita”, acrescenta muito apropriadamente, que “pode ser usado para tal ideia *quando o contexto claramente exige,* como quando é empregado para denotar a continuação da existência divina, ou do reino divino." Novamente: ele diz em Ecl. 12:5, onde o

hebraico de "long home" é *beth olam*, "certamente não denota uma eternidade sem fim absoluta".

O significado próprio das palavras, segundo o professor, é “tempo mundial”; "Primeiro, como expressão de algum grande período, ciclo ou era, não tendo sua medição externa, mas que vai além de qualquer medição histórica ou astronômica conhecida; "segundo", em um sentido inferior ou mais limitado, - um olam, aeon , idade, mundo ou tempo mundial, - que podem ser históricos; períodos indefinidos que se sucedem durante a continuidade da mesma terra ou cosmos. Assim dizemos o mundo antigo, o mundo moderno, o mundo grego, o mundo romano , etc. Isso corresponderia ao nosso uso da palavra 'eras', e faria sentido, Eclesiastes 1:10, 'os mundos ou eras anteriores'. " [270]

Em Mat. 25:46 ele diz, "*Aionios* talvez signifique uma existência, uma duração, medida por *aeons (eras)* ou mundos (tomados como a unidade de medida), assim como nosso mundo atual, ou *aeon*, é

medido por anos ou séculos. Mas seria mais de acordo com o uso etimológico mais claro dar-lhe simplesmente o sentido de *olâmico* ou *aiônico*, ou considerá-lo como denotando, como o hebraico *olam habba*, o mundo vindouro ... Estes irão para o castigo (a restrição ou prisão) do mundo vindouro, e estes, para a vida do mundo vindouro. Isso é tudo o que podemos etimologicamente ou exegeticamente fazer da palavra nesta passagem."

SEÇÃO X.5

ADIÇÕES AO CAP. VI. A INTRODUÇÃO DA DOUTRINA NA IGREJA CRISTÃ.

A importância do assunto apresentado neste capítulo justificará as provas adicionais que se seguem. Ninguém familiarizado com a história interna da Igreja nos séculos imediatamente seguintes à era apostólica exigirá mais provas do que esse conhecimento lhe fornecerá, de que dificilmente seria

possível que o dogma da punição sem fim não encontrasse seu caminho em tal massa. de superstição e maldade, tal antro de corrupção teológica e moral. [271] O seguinte é de um artigo da Contemporary Review sobre "A corrupção do cristianismo pelo paganismo:" -

"Que uma vasta revolução realmente ocorreu em muitas das doutrinas e em todos os usos externos da Igreja, entre a era de Constantino (~300 d.C.) e a de Justiniano (~550 d.C.), é uma simples questão de história. A verdade é patente demais para ser negada, explique-a como quisermos. A explicação que parece mais provável é aquela que atribui a mudança no cristianismo à sua fusão gradual com o paganismo do império.

"A revolução teve, como a maioria das outras, várias causas predisponentes, que por muito tempo atuaram em silêncio antes que seu efeito se tornasse visível. Três são suficientes para mencionar: a tendência irresistível da época para a superstição; o intercâmbio familiar entre a população pagã e a classe inferior dos

cristãos; e, finalmente, a credulidade e a falsa filosofia da maioria dos eruditos teólogos cristãos, e sua política bem-intencionada, mas equivocada, ao lidar com as corrupções introduzidas pelos ignorantes. A condição do mundo romano desde o início do cristianismo era extremamente desfavorável à preservação de sua pureza; [272] e, como a antiga civilização declinou devido ao desgoverno e desorganização social, tornou-se cada vez mais difícil para a Igreja lutar contra as influências maliciosas que a cercavam por todos os lados.

"Sem dúvida, muitos costumes pagãos foram adotados sem nenhuma má intenção, ou, como na recomendação de Gregório Magno a Agostinho de Canterbury, com o bom objetivo de ganhar os pagãos para o evangelho. O sistema cerimonial e lendário do Paganismo teve muitos aspectos românticos e encantos que ainda são mantidos por eles sob suas vestimentas cristãs. Mas, embora alguma mistura de idéias e práticas pagãs possa ser tolerada inocentemente, é outra

questão quando vemos uma vasta estrutura de erros, como apóstolos e mártires morreram para resistir, acrescentado à fé uma vez entregue aos santos". (n85)

(n85) Reimpresso em *Littell's Living Age* de 23 de abril de 1870. Outros testemunhos podem ser vistos em Mosheim, i. 115, 125, etc.; Enfield's Hist. Fil. você. 271, 281, etc., e em historiadores da Igre ja em geral.

Os fatos reunidos na nota abaixo são bastante dolorosos; mas é necessário dar lugar a eles para que o indagador possa entender completamente como uma doutrina tão abominável como a do castigo sem fim, [273] e tão hostil ao espírito do evangelho, encontrou seu caminho no credo da Igreja Cristã. (n86)

(n86) O grande historiador eclesiástico, Eusébio, encabeça cap. xxxi. do Livro 12 de sua *Preparação Evangélica* assim: "ATÉ ONDE PODE SER ADEQUADO USAR A FALSIDADE COMO REMÉDIO, E PARA O BENEFÍCIO DAQUELES QUE PRECISAM SER ENGANADOS." E ele se

compromete a defender a propriedade de usar a falsidade apelando para exemplos fingidos no Antigo Testamento. Orígenes confessou o mesmo princípio (Dissertações de Mosheim, p. 203). O bispo Horsley, em sua controvérsia com o Dr. Priestley, afirma o mesmo fato. Na página 160, ele diz: "Foi-se o tempo em que a prática de usar meios injustificáveis para servir a uma boa causa era abertamente declarada; e o próprio Orígenes estava entre seus defensores". Crisóstomo, bispo de Constantinopla, defendeu a mesma doutrina (Mosh. Diss., p. 205). Gregório de Nazianzeno (360-090 d.C.), apelidado de "o Divino", diz: "Um pequeno jargão é tudo o que é necessário para impor ao povo. Quanto menos eles compreendem, mais admiram. Nossos antepassados e doutores da Igreja muitas vezes disseram, não o que pensavam, mas o que as circunstâncias e a necessidade lhes ditavam". Synesius (400-420 d.C.), bispo de Ptolemais, diz: "O povo deseja ser enganado. Não podemos agir de outra forma respeitando-o". E um pouco mais adiante ele diz: "De minha parte, para mim mesmo sempre serei um filósofo; mas ao lidar com a massa da humanidade serei um sacerdote" (Cave's Ecel. p. 115). São Jerônimo (380 d.C.) diz: "Não culpo um erro que proceda do ódio aos judeus e do zelo piedoso pela fé cristã" (Opera,

iv, p. 113). Mosheim "inclui especialmente no mesmo cargo" Ambrósio (370 d.C.), bispo de Milão, Hilário, bispo de Poitiers e Agostinho (400 d.C.), bispo de Hipona, "cuja fama", diz Mosheim, "preenchida, não sem razão , todo o mundo cristão. Gostaríamos de bom grado", acrescenta ele, "excluí-los dessa acusação; mas a verdade, que é mais respeitável do que esses veneráveis pais, nos obriga a envolvê-los na acusação geral". Dr. Chapman, em seu Miscellaneous Tracts, p. 191, diz: "O erudito Mosheim, um teólogo estrangeiro e zeloso defensor do cristianismo, que por seus escritos mereceu a estima de todos os homens bons e instruídos, insinua seus temores de que aqueles que pesquisam com algum grau de atenção os escritos dos pais e santíssimos doutores do século IV *encontrarão todos eles, sem exceção, dispostos a mentir e enganar sempre que os interesses da religião o exigirem.* O erudito Dodwell, em um trabalho publicado por ele, "se abstém de produzir mais provas de antigas falsificações cristãs", "por sua grande veneração pela bondade e piedade dos pais". Que razão estranha e inconsistente foi essa! — Universalist Book of Reference, p. 359.

[274]

SEÇÃO X.6

ADIÇÕES AO CAP. VIII. *A INFLUÊNCIA MORAL* COMPARATIVA DA CRENÇA E DESCRENÇA NA PUNIÇÃO SEM FIM. CONTRASTE HISTÓRICO.

Muitas afirmações foram feitas a respeito da necessidade de uma crença no futuro *castigo sem fim* como a salvaguarda da sociedade e o único fundamento seguro da moralidade pública e privada. Os fatos expostos no capítulo VIII ao qual esta seção é um apêndice mostram quão pouco fundamento há para tais afirmações; e a história das nações e tribos pagãs em todos os lugares e em todas as épocas fornece a mesma evidência sobre esse ponto. Não existe na terra maior maldade, nem corrupção mais completa da moral e das maneiras, nem costumes e práticas mais repugnantes do que entre aqueles pagãos que acreditam em infernos e tormentos tão horríveis quanto a linguagem pode descrever. [275]

Mas a própria Igreja Cristã também dá testemunho da mesma verdade. Enquanto fosse fiel às doutrinas de Cristo e ao espírito divino de seu evangelho, os crentes viveriam de acordo com a lei do amor e da santidade, e honrariam sua profissão pela pureza de sua conversa e conduta. E, como diz Lucas, "comiam com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo" (Atos 2). Mas assim que terminamos um afastamento das grandes verdades do cristianismo - a paternidade de Deus, a irmandade do homem, a redenção final de todos -, encontramos uma correspondente frouxidão moral e frouxidão de maneiras; e isso aumenta a cada novo afastamento da pureza do evangelho. Os historiadores da Igreja testemunham a uma só voz esta corrupção e depravação.

"Depois que nossos assuntos degeneraram das regras da piedade, um perseguiu o outro com aberta injúria e ódio; e lutamos uns contra os outros com armaduras de despeito, com lanças afiadas de palavras injuriosas: de modo

que bispos contra bispos, e pessoas contra pessoas, levantaram sedição [276] Por fim, quando aquela maldita hipocrisia e dissimulação nadou até a borda da malícia, a pesada mão do julgamento de Deus veio sobre nós, a princípio pouco a pouco. nem buscou pacificar a Deus, mas amontoou pecado sobre pecado, pensando que Deus não se importaria ou nos visitaria por nossos pecados; e quando nossos pastores, deixando de lado as regras da piedade, contenderam e lutaram violentamente entre si, e acrescentaram contenda a contenda, e ameaças, ódio e inimizade mútuos e ambição tirânica - então Jeová derramou sua ira sobre nós e não se lembrou de nós" (n87).

(n87) Eusébio (falecido em 340 d.C.), Hist. Ecl. lib. viii. cap. 1.

"Embora não faltassem exemplos de piedade e virtude primitivas, muitos eram viciados em dissipação, arrogância, voluptuosidade, contenda e outros vícios. Isso aparece distintamente das frequentes

lamentações das pessoas mais credíveis daqueles tempos." "Os presbíteros imitavam o exemplo de seus superiores e, negligenciando os deveres de seu ofício, viviam na indolência e no prazer." Novamente: "Os vícios e faltas do clero, especialmente daqueles que oficiavam em grandes e opulentas cidades, foram aumentados de acordo com suas riquezas, honras e vantagens. [277] Os bispos pisotearam os direitos do povo e do clero inferior e competiram com os governadores civis das províncias em luxo, arrogância e voluptuosidade." (n88)

(n88) Mosheim's Hist. Ecl. séculos iii., iv. Tradução de Murdock.

Tais são os resultados morais que seguem o crescimento na Igreja do dogma da punição sem fim, ou a tentativa de conduzir os homens, pelo medo do inferno, a uma vida de pureza e bondade. E esse estado de coisas piorou cada vez mais, se possível, durante aquele longo

período sombrio tão justamente descrito como a "idade das trevas".

E agora tomemos outro ponto de vista e vejamos o que se apresenta do outro lado. No último meio século, houve uma grande mudança na teologia da Igreja, um maravilhoso abrandamento das duras características de todos os credos e uma abordagem constante mais uma vez das doutrinas simples e sublimes do evangelho. As grandes verdades do Universalismo - o caráter paterno e o amor de Deus, a irmandade do homem e a restauração final de todos à santidade e bem-aventurança - fizeram, nos últimos cinquenta anos, progresso sem paralelo na América e na Europa; e centenas de milhares regozijam-se com o conhecimento e fé deles; enquanto centenas de milhares em igrejas de todos os nomes já abandonaram totalmente ou em sua maior parte o revoltante dogma da angústia sem fim. [278]

E agora, qual é a condição moral da sociedade atual na América e na Europa, comparada com a do período a que já

aludimos, quando o princípio da força bruta e do terror prevalecia na religião e nos governos, e a doutrina do tormento interminável dominava a Igreja e o povo? As pessoas pioraram ou melhoraram? Os aspectos morais e humanos da sociedade se iluminaram ou escureceram sob a influência? Deixe a história do presente responder.

Olhe para os nobres empreendimentos filantrópicos que estão despertando as nações para uma vida nova e mais elevada. Eis os asilos para loucos, cegos, surdos e mudos; hospitais para doentes e mutilados; sociedades de temperança; associações de emprego e assistência aos pobres; asilos para homens e mulheres idosos; Odd Fellowship e associações afins que reconhecem e reduzem à prática os grandes princípios da fraternidade humana e os deveres de amor e ajuda mútuos: associações para cristianizar nossas leis; sociedades de paz; sociedades de disciplina prisional; a extensão da educação; o aumento da liberalidade e tolerância cristã, etc. [279]

Essas coisas indicam um avanço ou um movimento retrógrado? Essas nobres reformas, esses empreendimentos cristãos de benevolência e humanidade, parecem como se a moral da sociedade estivesse em declínio? Eles mostram que a ampla difusão das doutrinas do Universalismo teve uma influência perigosa na moral pública? Ou, em outras palavras, essas coisas mostram que as crescentes dúvidas e descrença da punição sem fim, e todos os seus erros semelhantes, retiraram qualquer restrição salutar ou abriram o caminho para uma violação geral das leis cristãs e sociais? O povo da América ou da Europa está pior agora do que na idade das trevas? menos esclarecidos, menos virtuosos, menos cristãos, menos caridosos e amorosos com seus semelhantes, menos sinceros em seus esforços para elevar a condição moral e social dos pobres, ignorantes e degradados, e para libertar os oprimidos e cativos?

A todas essas perguntas a resposta uniforme e enfática é Não! Longe de a

sociedade piorar sob essas influências, ela está melhorando a cada ano. Sua vida moral está cada vez mais desenvolvida; e nunca houve um período na história política, social e religiosa do mundo em que houvesse sinais de maior promessa do que agora; nunca houve um momento em que houvesse mais elementos de melhoria e progresso no trabalho, ou quando o presente e o futuro parecessem mais esperançosos do que nesta hora. (n89) [280]

(n89) *Para mais evidências de que a doutrina da punição sem fim não melhora a moral de seus crentes, ou restringe os apetites e paixões, nos referimos a um pequeno volume, intitulado "Ortodoxia como ela (realmente) é" ("Orthodoxy as It Is"), cap. iv., contendo um registro que relutamos em transferir para estas páginas.*

THE ORIGIN AND HISTORY OF THE DOCTRINE OF ENDLESS PUNISHMENT BY **THOMAS B. THAYER.**

NEW AND ENLARGED EDITION.

BOSTON :UNIVERSALIST PUBLISHING HOUSE. **1881.**

1) UNIVERSALISMO AFIRMADO como a esperança do Evangelho na autoridade da Razão dos Pais e das Sagradas Escrituras, por Thomas Allin, 1895

PREFÁCIO (por EDNA LYALL)

UNIVERSALISMO AFIRMADO parece-me preencher uma grande carência do dia. Era necessário um livro que abordasse de maneira justa e completa o assunto da punição futura, pois embora existam muitos trabalhos sobre o assunto, eles ou abordam apenas um aspecto do assunto, ou foram escritos apenas para estudiosos, não para as multidões. O texto do Sr. Allin é escrito enfaticamente de forma que pode ser compreendido pelo povo,

2) História Antiga do Universalismo por Hosea Ballou, 1872

Do tempo dos apóstolos ao Quinto Concilio Geral. Com um apendice rastreando a doutrina até a Reforma.

... a História Antiga do Universalismo se distingue naturalmente, por certas particularidades, em três Períodos sucessivos: o Primeiro, que se estende até o ano 190 e abarcado nos dois primeiros capítulos, oferece apenas traços indiscutíveis dessa doutrina (universalismo) ou de seu oposto; o Segundo, que percorre os capítulos terceiro,quarto, quinto e sexto, até o ano 390 ou 394, distingue-se pela existência tanto do universalismo quanto da doutrina da miséria sem fim, sem produzir a menor perturbação ou mal-estar na igreja. o Terceiro periodo, que vai até o Quinto Concílio Geral, em 553 d.C., é marcado por contínuas censuras, frequentes comoções e algumas discussões vergonhosas sobre esse assunto.

3) História das Opiniões sobre a Doutrina Bíblica da Retribuição por Edward Beecher D.D. , 1878

Neste momento, existem pelo menos quatro posições assumidas quanto aos destinos dos ímpios: 1. Que eles serão finalmente aniquilados (deixarão de existir). 2. Que eles serão finalmente restaurados à santidade e felicidade. 3. Que sua punição é infinita (inferno eterno). 4. Que não podemos decidir qual dessas opiniões é a verdade. Não era meu propósito, como historiador, atacar ou defender qualquer uma dessas posições. Mas não era possível dar opiniões sobre a época de Cristo e da Igreja primitiva sem perguntar como eles entendiam suas palavras.